



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
MESTRADO ACADÊMICO EM LINGUÍSTICA APLICADA

EVERTON CASTRO DE ALMEIDA

CATEGORIZAÇÃO E CORPORIFICAÇÃO EM DICIONÁRIOS ESCOLARES:
UMA ANÁLISE DO PARADIGMA DEFINICIONAL



FORTALEZA – CEARÁ

2019

EVERTON CASTRO DE ALMEIDA

CATEGORIZAÇÃO E CORPORIFICAÇÃO EM DICIONÁRIOS ESCOLARES:
UMA ANÁLISE DO PARADIGMA DEFINICIONAL

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará como requisito para a obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação

Orientador: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes

FORTALEZA – CEARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Almeida, Everton Castro de.

Categorização e corporificação em dicionários escolares: uma análise do paradigma definicional [recurso eletrônico] / Everton Castro de Almeida. - 2019.

1 CD-ROM: il.; 4 ¼ pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 104 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2019.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes.

1. Dicionário. 2. Definição. 3. Categorização. 4. Corporificação. 5. Lexicografia Cognitiva. I. Título.

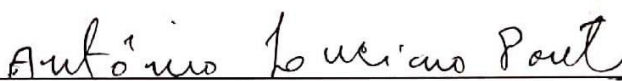
EVERTON CASTRO DE ALMEIDA

CATEGORIZAÇÃO E CORPORIFICAÇÃO EM DICIONÁRIOS ESCOLARES: UMA
ANÁLISE DO PARADIGMA DEFINICIONAL

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada. Área de Concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 12 de dezembro de 2019.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antonio Luciano Pontes (Orientador)

Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Gislene Lima Carvalho

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB



Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes

Universidade Estadual do Ceará – UECE

AGRADECIMENTOS

A Deus, por tudo!

A minha mãe, exemplo de mulher batalhadora, pelo amor e todos os cuidados que teve por mim.

A meu tio Danilo, hoje junto do Senhor, por todo o apoio na minha vida educacional e partilha de vivências.

A toda a minha família, Rejane, Roseliane, Elivan, Luiz, Ivan e Glendha, por todo o apoio e incentivo.

Ao meu irmão Felipe, por todo o apoio com meus desabafos nos momentos difíceis, e pela partilha dos momentos felizes.

Ao meu grande amigo Daniel Carvalho, por me apresentar aos estudos lexicográficos e pela amizade que já dura quase uma década.

A minha grande amiga Ana Grayce, pela partilha da paixão pela cognição e por ser uma guia em vários momentos da vida acadêmica.

Ao meu orientador Luciano Pontes, por acreditar em mim desde a Iniciação Científica e pelas orientações para a vida pessoal e acadêmica.

A todos os membros do LETENS, em especial Lorena e Hugo, por todo o apoio, contribuições e por serem inspiração no mundo da pesquisa.

Aos amigos do grupo Nata da Society, Daiana, Mirela, Fellipe e Cleudivan, pelas felicidades vividas juntos e pelo apoio nos momentos difíceis da vida pessoal e acadêmica.

À Mariana Inácio e *John* Inácio, pela amizade, apoio e cumplicidade ao longo desses anos.

A minha grande amiga Zilmara Santos, pela tão valiosa amizade e pelo apoio a vida acadêmica e pelos risos partilhados.

À Irene Castro, pelo apoio nos meus estudos e incentivo para minha ida à universidade.

A todos os professores do PosLA, pela partilha das vivências de pesquisa e multiplicação dos conhecimentos.

À Lúcia Ferreira, minha madrinha, pelo apoio na minha vida educacional, sobretudo na Educação Básica.

A todos os colegas das turmas de mestrado e de doutorado de 2018, pelas discussões e contribuições ao longo das disciplinas e das conversas.

A todos os funcionários da secretaria do PosLA, pela solicitude, cordialidade e paciência ao longo desses 2 anos.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo auxílio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa.

RESUMO

Desde que os dicionários foram inclusos no Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, as pesquisas a nível nacional sobre essa poderosa ferramenta pedagógica se tornaram ainda mais relevantes. A disciplina que se ocupa desses estudos é a Lexicografia, área da Linguística Aplicada, na qual se insere esta pesquisa. Na verdade, este trabalho se situa em uma interface entre a Lexicografia e a Linguística Cognitiva, disciplina da Linguística. Em um enquadramento descritivo e qualitativo, objetivamos investigar a relação entre os fenômenos da categorização e da corporificação em definições relativas a frutos em dicionários escolares tipo 3 do PNLD 2012. Baseamos-nos, para tanto, nos pressupostos teóricos da Lexicografia (PONTES, 2009; WELKER, 2004, BUGUEÑO MIRANDA, 2001), da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; FERRARI, 2011; DUQUE & COSTA, 2012) e de pesquisadores que já atuam nessa interface (GEERAERTS, 2007, IBARRETXE-ANTUÑANO, 2010; OSTERMANN, 2015). Os dados revelam semelhanças entre o que a Lexicografia preconiza para a estrutura das definições e as postulações da Linguística Cognitiva sobre organização estrutural de categorias cognitivas. Foram encontradas nas definições diferentes tipos de características especificadoras correspondentes a atributos definidores que remontam ao fenômeno da corporificação. Concluimos que a construção de categorias a partir das definições lexicográficas é dependente da apresentação de atributos definidores. O nosso trabalho resulta, ainda, em uma proposta de classificação dos tipos de informação que compõem a definição.

Palavras-chave: Dicionário. Definição. Categorização. Corporificação. Lexicografia Cognitiva.

ABSTRACT

Since the dictionaries have been included as part of the Brazilian National Plan for the Didactic Books, researches focused on this powerful pedagogical tool have become even more relevant. The discipline that studies dictionaries is called Lexicography, an area of Applied Linguistics, in which this work is placed. Actually, this research is placed in an interface between Lexicography and Cognitive Linguistics, a discipline of Linguistics. Within a descriptive and qualitative framework, we have investigated the relationship between categorization and embodiment in definitions related to fruits in PNLD school dictionaries. In order to do that, we have based this work on the theoretical support from Lexicography (PONTES, 2009; WELKER, 2004, BUGUEÑO MIRANDA, 2001), Cognitive Linguistics (LAKOFF, 1987; FERRARI, 2011; DUQUE & COSTA, 2012) and from researchers who have worked on this interface (GEERAERTS, 2007, IBARRETXE-ANTUÑANO, 2010; OSTERMANN, 2015). The data reveal similarities between what Lexicography establishes for the structure of definitions and what Cognitive Linguistics understand for the organization and structure of cognitive categories. We have found different types of characteristics in the definitions that correspond to defining attributes related to the embodiment phenomenon. We have concluded that the “construction” of categories from lexicographic definitions is dependent on the inclusion of defining attributes in their structure. Our work also results in a classification model for the types of information in the structure of definitions.

Keywords: Dictionaries. Definition. Categorization. Embodiment. Cognitive Lexicography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura prototípica em <i>semelhanças de família</i> segundo Kleiber (1995).....	42
Figura 2 – <i>Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras</i>.....	51
Figura 3 – <i>Dicionário Aurélio Júnior</i>.....	51
Figura 4 – <i>Dicionário Caldas Aulete</i>.....	52
Figura 5 – <i>Dicionário Didático de Língua Portuguesa</i>.....	52
Figura 6 – <i>Dicionário Saraiva Júnior</i>.....	53

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Paradigmas da microestrutura.....	30
Quadro 2 – Verbetes <i>jardim</i> no Aurélio (2005).....	31
Quadro 3 – Classificação de dicionários do PNLD.....	33
Quadro 4 – Verbetes relativos a <i>abacate</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	58
Quadro 5 – Verbetes relativos a <i>abacaxi</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	61
Quadro 6 – Verbetes relativos a <i>abóbora</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	64
Quadro 7 – Verbetes relativos a <i>abobrinha</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	66
Quadro 8 – Verbetes relativos a <i>abricó</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	67
Quadro 9 – Verbetes relativos a <i>açaí</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	70
Quadro 10 – Verbetes relativos a <i>acerola</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	72
Quadro 11 – Verbetes relativos a <i>ameixa</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	74
Quadro 12 – Verbetes relativos a <i>amora</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	76
Quadro 13 – Verbetes relativos a <i>ananás</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	79
Quadro 14 – Verbetes relativos a <i>araçá</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	80
Quadro 15 – Verbetes relativos a <i>avelã</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	83
Quadro 16 – Verbetes relativos a <i>azeitona</i> nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012.....	85
Quadro 17 – Distribuição de tipos características especificadoras por verbo de Aurélio Júnior.....	89
Quadro 18 – Distribuição de tipos características especificadoras por verbo de Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras.....	90
Quadro 19 – Distribuição de tipos características especificadoras por verbo de Caldas Aulete.....	91
Quadro 20 – Distribuição de tipos características especificadoras por verbo de Dicionário Didático de Língua Portuguesa.....	92
Quadro 21 – Distribuição de tipos características especificadoras por verbo de Saraiva Júnior.....	94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AJ	Aurélio Júnior
CA	Caldas Aulete
Chei.	Cheiro
Comp.	Composição
DDL	Dicionário Didático de Língua Portuguesa
DEABL	Dicionários Escolar da Academia Brasileira de Letras
Esp.	Espessura
Funç.	Função
Form.	Forma
Mat.	Maturação
O.G.	Origem geográfica
Orien.	Orientação
Sab.	Sabor
SJ	Saraiva Júnior
PNLD	Plano Nacional do Livro Didático
Prov.	Proveniência
Tam.	Tamanho
Text.	Textura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	21
2.1	LEXICOGRAFIA: CONTEXTUALIZAÇÃO, FOCOS DE PESQUISA, OBJETOS DE ESTUDO.....	21
2.1.1	As ciências do léxico.....	21
2.1.2	Os dicionários.....	23
2.1.3	Teoria lexicográfica, para que te quero?.....	25
2.1.4	As estruturas do dicionário.....	28
2.1.5	Desvendando a microestrutura.....	29
2.1.6	Dicionários escolares.....	32
2.2	LINGUÍSTICA COGNITIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES.....	34
2.2.1	A Linguística Cognitiva no <i>hall</i> das Ciências Cognitivas.....	34
2.2.2	Categorização.....	35
2.2.3	Paradigma clássico de categorização.....	36
2.2.4	Wittgenstein e as semelhanças de família.....	38
2.2.5	Rosch e a Teoria dos Protótipos.....	40
2.2.6	Uma síntese teórica.....	42
2.2.7	Atributos definidores e Níveis de categorização.....	44
2.2.8	A mente corporificada.....	45
2.3	INTERFACE ENTRE METALEXICOGRAFIA E LINGUÍSTICA COGNITIVA.....	47
3	METODOLOGIA.....	50
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	50
3.2	SOBRE OS DICIONÁRIOS ANALISADOS.....	50
3.3	DA SELEÇÃO DOS VERBETES.....	53
3.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	54
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	56
4.1	O ARQUILEXEMA NAS DEFINIÇÕES.....	56
4.2	ABACATE.....	58
4.3	ABACAXI.....	60
4.4	ABÓBORA.....	63
4.5	ABOBRINHA.....	65

4.6	ABRICÓ.....	67
4.7	AÇAÍ.....	69
4.8	ACEROLA.....	71
4.9	AMEIXA.....	73
4.10	AMORA.....	76
4.11	ANANÁS.....	78
4.12	ARAÇÁ.....	80
4.13	AVELÃ.....	82
4.14	AZEITONA.....	85
4.15	SOBRE A CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA.....	87
4.16	ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE OS DICIONÁRIOS.....	88
4.16.1	Aurélio Júnior.....	89
4.16.2	Dicionário da Academia Brasileira Brasileira de Letras.....	90
4.16.3	O Caldas Aulete.....	91
4.16.4	O Dicionário Didático da Língua Portuguesa.....	92
4.16.5	O Saraiva Júnior.....	93
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
	REFERÊNCIAS.....	100
	APÊNDICES.....	103
	APÊNDICE A – TRIAGEM DOS VERBETES DA LETRA A A PARTIR DE LEVANTAMENTO INICIAL DAS ENTRADAS NO DEABL.....	104

1 INTRODUÇÃO

O dicionário goza de bastante prestígio social e é tido como obra de referência sobre diversos aspectos relativos à natureza das palavras. De acordo com Pontes (2008), os dicionários trazem diversas informações de natureza gramatical, semântica e pragmáticas, além de incluírem aspectos relativos ao gênero gramatical, forma gráfica e aspectos sonoros, bem como sua etimologia, sua significação e seus valores expressivos e de uso diversos contextos (PONTES, 2008).

Dessa forma, se evidencia a multiplicidade de aspectos ligados à natureza das palavras dimensionadas no dicionário, sendo este, portanto, um objeto de pesquisa multifacetado no que concerne às informações que aporta em seu âmago. Contudo, tal citação ainda está longe de esgotar a totalidade de fenômenos trazidos ao longo de suas diferentes estruturas, a saber, megaestrutura, macroestrutura, medioestrutura, microestrutura e material interposto.

Além disso, essas obras se mostram ainda mais ricas e multifacetadas quando submetidas ao crivo minucioso das ditas *ciências do léxico*. A Metalexicografia, uma dessas disciplinas, que tem por objeto de estudo os dicionários, evidencia que é possível reconhecer aspectos de ordem pragmática, ideológica, multimodal, metadiscursiva, cognitiva, dentre outros, contidos nessas obras. Tais percepções possibilitam diálogos, que têm se mostrado bastante frutíferos, entre a Metalexicografia e as áreas que têm esses diversos aspectos como objeto de pesquisa, expandindo a compreensão dessas obras e proporcionando contribuições interdisciplinares de maneira dialética.

Nesse sentido, Chaves (2011) desenvolve uma interessante pesquisa em uma interface entre Lexicografia e Análise do Discurso Crítica. Nela, a pesquisadora investiga as relações entre discurso e ideologia no dicionário. Para tanto, analisa os verbetes *homem* e *mulher* no dicionário de língua francesa *Le Robert Micro* (edições 1988 e 2006). A partir de suas análises, foi possível identificar elementos que apontam para a presença de ideologia sexista no discurso dicionarístico.

Já Fechini (2013) utiliza-se do aporte teórico dos estudos sobre metadiscurso e analisa sua dimensão visual, com base especificamente no metadiscurso interativo. Suas análises de dois dicionários de língua inglesa, o *Oxford Essential Dictionary* (2009) e o *Collins COBUILD Illustrated Basic Dictionary of American English* (2010), apontam diversos recursos metadiscursivos utilizados nos dois dicionários, como cores, símbolos,

alternância de tamanhos de letras e numerações a fim de apresentar o vocabulário dicionarizado.

Sousa (2014) converge a Lexicografia Pedagógica com estudos de Multimodalidade e da Literatura Infantil a fim analisar a relação entre texto escrito e imagens em dois dicionários escolares infantis do PNLD 2012, a saber: o *Dicionário Ilustrado de Português* (BIDERMAN, 2009) e o *Fala Brasil! Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa* (ESPESCHIT; FERNANDES, 2011). Essa interface se revela bastante produtiva para a pesquisadora, possibilitando expandir a compreensão do fenômeno investigado, e permitindo apontar, a partir disso, que as imagens não são apenas “adornos”, mas parte integrante do texto multimodal que compõe os verbetes.

Duarte (2014) também soma esforços na interface entre Lexicografia e Multimodalidade. A pesquisadora analisa o dicionário de língua inglesa *Merriam-Webster's Compact Visual Dictionary* (2010), investigando a relação entre texto e imagem, bem como de que forma essa relação se fundamenta em aspectos sociais. Seus resultados apontam a importância de elementos culturais, a exemplo de convenções da leitura ocidental, e a disposição das imagens como elementos importantes para compreensão e construção do sentido.

Santos (2016), por sua vez, tece uma interface entre a Lexicografia e os estudos em Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). O pesquisador executa uma investigação sobre a forma como os dicionários escolares constroem significados de palavras relacionadas ao homossexual masculino. Para tanto, analisa os Processos, categoria de análise da LSF em diferentes paradigmas de verbetes extraídos dos 5 dicionário tipo 3 que compõem o acervo do PNLD 2012, apontando entre seus achados que os Processos relacionais são os mais comuns em palavras periféricas na rede medioestrutural.

No entanto, ainda há poucas vozes estabelecendo interfaces entre os estudos do dicionário e as Ciências Cognitivas. Geeraerts (2007), proeminente pesquisador atuante nessa empreitada interdisciplinar, destaca o quanto é “estranho” ainda ser tão insipiente o volume de pesquisas nessa direção, uma vez que, ainda segundo o pesquisador, o dicionário apresenta forte caráter semântico e, nesse sentido, poderia receber grandes contribuições dos estudos da Semântica Cognitiva.

Além de defender essa interface, outra contribuição de Geeraerts (2007) diz respeito à análise de definições de verbetes de substantivos. O pesquisador, com base no conceito de categorização, e levando em consideração pressupostos da Teoria dos Protótipos,

pôde constatar que os dicionários, ao definir uma determinada palavra, o fazem com base num protótipo, ou seja, um membro mais representativo de uma categoria.

Ibarretxe-Antuñano (2010) advoga a importância das diversas contribuições que a Linguística Cognitiva pode trazer à Lexicografia. A pesquisadora divide tais contribuições em dois tomos: teóricos (corporificação, contínuo semântica/pragmática, significado enciclopédico, dentre outras) e metodológicos (categorização e Teoria dos Protótipos, rede lexical ou radial, Mecanismos cognitivos – metáfora e metonímia -, e outras mais). Esses posicionamentos são relevantes, pois viabilizam a construção de pontes entre esses campos.

A mesma pesquisadora segue fazendo a aplicação dessas teorias, mostrando de que forma a tessitura do texto dicionarístico pode ser reestruturada a luz desses pressupostos. A autora demonstra de forma prática mudanças que podem ser feitas na organização das acepções e na apresentação dos exemplos de uso, bem como em outros aspectos internos ao verbete.

Outra contribuição internacional vem de Molina (2005), que traz reflexões sobre a dificuldade que os dicionários têm em incorporar elementos culturais ao definir cores, especificamente quando estão ligadas a sentimentos – trazendo exemplos em inglês (azul/triste) e espanhol (preto/triste). Para a pesquisadora, a Linguística Cognitiva oferece uma visão enciclopédica de significado que não deve ser ignorada pela Lexicografia e que pode contribuir para a execução de suas tarefas.

Até aí, ficamos restritos às contribuições internacionais quanto à interface entre Lexicografia e Linguística Cognitiva e as pesquisas no Brasil também se apresentam de forma bem pouco vultosa. Temos em Almeida e Sousa (2014) análises sobre como os dicionários escolares do PNLD 2012 se estruturam a partir de protótipos, em consonância com os dados reportados por Geeraerts (2007). Foram analisados verbetes para a palavra *ave* nos 5 dicionários tipo 3 do PNLD 2012 e constatado que todos os verbetes analisados foram baseados em protótipos, uma vez que em todas as definições é trazido que as aves tem penas, mesmo isso não sendo verdade para o pinguim, por exemplo.

Na mesma pesquisa, ainda em concordância com Geeraerts (2007), são encontrados outros elementos presentes na definição que apontam para definições baseadas em protótipos, como a presença de advérbios como “geralmente” e “especialmente”, referindo-se a algum atributo definidor, deixando membros *periféricos* da categoria à margem.

Trabalhos como os de Geeraerts (2007), sobre prototipicidade em verbetes, Ibarretxe-Antuñano (2010), sobre organização das acepções, Molina (2005), sobre a relação

entre cores e cultura, e Almeida e Freitas (2014), sobre prototipicidade em verbetes de dicionários escolares, são alguns exemplos de pesquisas que vêm mostrando o despertar do interesse na interface Metalexigrafia e Linguística Cognitiva.

Ostermann (2015) oferece um detalhado trabalho sobre as contribuições da semântica cognitiva para a Lexicografia, chegando a trazer o termo “Lexicografia Cognitiva” no título de seu livro publicado em 2015, no qual compila dados trazidos de sua tese de doutorado defendida no ano anterior. Ela advoga o uso de teorias cognitivas como base para uma nova abordagem na Lexicografia, motivo pelo qual nosso trabalho se identifica bastante com o da pesquisadora.

De toda forma, essas pesquisas acima elencadas contribuem para uma visão diferenciada dos dicionários e de seus verbetes, evidenciando neles fenômenos fundamentais da cognição humana. Segundo Ostermann (2015), isso acontece porque o lexicógrafo que faz os dicionários e os consulentes aos quais eles se destinam compartilham essencialmente a mesma forma de perceber o mundo. Dessa maneira, o dicionarista “frequentemente de forma inconsciente, aplica princípios cognitivos, por exemplo, na redação das definições e apresentação de materiais [...] (OSTERMANN, 2015. P. 77)”¹. Esse pressuposto é fundamental para pesquisas, como a nossa, que buscam investigar reflexos de fenômenos fundamentais da cognição humana nos dicionários.

As pesquisas arroladas acima atuaram tanto como inspiração para este trabalho quanto como fornecedoras do auxílio teórico que buscamos, à medida que procuramos trabalhar na interface entre Lexicografia e Linguística Cognitiva. Foram preciosos subsídios para o estabelecimento da nossa problemática, por exemplo. A propósito, é importante apresentar em mais detalhes como o problema nos surgiu.

Durante os anos de graduação (2010-2014) no curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará - UECE, tive meus primeiros contatos com estudos metalexigráficos, primeiro, através das reuniões com grupo de estudos ligado ao Grupo Pesquisa em Lexicologia, Terminologia e Ensino – LETENS, e, posteriormente, como bolsista de iniciação científica (PIBIC/ CNPq) ligado ao mesmo grupo.

É tradição no LETENS desenvolver estudos interdisciplinares, tendo-se os estudos do léxico como ponto de partida para interface com outras disciplinas. Dessa forma, decidi, em discussão com pares do grupo, interfacear Metalexigrafia, devido ao meu, então, projeto de IC, e Linguística Cognitiva, dado a fascínio deixado pela disciplina recém-cursada na

¹ [...] often subconsciously applies cognitive principles, e.g. in the wording of definitions or presentation of material [...] (OSTERMANN, 2015. p. 77).

graduação. Dessa forma, segui me aproximando dos instrumentais teóricos e das categorias de análise dos dois campos.

Logo de início, uma noção que se destacou no íterim da Linguística Cognitiva foi a de categorização, de grande centralidade e importâncias nas pesquisas em Ciências Cognitivas. De acordo com Lakoff (1987), “sem a habilidade de categorizar, nós simplesmente não funcionaríamos, nem no mundo físico nem em nossas vidas social e intelectual²”. Dessa forma, surgiu o questionamento sobre como esse fenômeno tão fundamental reverberaria nos dicionários, em seus verbetes,

A partir daí, o primeiro passo era estabelecer estreitamento teórico entre as duas, tendo em vista que essa interface era pouco explorada. No percurso de aproximação das categorias de análise das duas disciplinas, conexões entre a natureza do verbete dicionarístico e o fenômeno da categorização foram estabelecidas, mostrando semelhanças entre o que se preconiza na Metalexicografia para a estruturação do verbete e o que a Linguística Cognitiva apresenta para a estruturação de categorias, de forma que definir lexicograficamente e categorizar cognitivamente apresentam várias semelhanças (ALMEIDA; ARAÚJO; FONSECA, PONTES, 2013).

Aragão Neto (2008) conduz um curioso experimento no qual apresenta a seus participantes imagens artificiais de animais híbridos e consta que o impulso humano básico é categorizar mesmo diante algo novo. Dessa forma, começamos a nos questionar como se dá o processo de categorização da palavra consultada para quem busca um verbete de dicionário. Será que os dicionários fornecem as informações necessárias para isso?

Outra noção que vem despertando o interesse de pesquisadores nas Ciências Cognitivas ao redor do mundo é a de *mente corporificada*, segundo a qual toda a nossa experiência com o mundo remonta aos nossos sentidos. Esse fenômeno tem vários impactos sobre a linguagem humana e se relaciona à nossa estruturação de conhecimento de mundo. A relação deste objeto de estudo com nosso trabalho evidencia-se logo a seguir.

Aprofundando-se na tessitura dos textos dos verbetes de dicionários produzidos no Brasil, é possível perceber o quanto ainda há definições vagas e que pouco contribuem para que um consulente tenha uma noção potencialmente produtiva sobre um item lexical consultado. Tome-se como exemplo a definição de “avelã” no Mini Aurélio (2009) que a traz, em acepção única, como “o fruto, edule, da avelaíra” (FERREIRA, 2009, p. 158). Fora o fato de que tratar-se de um fruto, pouco de realmente significativo é acrescentado, pois edule é

²[...] without the ability to categorize, we could not function at all, either in the physical world or in our social and intellectual lives (LAKOFF, 1987).

sinônimo de maduro – sendo a noção de que as frutas amadurecem de baixa informatividade – e que ser oriundo de uma árvore – a avelaíra – também diz pouco que não pudesse ser recuperado pelo conhecimento prévio do consulente.

O fenômeno da vagueza de definições lexicográficas como descrito acima remonta, sob uma perspectiva cognitivista, à falta de informações sobre como os indivíduos experimentam a fruta. Que cor ela tem? E seu gosto? Qual sua forma? Dessa maneira, o fenômeno da corporificação da mente parece importante de ser levado em consideração. Além disso, há que ser investigado de que formas esse fenômeno já vem se manifestando nos dicionários. É importante salientar que, devido à natureza fundamental tanto do fenômeno da categorização quanto do da corporificação, esses dois já devem reverberar nos dicionários – como, no primeiro caso, é apresentado por Geeraerts (2007) e por Almeida & Sousa (2014).

Contudo, antes de sistematizar as questões que começamos a levantar no parágrafo anterior, precisamos delinear com mais clareza qual o tipo de dicionário no qual podemos visualizar essas proposições que temos em mente. Essa afirmação deixa (intencionalmente) escapar que os dicionários variam tipologicamente (e o fazem enormemente). Podemos encontrar dicionários gerais, dicionários infantis, dicionários bilíngües, dicionários temáticos e, dentre inúmeros outros (cada um apresentando, por sua vez, variações de acordo com a proposta lexicográfica de cada editora), dicionários escolares, sendo com estes que trabalharemos aqui.

Atualmente, no Brasil, os dicionários escolares encontram-se contemplados no Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, que os agrupa em 4 tipos, cada um direcionado a períodos específicos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. O programa dispõe de diretrizes para que a proposta lexicográfica desses dicionários se adéque às necessidades específicas das fases de ensino/aprendizagem dos seus consulentes. Elencamos os dicionários tipo 3 por entendermos que eles apresentam características intermediárias entre os tipos 1 e 2, direcionados ao Fundamental I, e o tipo 4, direcionados ao Ensino Médio, sendo os tipo 3, assim, direcionados ao Fundamental II (BRASIL, 2012).

Uma vez minimamente situados com relação ao tipo de dicionário que adotaremos aqui, cabe dizer que são dessas pesquisas e reflexões trazidas acima que nascem as questões de pesquisa que norteiam esta dissertação, como esperamos deixar claro a seguir em nossa questão geral (a) e em nossas questões específicas (b e c):

- a) Qual a relação entre os fenômenos da categorização e da corporificação em definições de frutos em dicionários escolares tipo 3?

- b) Quais elementos apontam para os fenômenos da categorização e da corporificação nas definições de frutos em dicionários tipo 3?
- c) Com qual sistematicidade os elementos indicadores dos fenômenos da categorização e da corporificação são apresentados nas definições de frutos em diferentes dicionários tipo 3?

Esses questionamentos terão profundo impacto na delineação dos nossos objetivos, como esperamos deixar claro a seguir no nosso objetivo geral (a) e nos objetivos específicos (b e c):

- a) Compreender a forma como se dá a relação entre os fenômenos da categorização e da corporificação nas definições de frutos em dicionários tipo 3.
- b) Identificar elementos que apontem para os fenômenos da categorização e da corporificação nas definições de frutos em dicionários tipo 3.
- c) Descrever a sistematicidade com a qual os elementos indicadores dos fenômenos da categorização e da corporificação são apresentados nas definições de frutos em diferentes dicionários tipo 3.

Tais objetivos, por sua vez, impactam a estruturação dos nossos procedimentos metodológicos, como esperamos deixar claro respectivo capítulo.

Dessa forma, essa pesquisa segue nessa perspectiva de interface entre Lexicografia e Linguística Cognitiva, almejando integrar as contribuições teóricas dos estudos sobre categorização e corporificação da mente, enquanto fenômenos cognitivos, aos estudos lexicográficos para a compreensão do texto dicionarístico.

Esses objetivos são pensados de forma a ampliar a compreensão que temos do texto lexicográfico e, conseqüentemente, fornecer contribuições para o contexto escolar de Educação Básica – uma vez que esta pesquisa adota os dicionários que compõem o acervo do PNLD – no qual se inserem os consulentes aos quais os dicionários tipo 3 se destinam, cientes de que estes estudantes têm necessidades específicas de sua fase da educação escolar.

Na verdade, além da Educação Básica, consideramos possíveis contribuições para a Lexicografia, uma vez que a pesquisa busca oferecer uma visão diferenciada sobre as definições, e para a Linguística Cognitiva, pois entendemos que este estudo contribui para a compreensão dos fenômenos da categorização e da corporificação em um número cada vez maior de contextos.

Esta dissertação está dividida em cinco seções: a primeira delas é esta introdução; na segunda, apresentamos nossa fundamentação teórica na qual discorremos sobre as contribuições teóricas da Lexicografia, da Linguística Cognitiva e dos estudos desenvolvidos

na interface entre as duas primeiras; na terceira, delineamos o nosso percurso metodológico; em seguida, apresentamos nossas análises, que antecedem nossas considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta dissertação se situa em uma interface teórica entre dois grandes campos de estudo, a saber: a Lexicografia, área da Linguística Aplicada, e a Linguística Cognitiva, área da Linguística. Dessa união, resulta uma nova disciplina, que já vem sendo chamada de Lexicografia Cognitiva (OSTERMANN, 2015). Dessa forma, nossa fundamentação teórica tem 3 subseções principais: na primeira, apresentamos pressupostos teóricos e discussões importantes com base em pesquisadores da Lexicografia, como Pontes (2009), Welker (2004) e Bugueño Miranda (2013), dentre outros; na segunda, arrolamos questões teóricas relevantes para a Linguística Cognitiva, com base em pesquisadores como Lakoff (1987), Ferrari (2011) e Duque & Costa (2012), entre outros mais; na última subseção, elencamos as contribuições e posicionamentos oferecidos por autores que defendem essa empreitada interdisciplinar entre Lexicografia e Linguística Cognitiva, como Geeraerts (2007), Ibarretxe-Antuñano (2010) e Ostermann (2015).

2.1 LEXICOGRAFIA: CONTEXTUALIZAÇÃO, FOCOS DE PESQUISA, OBJETOS DE ESTUDO

Nessa primeira subseção, procuramos situar a Lexicografia entre as disciplinas que estudam o léxico, bem como discorrer sobre os dicionários, levantar questionamentos importantes sobre a existência de teorias que embasam a confecção de dicionários. Também buscamos caracterizar as diferentes estruturas do dicionário e explicitar as particularidades dos dicionários do PNLD.

2.1.1 As ciências do léxico

O léxico das línguas tem sua importância reconhecida por várias áreas da ciência “como a Biblioteconomia, a Psicologia, a Antropologia, a Linguística Computacional” (PONTES, 2001. p. 22). Mas é, sem dúvida, no âmbito das áreas da Linguística que os estudos do léxico ganham mais força, tendo seu lugar na Análise do Discurso, na Linguística Textual, na Sociolinguística, dentre outras.

A relação que cada uma dessas disciplinas mantém com esse objeto de pesquisa lhes é bem particular e o trajeto pelas palavras pode ser apenas um meio para outro fim analítico em alguns casos. Entretanto, destacaremos aqui disciplinas de dois campos de estudo

que têm o léxico como fenômeno central, e afunilamos até estabelecer o primeiro eixo deste trabalho interdisciplinar.

A primeira dessas é a Lexicologia, que estuda o léxico em várias dimensões, como apontado por Barbosa (1980):

Estudar a palavra em sua estrutura gramatical, semântica, semântico-sintática; examinar sua carga ideológica, sua força persuasiva, sua natureza modelizante; definir a rede de relações das palavras de um sistema linguístico; estudar o conjunto de palavras de um tal sistema ou de um grupo de indivíduos, seja como universo lexical, seja como conjunto vocabulário; analisar o léxico efetivo, ativo e passivo e fazer estimativas sobre o léxico virtual, considerar a palavra como um instrumento de construção e de detecção de uma “visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistema de valores; abordá-la como um elemento instaurador e como um lugar privilegiado de reflexo da cultura; explicar os processos de criação e renovação da palavra, e de seu conjunto universo, o léxico, eis algumas das tarefas mais importantes de que se encarrega a lexicologia, um dos ramos da Linguística, e que tem por objeto específico a palavra. (BARBOSA, 1980. p. 262)

Apesar da longa lista, a própria autora admite tratar-se apenas de “algumas”, dentre as tarefas da Lexicologia. Ainda assim, esse trecho traz importantes questões que estão presentes na agenda de estudos dessa disciplina, evidenciando diversos fenômenos relacionados ao léxico das línguas naturais, bem como deixando indicadores da relação com outras disciplinas ao mencionar aspectos ideológicos e culturais, por exemplo.

A segunda área que tem o léxico como um de seus interesses centrais é a Lexicografia, que “tem sido considerada tradicionalmente a vertente aplicada da lexicologia”, mas tem seguido passos autônomos (LORENTE, 2004. p. 29). Pontes (2009) nos traz o posicionamento de Hernández (1989) que:

[...] Define a Lexicografia como disciplina do âmbito da Linguística Aplicada, que se preocupa com os problemas teóricos e práticos que dão suporte à elaboração de dicionários. Para ele, há uma Lexicografia Prática e uma Lexicografia Teórica (ou Metalexigrafia) (PONTES, 2009, p. 19-20).

Dessa forma, enquanto a Lexicologia está para a Linguística, a Lexicografia está para a Linguística Aplicada. Estas não estariam contidas naquelas, mas seriam suas “ciências irmãs”. Cabe reiterar, ainda, que o tratamento do léxico para a Lexicografia se especializa no dicionário, sendo este, afinal, seu objeto de estudo. Além disso, há uma bifurcação epistemológica: Lexicografia Prática e Lexicografia Teórica.

A Lexicografia Prática se preocupa com a elaboração de dicionários, envolvendo seus métodos e técnicas. Ela tem seu marco de surgimento definitivo nos primeiros dicionários dos séc. XVI e XVII e é, portanto, marcada por práticas tradicionalistas. Cabe

ressaltar, dessa forma, que esta precede aos estudos da Linguística moderna, sendo, entretanto, redimensionada pelos seus estudos. Sobre isso, Pontes (2009) afirma:

Vale ressaltar que a Lexicografia Prática avançou muito graças às contribuições de novas disciplinas teóricas e tecnológicas. Por isso, os dicionários deixaram de ser essencialmente normativos, para serem mais descritivos, preocupados com os usos da língua e com a educação linguística do povo (PONTES, 2009. p. 20).

Apesar dessas mudanças na forma de pensar a representação lexicográfica das palavras de uma língua, muitos avanços impactantes sobre as concepções de linguagem ainda não são incorporados como critérios para elaboração de dicionários, como é apresentado por alguns pesquisadores e melhor discutiremos em uma das subseções seguintes.

Quanto à Lexicografia Teórica (ou Metalexicografia), esta tem por objeto de estudo o próprio dicionário. Porto Dapena (2002, p. 23 *apud* PONTES, 2009) lista algumas de suas principais atribuições:

[estudar a] história da lexicografia, teoria da organização do trabalho lexicográfico, princípios da lexicografia monolíngue e plurilíngue, estudo crítico dos dicionários, reflexões sobre a tipologia dos dicionários, teoria do texto lexicográfico, reflexões sobre a metodologia de elaboração do dicionário: recolha dos dados, processamento dos dados, uso de ferramentas para a sua produção (PONTES, 2009. p. 20)

Essas várias atribuições já são suficientes para tornar o trabalho metalexicográfico bastante variado, pois cada uma das proposições apontadas por Dapena encapsula uma grande quantidade de perspectivas teóricas, relações históricas, fenômenos linguísticos e textuais, divisões tipológicas e formas de tratamento da palavra dicionarizada, mas não são restritivas.

É nessa última área de desdobramento dos estudos do léxico, a Lexicografia, que centralizaremos nosso trabalho, não excluindo a possibilidade de contribuições pluridirecionais. Agora mais situados sobre nosso âmbito de estudos, podemos nos debruçar um pouco melhor sobre os objetos de estudo dessa área: os dicionários.

2.1.2 Os dicionários

Como defendido no início do texto, os dicionários são obras que aportam grande riqueza de informação sobre a natureza das palavras da língua, bem como desempenham um prestigiado papel social. Nesse sentido, Pontes (2009) nos traz o que afirmam Aurroux e de Gepí Arroyo:

Segundo Auroux (1992, p. 65), o dicionário (ao lado da gramática), como tecnologia que descreve e instrumentaliza uma língua e, ainda hoje, é considerado um dos pilares do nosso saber metalingüístico. Por isso, é fundamental que os estudos relativos aos dicionários sejam levados a efeito urgentemente, e que o dicionário seja reconhecido como um objeto multifacetado, de que resultam várias formas de examiná-lo sob várias perspectivas ou, parafraseando Gepí Arroyo (2000), um dicionário é, por natureza, produto poliédrico, porque são múltiplos os pontos de vista sob os quais se pode descrevê-lo. (PONTES, 2009, p. 24)

Nesse trecho, podemos constatar um dos motivos que respaldam a importância do papel social dos dicionários, sendo eles apontados como um dos pilares do nosso saber sobre a língua (semântica, grafia, uso, grau de especialização, classes gramaticais, etc). Esse fator justifica, ainda, a necessidade da condução de pesquisas que tenham os dicionários como objeto de estudo.

Não bastando serem os dicionários objetos de pesquisa, eles devem ser estudados em diferentes perspectivas. Dessa forma, são conduzidas atualmente pesquisas sob a perspectiva da Gramática do Design Visual, da Sociolinguística, da Análise do Discurso, do Metadiscurso, da Gramática Sistêmico-funcional e, dentre outros, da Linguística Cognitiva, como é o foco nessa dissertação. Vale dizer, ainda, que a riqueza de fenômenos e de perspectivas sob os quais se pode encarar essas obras ainda não têm seu esgotamento visto no horizonte, pois à medida que as ciências se expandem e novas interfaces são feitas, outras dimensões dos dicionários podem ser postas em evidência.

A diversidade do dicionário não diz respeito apenas às informações nele contidas. Outro aspecto que chama a atenção sobre os dicionários é sua diversidade de tipos. De acordo com Biderman (2001):

Existem vários tipos de dicionários monolíngües: os dicionários de língua, os dicionários analógicos (ou ideológicos), os dicionários temáticos ou especializados (de verbos e/ou regência verbal, de sinônimos e antônimos), os dicionários etimológicos, os dicionários históricos, os dicionários terminológicos das diferentes áreas do conhecimento: astronomia, biologia, comunicações, direito, ecologia, eletricidade, física, geologia e geomorfologia, informática, medicina, metalúrgica, psicologia, química, etc. (BIDERMAN, 2001, p. 131)

Limitando-se aos dicionários monolíngües, a pesquisadora apresenta um bom vislumbre de que as obras lexicográficas apresentam grande variabilidade tipológica, sendo cada uma delas pensada para atender às necessidades de consulentes situados em comunidades linguísticas específicas. Esse caráter adaptativo e direcionado é fonte de constante renovação para os dicionários, bem como confere diversidade aos estudos

lexicográficos. No íterim dessa pluralidade, temos os dicionários escolares, para os quais está direcionada essa dissertação.

Outra face saliente do dicionário é seu caráter cultural. Como a citação anterior já deixa transparecer, essas obras estão inseridas em nichos culturais e a eles refletem de forma prismática. Isso está relacionado ao fato de que o léxico das línguas capta mesmo as mudanças culturais mais sutis. Pode-se depreender que a cultura é um aspecto indissociável do léxico e, por consequência, dos dicionários. Sobre esse eixo da natureza dicionarística, Biderman afirma:

Um dicionário é um produto cultural destinado ao consumo do grande público. Assim sendo, é também um produto comercial, o que o faz diferente de outras obras culturais. É preciso considerar igualmente que o dicionário deve registrar a norma linguística e lexical vigente na sociedade para o qual é elaborado, documentando a prática linguística dessa sociedade. (BIDERMAN, 2001. p. 132)

Como produto cultural, ele deve responder de forma adequada à cultura na qual se insere. Enquanto produto comercial, por sua vez, deve atender às necessidades específicas de seus usuários. Na verdade, não se pode pensar os dicionários sem levar em consideração os consulentes aos quais se destinam, qualquer que seja a finalidade e o contexto de uso, havendo, dessa forma, uma relação intrínseca entre a diversidade tipológica de dicionários e sua diversidade de informações internas de um lado e a pluralidade de perfis de usuários e de contextos de uso de outro.

Pensamos essa subseção de forma a abordar as obras lexicográficas a fim de evidenciar sua riqueza tipológica, de informações linguísticas no seu interior, a amplitude de perspectivas sob as quais se pode observá-lo, bem como apontar elementos importantes para sua constituição, como o contexto de uso e o perfil do consulente ao qual se destina. Tendo em vista o caráter breve dessas considerações iniciais, esperamos ampliar essas noções e adicionar variáveis nas subseções que seguem.

2.1.3 Teoria lexicográfica, para que te quero?

Quando falamos em *teoria lexicográfica*, referimo-nos a algum conjunto de princípios sistematizados que subjazam à elaboração de textos lexicográficos como o verbete, por exemplo. Apesar de os posicionamentos até aqui trazidos oferecerem indícios de que operam com a noção de uma teórica lexicográfica como pressuposto, quase como dada *a priori*, isso não é, por completo, ponto pacífico.

Parte disso remonta ao próprio surgimento histórico dos dicionários, sendo estes concebidos através de “impulso criador” (BUGUEÑO MIRANDA, 2013. p. 16). Isto é, não havia uma teoria científica por trás da elaboração de dicionários. De fato, seria pedir muito da Lexicografia dos séculos XVI e XVII que se baseassem em uma teoria lexicográfica bem delineada, já que sequer a ciência da linguagem nos moldes em que se estabelece hoje existia. Ao discorrer sobre a tradição lexicográfica em Bluteau e em Moraes – entre os primeiros dicionaristas de língua portuguesa, Murakawa (2001) afirma:

Moraes não tem a intenção enciclopédica que aparece manifestada na estrutura do *Vocabulário* de Bluteau. Sua intenção é cientificista; por isso, suas definições são objetivas e curtas, não se prendendo em descrições exaustivas. Sua preocupação é ser preciso na descrição da língua e esta dá à sua obra uma grande praticidade. A objetividade e o cientificismo substituem o enciclopedismo de Bluteau. (MURAKAWA, 2001. p. 156)

Nesse trecho, percebemos muito mais uma preocupação com a “impressão” a ser transmitida pelo dicionário - além de termos algum esclarecimento sobre os tipos de critério que coexistiam na gênese dos dicionários - ao contrastar a busca do enciclopedismo e a do objetivismo cientificista na estrutura dicionarística. Essa perspectiva também não abre margem para se falar de uma teoria lexicográfica propriamente dita.

A falta de uma teoria clara para o embasamento da Lexicografia Prática a tornaria dissonante dos demais campos dos estudos da Linguagem. Lara (2004) chega a afirmar que haveria um “desprezo” pela Lexicografia por parte do paradigma dominante nos estudos da linguagem. Ao discorrer sobre as motivações que justificariam isso, a pesquisadora menciona três fatores:

a) não é uma descrição fiel de uma realidade verbal metódica e estatisticamente estudada em uma determinada população, b) tem um cunho normativo explícito ou implícito, que modifica totalmente esta realidade, e c) é uma obra de caráter utilitário e mercantil. Por isso, é tão evidente a quase ausência de uma consideração/análise séria dos dicionários na semântica contemporânea, na pragmática, qualquer que seja a sua definição, e na teoria da linguagem (LARA, 2004. p. 134)

Cada um desses motivos elencados é passível de crítica: primeiro, os dicionários baseados em corpora já são uma realidade há algum tempo, e a busca de “uma descrição fiel da realidade verbal” pode ter sua tangibilidade questionada; segundo, se por um lado, há no dicionário cunho normativo, por outro, esses têm se tornado cada vez mais descritivos, incluindo em sua nomenclatura regionalismos, gírias e formas linguísticas oriundas de

variedade com baixo prestígio social; e terceiro, ter um viés mercantil não exclui a possibilidade de que tenha caráter científico. No entanto, a mesma autora chega a reconhecer que a partir dos anos 70, na Lexicografia alemã e espanhola, a tendência de estudos dos dicionários sob ares mais científicos ganha força.

Entretanto, mesmo recentemente, há quem negue a existência de uma teoria lexicográfica. Sobre isso, Bugueño Miranda (2013) afirma:

A falta de uma reflexão teórica sobre o dicionário não se deve somente ao fato de muitas obras serem o produto de um “impulso criador”. No seio da própria lexicografia, há aqueles, como Atkins; Rundell (2008) que afirmam que *we don't believe that such a thing [i.e. a lexicografia teórica] exists*” (grifos do autor) (BUGUEÑO MIRANDA, 2013, p. 16).

Essas considerações podem nos levar não a desconsiderar as reflexões feitas no âmbito da Metalexicografia, mas a reconhecer um desencontro entre ela e a Lexicografia Prática. De acordo com Bugueño Miranda, “há, ao que parece, um hiato entre a tarefa de compilar dicionários e a atividade de uma reflexão teórica sobre eles ”(BUGUEÑO MIRANDA, 2013, p. 18).

Um ponto de vista interessante em defesa da existência de uma teoria lexicográfica é de que mesmo que não haja critérios científicos claros e bem delineados que baseiem um construto teórico sistematizado, a prática lexicográfica deve partir de uma noção mesmo que inconsciente ou como parte do senso comum sobre a linguagem. Bugueño Miranda (2013) defende o seguinte:

Quando afirmamos que um dicionário atende à função de produção ou codificação, estamos avaliando-o segundo uma dimensão ontológica fundamental da linguagem. Quando definimos que segmentos informativos referentes ao signo linguístico como significante farão parte do verbete de um dicionário, estamos pressupondo determinados níveis de organização da linguagem concebidos à luz de um formalismo, aceito como fundamento da linguística moderna, que chamamos de “duplo caráter do signo linguístico”. Quando afirmamos que determinado dicionário tem por função ajudar a incrementar a massa léxica de seu potencial usuário, estamos julgando o dicionário a partir de uma perspectiva cognitiva, que transcende a “imanência linguística (BUGUEÑO MIRANDA, 2013, 17)

Talvez a melhor forma de lançar luz sobre esse mistério fosse consultar os dicionaristas contemporâneos, tendo em vista desde já que seria ingenuidade esperar encontrar nessa consulta homogeneidade no que tange à adoção de teorias científicas para a confecção dessas obras, e, mesmo havendo um crivo teórico em qualquer grau, este certamente não será tomado como critério isolado, provavelmente dividindo espaço com

critérios mercadológicos, uma vez que o dicionário também é um produto comercial. Dito isso, deixamos claro que essa consulta não é objetivo dessa pesquisa.

De qualquer modo, Bugueño Miranda (2013) nos trás uma importante perspectiva:

O dicionário é, em sua própria essência, um instrumento de reflexo múltiplo da língua. Por isso, a premissa básica de toda teorização em torno do dicionário será sempre condicionada ao aspecto que se deseje estudar nele. Haverá, portanto, tantas aproximações como aspectos sobre os quais se queira refletir (BUGUEÑO MIRANDA, 2013. p. 71-18).

Sendo o dicionário um reflexo da língua, qualquer teoria que se contribua para compreensão dos fenômenos da linguagem poderá contribuir para os estudos lexicográficos de algum modo. Dessa forma, a perspectiva linguística adotada ao se aproximar do dicionário lançará luz sobre fenômenos específicos. Se por um lado, isso já é bem aceito no âmbito da Lexicografia Teórica, a Lexicografia Prática, entretanto, é a que mais recebe as críticas feitas até aqui.

2.1.4 As estruturas do dicionário

O dicionário é um texto complexo e possui diferentes estruturas em sua organização interna, sendo que cada uma delas possui suas próprias características e particularidades. Pontes (2009) considera 5 níveis estruturais, a saber: megaestrutura, macroestrutura, material interposto, medioestrutura e microestrutura.

Damin (*apud* PONTES, 2009) considera a **megaestrutura** como a estrutura geral do dicionário, compreendendo, dessa forma, outras partes do dicionário:

As **paginas iniciais** (elementos preliminares, material anteposto), o **corpo** (nomenclatura ou macroestrutura) e as **páginas finais** (material posposto), sendo que a primeira e a última, juntas com os textos interpostos, constituem o material externo – textos externos, para Welker (2004), ou seja, informações que rodeiam a parte central, o corpo do dicionário (grifos do autor) (PONTES, 2009. p. 66-67).

Dessa forma, cada um desses segmentos que compõem essa estrutura tem características bem singulares em relação às demais, apresentando funções distintas e particularidades textuais próprias.

No que diz respeito à **macroestrutura**, esta corresponde à nomenclatura do dicionário, ou seja, ao conjunto de todas as palavras-entrada presentes num dado dicionário.

Sobre o assunto, Pontes (2009) afirma que “entende-se por macroestrutura o conjunto de entradas organizadas verticalmente no corpo do dicionário ou nomenclatura. Essas entradas em geral estão em ordem alfabética para facilitar a leitura por parte do usuário (PONTES, 2009. p. 73)”. O número de entradas presentes nessa estrutura será apresentado, posteriormente, como um dos critérios utilizados na classificação tipológica dos dicionários escolares do PNLD.

O **material interposto**, por sua vez, traz informações que possam complementar a microestrutura. Para Damin (*apud* PONTES, 2009), o material interposto seria “o conjunto de elementos complementares às informações da microestrutura, intercalados na macroestrutura. Podem aparecer sob a forma de ilustrações, tabelas, mapas, diagramas (PONTES, 2009. p. 95)”. Esse tipo de informação é uma realidade presente nos dicionários a serem analisados, mas não constituem nosso foco de investigação.

Com relação à medioestrutura, esta está relacionada às redes de remissivas presentes nos dicionários. Temos em Pontes que:

Entende-se por este segmento o sistema de referências entre as diferentes partes do dicionário. Segundo Damin (2005, p. 81), o plano medioestrutural corresponde a um sistema de articulação entre a macro, a microestrutura e outros componentes do dicionário, como o material anteposto, o material posposto e o material interposto, e de todos esses elementos com o usuário (PONTES, 2009. p. 88).

Apesar de sua grande importância, dado o fato de que articula diferentes informações presentes no dicionário, esta estrutura também não faz parte do nosso foco de análise.

Chegamos, então, à **microestrutura** dicionarística. Para Pontes (2009) a microestrutura “consiste em um conjunto de paradigmas (ou informações) ordenados e estruturados, dispostos horizontalmente, ou seja, linearmente, após a entrada, dentro de cada verbete (PONTES, 2009. p 94)”, ou seja, há um conjunto de variadas informações a cerca da palavra-entrada.

Uma vez que a microestrutura corresponde ao nosso principal loco investigativo na face do dicionário, iremos discorrer sobre ela com mais detalhes na seguinte subseção.

2.1.5 Desvendando a microestrutura

Podemos classificar a microestrutura em dois tipos: a *microestrutura abstrata* e a *microestrutura concreta*.

A *primeira delas* constitui um conjunto de paradigmas sobre os tipos de informação que devem figurar no interior do verbete. Sobre isso, Pontes (2009) afirma:

(a microestrutura abstrata) pode ser definida, objetivamente, como a microestrutura que se elabora *a priori*, *a ser preenchida com os dados concretos*. Em outras palavras, a microestrutura é um programa constante de informações, que se dispõem horizontalmente, de forma padronizada, isto é, igual, constante para cada tipo de lema, tendo em vista a classe gramatical a que pertence, o tipo de categoria verbal (se se trata de um verbo transitivo, por exemplo) (PONTES, 2009. p. 96).

Dessa forma, a *microestrutura abstrata* teria um caráter modelizante e apresentaria um padrão a ser seguido em todos os verbetes de um dicionário de acordo com a classe gramatical a que a palavra pertence. Nesse sentido, as informações de uma palavra-entrada correspondente a um substantivo diferem das de um verbo ou adjetivo.

A *microestrutura concreta*, por sua vez, é a face concretizada da microestrutura abstrata. Pontes (2009) afirma que ela “constitui a realização da microestrutura abstrata. É, então, aquela que está presente nos verbetes de um determinado produto lexicográfico”. É muito importante salientar que esses dois tipos de microestrutura são complementares.

Outra questão importante a ser mencionada sobre a microestrutura diz respeito aos tipos de informação nela presentes. Barbosa (*apud* PONTES, 2009) agrupa as informações presentes nessa estrutura em três macroparadigmas, a saber, o paradigma informacional (PI), o paradigma definicional (PD) e o paradigma pragmático (PP). Cada um desses engloba, por sua vez, microparadigmas. Nesse sentido, temos em Pontes (2009) o seguinte quadro:

Quadro 1 – Paradigmas da microestrutura

Verbetes = [+ entrada + enunciado lexicográfico (+ PI1 , + PD , +/- PP , +/- PI2 , ... PI_n)] em que
Paradigma informacional = [categoria gramatical, gênero, número, conjugação, pronúncia, abreviações, homônimos, campos léxico-semânticos e outros];
Paradigma definicional = [sema 1, sema 2.... sema n]
Paradigma pragmático = [classe contextual 1, classe contextual 2 ... classe contextual n]

Fonte: Pontes (2009, p. 96)

O primeiro paradigma é o mais variado no que diz respeito à pluralidade de informações apresentadas, e a maioria dos aspectos nele englobados são cabíveis sob o guarda-chuva do que se considera tradicionalmente como relativo à gramática. Além disso, é o primeiro paradigma com o qual o consulente se depara, pois a grafia da palavra, também nele compreendida, já se encontra de maneira implícita na própria palavra-entrada. Acrescente a isso o fato de que, em alguns dicionários, a palavra-entrada já compõe a nomenclatura dividida silabicamente. Quando apresentada, a classe gramatical também é normalmente trazida antes das definições e exemplos de uso.

O segundo paradigma corresponde à apresentação das definições. Para Imbs (1960 *apud* WELKER, 2004), a “arte suprema, em lexicografia, é a definição”. Em sintonia com o autor, consideramos a grande importância que a definição desempenha nos dicionários, de modo que ela será o foco das nossas análises.

É relevante para nós, portanto, entender a forma como esse paradigma se estrutura. Ao fazer um apanhado bibliográfico sobre a definição, Welker (2004) pontua duas noções importantes: o *gênero próximo* e a *diferença específica*. Ele escreve:

Muitas vezes, usam-se os termos latinos *genus proximum* e *differentia specifica*, e a definição dada desse modo é chamada de analítica, lógica ou aristotélica. Para definir cadeira, por exemplo, usa-se o *genus proximum* (gênero próximo), isto é, o hiperônimo, *móvel* e as *differentiae specifica* (diferenças específicas) “para sentar-se”, “com encosto”, “para uma pessoa” e, eventualmente, outros semas. (WELKER, 2004, p. 118)

Dessa forma, o *genus proximum* situa a palavra-entrada em uma categoria maior na qual está inserida, enquanto as *differentiae specifica* apresentam suas características particulares, distintivas. Pontes (2009) também discorre sobre a constituição da definição lexicográfica e explica que há variação de acordo com a classe gramatical a que pertence a palavra definida. Ele afirma que “os **substantivos concretos** definem-se por meio de um substantivo genérico (arquilexema), seguido por características especificadoras do nome a definir. Este é o tipo de definição mais importante (PONTES, 2009, p. 164)”. O autor nos coloca o seguinte exemplo:

Quadro 2 – Verbete *jardim* no Aurélio (2005)

jar.dim sm. Terreno onde se cultivam plantas de toda natureza.

Fonte: Ferreira, 2005.

O mesmo pesquisador analisa que “a definição da palavra-entrada jardim (substantivo concreto) inicia-se por terreno, arquilexema que se segue de elementos especificadores, a saber: onde se cultivam plantas de toda natureza (PONTES, 2009, p. 164)”. Este tipo definição é amplamente adotado nos dicionários brasileiros.

Uma vez que todas as palavras-entrada do nosso *corpus* consistem em substantivos concretos, as noções de *arquilexema* e de *características especificadoras* são particularmente frutíferas para este trabalho. Dessa forma, esses termos serão retomados ao longo das nossas análises

O terceiro paradigma traz informações de ordem contextual e tem nos exemplos de uso seu principal expoente. Apesar de serem muito comuns em diversos tipos de dicionários, nem todos os verbetes de um dado dicionário trazem exemplos de uso. Da mesma forma, os critérios para escolha de quais verbetes terão exemplos de uso não são claros nos dicionários. De qualquer forma, esse paradigma tem importância pela facilitação da compreensão da palavra-entrada tanto pelo contexto frasal quanto por apontar para situações de uso.

Vale lembrar que algumas informações podem ser prestigiadas ou suprimidas de acordo com a proposta editorial do dicionário, o público alvo ou outros fatores. Diante disso, temos mais clareza sobre as particularidades estruturais da microestrutura dicionarística.

2.1.6 Dicionários escolares

No início da subseção 2.1.2, procuramos evidenciar a importância do papel social dos dicionários. No Brasil, essa relevância é reconhecida e ganha força com a incorporação dos dicionários no Programa Nacional do Livro Didático, no ano de 2002. Desde então, as pesquisas nacionais sobre o dicionário ganharam mais importância e os dicionários escolares estão no centro disso.

O conjunto de dicionários selecionados para compor o acervo corrente do programa foi estabelecido em 2012, e trouxe junto consigo um manual onde são detalhadas as especificidades de cada um dos dicionários selecionados pela edição do programa correspondente àquele ano. Nesse material, encontramos uma elucidativa tabela sobre os 4 tipos de dicionários, apresentada a seguir:

Quadro 3 – Classificação de dicionários do PNLD

Tipos de dicionários	Etapas de ensino	Caracterização
Dicionário Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	▪ Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
Dicionário Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	▪ Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita quanto da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionário Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	▪ Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
Dicionário Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	▪ Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; ▪ Proposta lexicográfica própria de um dicionário padrão, porém adequada às demandas escolares do ensino médio, inclusive o profissionalizante.

Fonte: Brasil (2012, p. 19)

Como adiantado na subseção 2.1.4, o número de palavras é um critério levado em consideração para o estabelecimento tipológico de dicionários. No caso dos dicionários do PNLD 2012, quanto maior o número de verbetes, mais próximo do dicionário padrão, embora tal proximidade não se restrinja a esse critério. Dessa forma, os Tipo 1 apresentam entre 500 e 1.000 verbetes, pois entende-se que muito mais que isso seria além das necessidades dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental.

Outra característica importante que varia entre os tipos é a proposta lexicográfica, noção que leva em consideração diversos aspectos e é diretamente direcionada pelo perfil do público alvo. Dessa forma, o número de paradigmas de informação na microestrutura é menor no Tipo 1, pois este se preocupa mais com elementos fundamentais concernentes às fases iniciais da aquisição da escrita, como aspectos de grafia e divisão silábica, por exemplo.

Variando, ainda, segundo a proposta lexicográfica está a apresentação – ou não – de imagens ilustrativas. Todos os Tipo 1 trazem ilustrações com cores vivas e convidativas, enquanto os Tipo 4 apresentam ilustrações apenas funcionais e em uma porcentagem bem menor de verbetes. Pode-se identificar, nesse sentido, um *continuum* nas formas de trazer imagens do Tipo 1 ao Tipo 4.

Cabe, nesse momento, reiterar que os dicionários Tipo 3 serão nosso alvo nessa pesquisa. Uma vez apresentados os principais eixos da nossa pesquisa na face da Lexicografia, seguiremos para a face que lhe será complementar: a Linguística Cognitiva.

2.2 LINGUÍSTICA COGNITIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES

Desde a revolução chomskiana, a partir da década de 50, a cognição passou a ser reconhecida nos estudos de várias disciplinas como característica fundamental do ser humano. Tal reconhecimento reverberou em várias ciências, como a Filosofia, a Psicologia, a Medicina, a Antropologia e a Linguística, dentre tantas outras. Essa perspectiva teórica se diversificou, de forma que atualmente diferentes pesquisadores exponenciam os estudos cognitivistas em áreas distintas, operando rupturas maiores ou menores com o que foi estabelecido inicialmente por Chomsky.

2.2.1 A Linguística Cognitiva no *hall* das Ciências Cognitivas

Fala-se na contemporaneidade nas *Ciências Cognitivas*, normalmente referindo-se às áreas das ciências supracitadas, que têm seus objetos de pesquisa revistos sob o paradigma cognitivo, como a Psicologia Cognitiva, a Neurociência Cognitiva e a Linguística Cognitiva, indo além, entretanto, para incluir outras áreas como os estudos de Inteligência Artificial.

Recortando mais o campo para focar na Linguística Cognitiva, temos o que é apresentado por Silva (1997):

A Linguística Cognitiva é uma abordagem da linguagem perspectivada como meio de conhecimento e em conexão com a experiência humana do mundo. As unidades e as estruturas da linguagem são estudadas, não como se fossem entidades autônomas, mas como manifestações de capacidades cognitivas gerais, da organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e da experiência cultural, social e individual. (SILVA, 1997, p. 59)

Apesar de haver citações mais completas, esta nos é particularmente conveniente nesse contexto porque faz referência em seu interior a dois pontos que serão centrais nesta pesquisa: os princípios de categorização e a conexão da linguagem com a experiência humana do mundo. Esperamos deixar a relevância desses aspectos mais clara nas duas próximas subseções.

Um importante aspecto a ser considerado nas Ciências Cognitivas é seu caráter transdisciplinar. Achados importantes em seus diferentes ramos tendem a influenciar nos demais. A Teoria dos Protótipos, por exemplo, gerada no seio da Psicologia Cognitiva, traz pressupostos - e quebras de paradigmas - que são adotados, embora com algumas ressalvas, pelas outras Ciências Cognitivas, como acontece na Linguística Cognitiva. Tal teoria trata do fenômeno da categorização e discorreremos mais sobre isso a partir da próxima subseção.

2.2.2 Categorização

Atualmente, categorização é entendida como um fenômeno fundamental da cognição. De acordo com Silva (1997), ela é “o processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros de uma mesma categoria (SILVA, 1997. p. 64)”, sendo toda experiência do ser humano com o mundo categorizada. Nessa mesma perspectiva, Lakoff (1987, p. 5-6) afirma que:

Não há nada mais básico que a categorização para nosso pensamento, percepção, ação e fala. [...] Toda vez que vemos algo como um *tipo* de coisa [...] estamos categorizando. [...] Quando quer que executemos intencionalmente qualquer *tipo* de ação, diga-se algo tão corriqueiro quanto escrever com um lápis, martelar com um martelo, ou engomar roupas, nós estamos usando categorias (LAKOFF, 1987, p. 5-6).³

A categorização é compreendida, dessa forma, como um fenômeno fundamental e constitutivo da mente humana e que perpassa a forma como pensamos, percebemos agimos e falamos sobre o mundo. O impulso humano básico é categorizar, mesmo diante de algo novo (ARAGÃO NETO, 2008)

³ There is nothing more basic than categorization to our thought, perception, action and speech. Every time we see something as a *kind* of thing [...] we are categorizing. Whenever we intentionally perform any *kind* of action, say something as mundane as writing with a pencil, hammering with a hammer, or ironing clothes, we are using categories. (LAKOFF, 1987, p. 5-6)

2.2.3 Paradigma clássico de categorização

Ao longo do texto, temos nos referido ao paradigma clássico de categorização de forma apenas pontual. Contudo, é importante ter mais clareza sobre ele e suas influências. O fenômeno da categorização tem sido alvo de elucubrações teóricas desde a antiguidade. O chamado *modelo clássico de categorização* remonta aos filósofos gregos e reinou com relativa soberania até o século passado. Duque e Costa (2012) escrevem:

No que diz respeito à categorização, Lyons (1979, p. 426) faz referência à “controvérsia filosófica entre realistas e nominalistas, que de uma maneira ou de outra vem vindo desde Platão até os dias atuais”. Enquanto os realistas acreditavam que as coisas às quais damos o mesmo nome (por exemplo, todos os animais que denominamos de VACA) teriam algumas propriedades essenciais comuns pelas quais pudéssemos identificá-las, os nominalistas achavam que as coisas não teriam nada em comum a não ser o nome que, por convenção, aprendemos a dar-lhes (DUQUE; COSTA, 2012, p. 22).

Podemos tomar como ponto de partida esse trecho, que aponta que havia duas perspectivas antagônicas sobre natureza da relação entre as entidades do mundo e seus nomes. Para os nominalistas, a relação entre as coisas e seus nomes seria uma questão de convenção e, dessa forma, não haveria compartilha de qualquer traço em comum. Já o pensamento realista assume que os membros de uma mesma categoria possuem *propriedades essenciais comuns* que usamos para a sua identificação e classificação. Longe de se encerrar aí, essas discussões assumem outras nuances em outras correntes filosóficas:

[...] Platão nos oferece, no diálogo *Crátilo*, uma boa representação das idéias defendidas por naturalistas e convencionalistas acerca das relações entre a linguagem e o mundo: enquanto o grupo de Crátilo, inspirado em Heráclito, sustenta que há uma relação natural entre os nomes e as coisas que elas designam (ou pelo menos que, sem essa relação não existe nenhum nome autêntico), e assume, desse modo, que os nomes eram, em última instância, uma “imitação” das coisas, o outro grupo, buscando inspiração em Demócrito e ligado ao pensamento relativista de que o homem é a medida de todas as coisas, assegura que a atribuição dos nomes é arbitrária, uma questão de lei, de instituição, de convenção (DUQUE; COSTA, 2012, p. 23).

Contudo, o pensamento de Platão segue em outra direção. Sua *Doutrina das Formas* (Teoria das Ideias) estabelece uma dicotomia entre “o mundo sensível, das aparências, que se apresenta aos nossos sentidos em mutação contínua”, correspondente ao mundo que o homem experimenta, e “um mundo inteligível, *habitat* das formas perfeitas (as *Ideias*), de realidade atemporal e imutável”, sendo este mundo acessível ao homem de maneira bastante restrita (DUQUE; COSTA, 2012, p. 23).

Aristóteles segue em direção oposta, rejeitando o mundo das idéias, se centrando em questões como “o que é ser?” e “o que significa existir alguma coisa?”. Sobre as respostas aristotélicas para essa pergunta, Magee (*apud* DUQUE; COSTA, 2012, p. 24) escreve:

[...] sua primeira conclusão importante foi que as coisas não são apenas a matéria de que consistem materialmente. Ele (Aristóteles) usa o exemplo de uma casa. Se você contratasse um construtor para erguer uma casa em seu terreno e ele mandasse descarregar no local os tijolos, os ladrilhos, a madeira etc. e lhe dissesse: “Pronto, aqui está sua casa”, você pensaria tratar-se de uma piada [...]. Ali estariam todos os materiais constituintes de uma casa, mas não haveria casa nenhuma [...]. Para ser uma casa, tudo precisaria ser reunido de um certo modo, com uma estrutura muito específica e detalhada, e seria por virtude dessa **estrutura** que seria casa. [...] Aristóteles estende a espécies inteiras. Não chamamos de cães todos os diferentes tipos de cães porque eles são feitos de algum material distintivo. São cães por virtude de uma organização e uma estrutura distintivas que eles compartilham e que os diferenciam de outros animais também feitos de carne, osso e sangue [o grifo é do autor] (DUQUE; COSTA, 2012, p. 24).

Dessa forma, o posicionamento aristotélico sobre a natureza do ser e da categorização começa a se delinear. Chamamos a atenção para a noção de que os membros de uma categoria compartilham uma organização e uma estrutura em comum e que isso é usado, nessa linha de pensamento, para desenhar as fronteiras com outras categorias, pois é esse embrião epistemológico que mais é confrontado pelas investigações mais recentes, como discorreremos nas subseções seguintes.

Ao discorrerem mais aprofundadamente sobre o pensamento do supracitado filósofo, Duque e Costa (2012, p. 24) nos apresentam as noções de *essência* e *acidente*. A primeira corresponderia às partes que compõem uma coisa, sendo “a causa imanente da existência dos entes, a qual os limita e os individualiza” e, dessa forma, “a destruição da essência tem como consequência a destruição do todo”. Já *acidente* se refere a propriedades não determinantes de uma coisa. Dessa forma, os acidentes não se tratariam de traços necessários nem suficientes para a categorização das coisas. Duque e Costa continuam:

O significado é, nesse sentido, algo prévio ou preexistente às palavras, um assunto metafísico, pois tem relação com o fundamento da realidade, ou seja, com sua própria essência. Para efeitos do significado próprio ou fundamental de uma categoria, não importam os atributos accidentais, isto é, aqueles que, estando num ente, pertencem a eles apenas de maneira incerta, sem afetar a sua essência. Um atributo accidental da categoria HOMEM seria, por exemplo, [ser calvo], ao passo que um atributo essencial seria [ser racional] (DUQUE; COSTA, 2012, p. 24).

Nesse sentido, os *acidentes* são rejeitados como atributos fundamentais para a categorização, ao passo que a *essência* é atribuída como cerne desse processo. Consequentemente, derivam dessa perspectiva estudos que “defendem que todos os

exemplares de uma mesma categoria partilham entre si propriedades comuns, consideradas *condições necessárias e suficientes* para sua definição (DUQUE; COSTA, 2012, p. 24)”. É nesse momento que deparamos de fato com o *modelo clássico de categorização*.

Nessa perspectiva, qualquer exemplar de uma dada categoria teria o mesmo status de representatividade. Os mesmos autores seguem apontando que, para esse escopo teórico, as fronteiras categoriais seriam muito mais nítidas. Por exemplo, ao apontar como atributos essenciais da categoria AVE ter penas, voar, ter duas asas e ser bípedes, os limites entre os indivíduos que pertencem e os que não pertencem a essa categoria se tornam muito mais claros (DUQUE; COSTA, 2012, p. 25).

Segundo Taylor (1992, p. 24-26 *apud* DUQUE; COSTA, p. 26), o paradigma aristotélico influenciou fortemente os estudos de análises de categorias linguísticas e se mostrou particularmente produtivo na fonologia, que por sua vez, teve seus conceitos adotados por certos linguistas como “Katz e Fodor (1963), Katz e Postal (1964), Chomsky (1965), Bierwisch (1967, 1970), Nida (1975), Leech (1981), dentre outros”, para análise de “categorias morfossintáticas (por exemplo, os traços universais que identificam categorias como nome, verbo, adjetivo, entre outras) e semânticas (a significação das palavras em termos de traços como [masculino], [adulto] e [humano])” (DUQUE; COSTA, 2012, p. 26-27).

Apesar da brevidade da exposição, esperamos que agora seja possível ter mais clareza sobre o modelo clássico de categorização, a fim de tornar mais fácil perceber de que formas as teorias recentes se contrastam com paradigma clássico. Dessa forma, seguiremos, nas próximas subseções, as discussões sobre categorização nas perspectivas de Wittgenstein e Rosch.

2.2.4 Wittgenstein e as semelhanças de família

Em *Investigações Filosóficas*, Ludwig Wittgenstein confronta o modelo clássico de categorização, justificando que tal abordagem não dá conta da realidade. O seu exemplo mais proeminente é sobre a categoria *jogos*.

Considere, por exemplo, os processos que chamamos de “jogos”. Quero dizer, jogos de tabuleiro, de carta, com bola, de combate, e assim por diante. O que todos eles têm em comum? – Não diga: “Tem que haver para eles algo em comum, senão eles não se chamariam ‘jogos’” – mas veja se todas as coisas são comuns para eles. – Pois se você os examina, não vai ver, na realidade, algo que todos têm em comum, mas semelhanças, parentescos, e, na realidade, toda uma série dessas coisas. Como foi dito: não pense, veja! – Examine, por exemplo, os jogos de tabuleiro com os seus múltiplos parentescos. Passe agora para os jogos de carta: aqui você encontra muitas

correspondências com aquela primeira classe, mas muitos traços comuns desaparecem e outros surgem. (WITTGENSTEIN, 2014, § 66)

O filósofo tece uma argumentação em torno de uma importante questão para os estudos sobre categorização: a partilha de características entre os membros de uma mesma categoria. Ao trazer a reflexão acima, ele quebra com o paradigma vigente: os membros de uma dada categoria não necessariamente possuem características em comum com todos os seus outros membros. Ao discorrer sobre as implicações disso, Duque e Costa (2012) comentam:

[...] Wittgenstein conclui que o que ocorre com categoria JOGO não se trata de uma particularidade. Muito pelo contrário, a dificuldade de se ter categorias fechadas, com fronteiras nítidas, ocorre na maioria das vezes. O filósofo sugere, portanto, que, em lugar de traços comuns, existe entre essas múltiplas atividades uma rede entrecruzada de semelhanças que passa a denominar *semelhanças de família* (DUQUE; COSTA, 2012, p. 31-32).

Dessa forma, Wittgenstein compara a distribuição de características entre os jogos com a distribuição de característica em uma família. Por exemplo, em uma dada família, pai e filha podem ter olhos castanhos enquanto mãe e filho têm olhos verdes; avó e neta podem ter cabelos loiros enquanto ninguém mais na família possui essa característica. Nesse sentido, teríamos a lógica AB/BC/CD, e assim sucessivamente, para o compartilhamento de traços de semelhança. Dessa forma, há uma quebra com o paradigma das *condições necessárias e suficientes*. Duque; Costa (2012) comentam ainda mais:

Há atributos que, tipicamente, associamos à categoria. Alguns membros apresentam alguns desses atributos, mas não há nenhum que possa ser compartilhado com todos os outros. Inclusive, pode haver membros que não apresentem nenhum atributo em comum com os demais e, por outro lado, os atributos podem ser incluídos em mais de uma categoria, já que os atributos (*semelhanças de família*) não são ‘exclusivos’ (DUQUE; COSTA, 2012, p. 32).

Temos, então, mudanças bastante radicais na concepção do que as categorias são e de como elas se estruturam, de modo que, a partir daí, passam ser vistas como difusas, entrecortadas e entrecruzadas quanto as suas fronteiras, e pode-se até mesmo dizer transgressivas da lógica até então vigente.

2.2.5 Rosch e a Teoria dos Protótipos

A investigação de Eleanor Rosch também traz importantes mudanças no cenário dominado pelo *modelo clássico de categorização*, com a Teoria dos Protótipos. De acordo com essa perspectiva, o fenômeno da categorização se dá com base em exemplares mais representativos de uma determinada categoria, os ditos protótipos e, conseqüentemente, os membros de uma categoria não têm o mesmo status de igualdade. Além disso, nessa perspectiva não haveria uma linha clara separando os membros de uma categoria dos de outra.

Para entender a gênese dessa teoria, precisamos nos reportar a investigação sobre a categorização de cores conduzida por Rosch. Ao discorrer sobre o resultado dos experimentos, Rosch (1975) afirma o seguinte:

Categorias para cor parecem ser representadas na cognição não como um conjunto de critérios com fronteiras claras, mas, ao invés, em termos de um protótipo (os casos mais claros, melhores exemplos) da categoria, rodeado por outras cores de similaridade decrescente a do protótipo e de grau decrescente de pertencimento a categoria [...] (ROSCH, 1975. p. 193).

Então, os atributos definidores passam a ser distribuídos desigualmente entre os membros de uma dada categoria. Nesse ínterim, são contrastadas as noções *protótipo* e de *periférico*. Grosso modo, o primeiro atuaria como um ponto de referência cognitivo no processo de categorização e seria mais representativo porque os membros prototípicos apresentariam um maior número dos atributos definidores apontados para uma categoria. Os periféricos, por sua vez, por apresentarem quantidade menor de atributos definidores da categoria, seriam menos representativos e estariam às margens.

Dessa forma, há uma ruptura com o paradigma anterior que ainda estava bastante presente em outras áreas como a Filosofia, a Psicologia, a Linguística e a Antropologia (ROSCH, 1975. p. 193), gerando uma tendência que reverberaria nos mais diversos âmbitos das décadas seguintes, chegando a várias outras áreas, como a Biblioteconomia, por exemplo (CAMPOS; GOMES, 2006).

É importante diferenciar que tanto as contribuições de Aristóteles quanto as de Wittgenstein sobre a categorização se dão no seio de elucubrações filosóficas, enquanto Rosch insere suas investigações no âmbito da Psicologia Cognitiva. Conseqüentemente, seus experimentos e explicações têm bases distintas.

Ao discorrer sobre a ‘inquestionabilidade’ do paradigma aristotélico de categorização vigente antes de Rosch, Lakoff afirma que:

Em um período de tempo notavelmente curto, tudo isso mudou. A categorização foi do plano de fundo ao palco central devido aos estudos empíricos em um amplo número de disciplinas. Na Psicologia Cognitiva, a categorização se tornou um grande campo de estudos, graças, principalmente, ao trabalho pioneiro de Eleanor Rosch, que fez da categorização uma questão a ser resolvida [tradução nossa] (LAKOFF, 1987. p. 07).⁴

Dessa forma, estudos sobre categorização como objeto central de investigação entram em cena e passam a ocupar um papel importante em diversas disciplinas, e o trabalho de Rosch ocupa posição de destaque no florescimento desses estudos. Um ponto importante a se salientar desses estudos é o caráter empírico que norteia essas investigações.

Outro importante aspecto sobre a categorização nesse novo escopo de pesquisa é que ela está sujeita à influência de aspectos culturais. Sobre isso, ainda sobre as cores, Rosch aponta:

Cor, entretanto, é um domínio perceptual; sua categorização é provavelmente fisiologicamente baseada (McDaniel, 1972; Rosch, 1974, em impressão-b, em impressão-d). Nem todas as categorias têm uma base perceptual óbvia e muitas categorias podem ser culturalmente relativas [tradução nossa] (ROSCH, 1975. p. 193)⁵.

Além de outros fenômenos relacionados à prototipicidade, essa percepção pode explicar o porquê do protótipo para mamífero mudar de acordo com as condições geográficas de onde um povo se estabeleceu, podendo esse protótipo ser uma vaca para um menino do campo e um cachorro ou gato para um menino da cidade. Essas noções florescerão e tomarão ainda mais corpo nas décadas seguintes no seio das diferentes Ciências Cognitivas. Ao tratar sobre a forma como a Linguística Cognitiva concebe a categorização, Silva (1997) afirma:

A Linguística Cognitiva diz que a categorização linguística se processa, geralmente, na base de protótipos (exemplares típicos, mais representativos, ou, melhor, representações mentais destas entidades) e que, conseqüentemente, as categorias linguísticas apresentam uma estrutura prototípica (baseada em protótipos). Mais precisamente, a Linguística Cognitiva afirma que os vários membros ou propriedades de uma categoria possuem, geralmente, diferentes graus de saliência (uns são prototípicos e outros periféricos), agrupam-se, fundamentalmente, por similaridades parciais ou "parencas-de-família" (conceito tomado de Wittgenstein

⁴ In a remarkably short time, all that has changed. Categorization has moved from the background to the center stage because of empirical studies in a wide range of disciplines. Within Cognitive Psychology, categorization has become a major field of study, thanks primarily to the pioneering work of Eleanor Rosch, who made categorization an issue (LAKOFF, 1987, p. 07).

⁵ Color, however, is a perceptual domain; its categorization is probably physiologically based (McDaniel, 1972; Rosch, 1974, in press-b, in press-d). Not all categories have an obvious perceptual basis and many categories may be culturally relative. (ROSCH, 1975, p. 193)

1953) e os limites entre si bem como entre diferentes categorias são, frequentemente, imprecisos (SILVA, 1997. p. 65).

Ao ler esse trecho, é notável a transdisciplinaridade pela influência que Teoria dos Protótipos teve sobre a Linguística Cognitiva, como é assinalado pelo próprio autor posteriormente no mesmo texto. Outras influências somam-se ao escopo teórico, como é o caso das contribuições de Wittgenstein, que explica a distribuição desigual de características entre os membros de uma dada categoria.

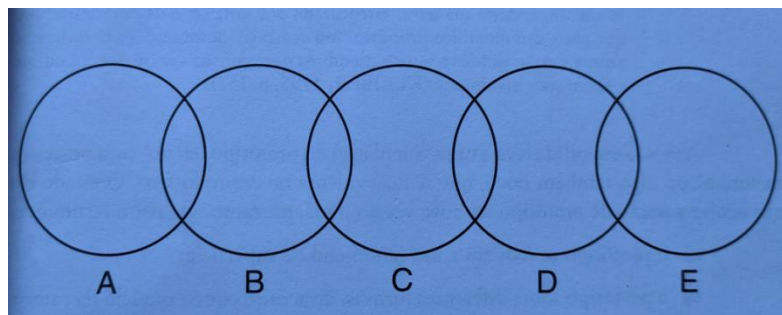
2.2.6 Uma síntese teórica

Duque e Costa (2012, p. 39) apontam que ao longo das últimas décadas, a Teoria dos Protótipos tem sido posta em duas versões, a *versão padrão*, sobre a qual discorreremos brevemente acima, e a versão estendida, conforme Kleiber (1995). Esta última consiste em uma integração entre as postulações de Wittgenstein e de Rosch sobre a forma como a categorização se estrutura:

O conceito de semelhança de família, somado à teoria dos protótipos, sugere que, na organização das categorias, os elementos se vinculam de forma lateral, em cadeias, de modo que a vinculação categorial entre o primeiro e o último componente só é compreensível quando toda a cadeia é levada em conta (DUQUE; COSTA, 2012, p. 39).

A visão de categoria centralizada no protótipo tal como é posta na versão padrão é substituída, dessa forma, por uma concepção de categoria colateralmente organizada. Consequentemente, passa-se de uma noção monorreferencial de categoria para uma multirreferencial. Observe-se a figura seguir:

Figura 1 - Estrutura prototípica em *semelhanças de família* segundo Kleiber (1995)



Fonte: Kleiber (1995, p. 160 *apud* DUQUE; COSTA, 2012, p. 39)

Assim posta, essa versão admite que uma categoria possa ser composta por vários tipos de subcategorias e que os traços distintivos são compartilhados na relação AB, BC, CD, DE, de que modo a primeira e a última categoria não compartilham traços em comum. Kleiber (1995, p. 160 *apud* DUQUE; COSTA, 2012, p. 40) considera que, nessa versão estendida, a categorização pode ser entendida como polissêmica em contraste com a monossêmia da versão padrão.

Para ilustrar melhor as aplicações da versão estendida, Kleiber (1995) se vale de um exemplo trazido por Lakoff (1987), que ao tratar do idioma *dyrbal*, falado por aborígenes australianos, descreve a categoria *bayi*, que agrupa:

Os homens (machos), os cangurus, os morcegos, a maior parte das serpentes, a maior parte dos peixes, alguns pássaros, a maior parte dos insetos, a lua, as tempestades, o arco-íris, os bumerangues, algumas javalinas, etc (KLEIBER, 1995, p. 156-157 *apud* DUQUE; COSTA, 2012, p. 40).

Dessa maneira, é possível concluir a partir desse exemplo que nem o modelo clássico de categorização, com suas condições necessárias e suficientes, nem a versão padrão da teoria dos protótipos conseguem descrever satisfatoriamente a estrutura da categoria supracitada, por ser ela multirreferencial. Kleiber (1995) comenta:

Lakoff considera que esse agrupamento não é arbitrário. Cada membro está relacionado, ao menos, com outro, mediante uma propriedade comum. Se a lua, por exemplo, está na mesma categoria de *bayi* é porque compartilha um traço comum com os homens; nos mitos, aparece como o marido, enquanto o sol é a esposa [...] a presença de aparelhos de pesca em *bayi* se explica pela sua relação associativa com os peixes. A categoria complexa *bayi* se encontra, desta maneira, estruturada por uma série de encadeamentos que parte dos membros primários (centrais) neste caso, os homens e os animais estão unidos a outros membros que, por sua vez, se unem a outros e assim sucessivamente (KLEIBER, 1995, p. 157 *apud* DUQUE; COSTA, 2012, p. 40)

Dessa síntese entre os dois principais escopos teóricos responsáveis por abalar o modelo clássico de categorização, surge uma proposta muito mais abrangente e satisfatória para os estudos sobre categorização. Há muitos outros desdobramentos dessa união, bem como suas influências em diversos campos de pesquisa continuam a se espalhar. No ínterim dos fenômenos relacionados à categorização, será importante para essa pesquisa entender que as categorias se apresentam em diferentes níveis, sobre os quais discorreremos a seguir.

2.2.7 Atributos definidores e níveis de categorização

Ao discorrer sobre as características presentes nos membros de uma dada categoria, Ferrari (2011) chama a atenção para a noção de *atributos definidores*. Dessa forma, ter bicos e ser bípede estariam entre os atributos definidores das aves. Contudo, dentro dessa perspectiva, um conjunto de atributos definidores não estabelece condições mínimas nem se bastam para identificar os membros de uma dada categoria, pois não se espera que essas características sejam distribuídas uniformemente entre seus membros.

Outra questão importante trazida pela mesma autora é a de que a categorização apresenta níveis de inclusão. Haveria 3 níveis: o nível superordenado (ou supraordenado, para alguns autores), o nível básico e o nível subordinado (FERRARI, 2011, p. 39), a exemplo de *fruta*, *banana* e *banana-prata*, respectivamente. Sobre o nível básico, ela escreve:

- i) Os indivíduos usam padrão de comportamento motor semelhante para interagir com os membros da categoria. ii) Uma imagem mental única pode representar os membros de toda a categoria. iii) Os membros da categoria têm formas globais percebidas como similares. iv) A maior parte das informações úteis e conhecimentos dos falantes sobre os membros da categoria são organizados (FERRARI, 2011, p. 39).

Essas características seriam válidas para a categoria supracitada *banana*, pois a forma como as pessoas interagem com a fruta apresenta semelhanças, uma vez que, em geral, essa fruta é descascada de forma bem específica antes de ser consumida; uma única imagem mental poderia representar os membros da categoria (provavelmente uma banana madura); as formas globais das bananas seriam percebidas como similares, facilitando a identificação visual, por exemplo; e os conhecimentos úteis dos falantes, como formas de consumo, se concentrariam nessa categoria.

Já a categoria superordenada estaria acima do nível descrito no parágrafo anterior e abrangeria diferentes categorias de nível básico. Dessa forma, o nível superordenado *fruto* englobaria diferentes categorias básicas tais como banana (descrita anteriormente), maçã, pêra e goiaba. Sobre esse fenômeno, a mesma autora escreve:

- i) A semelhança entre os membros é baixa, em contraste com a semelhança entre os membros das categorias de nível básico. ii) o número de atributos definidores de seus membros é mais baixo que nas categorias de nível básico. iii) Os nomes das categorias superordenadas são nomes não contáveis, enquanto os nomes das categorias de nível básico costumam ser contáveis (FERREIRA, 2011, p. 40).

Dessa forma, os membros da categoria superordenada *fruto* (banana, maçã) teriam menos semelhanças que os membros das categorias básicas *banana* (banana-prata, banana-maçã, banana-nanica, banana-ouro, banana-da-terra) e *maçã* (maçã-gala, maçã-argentina, maçã-fuji, maçã-verde); haveria menor número de atributos definidores para a categoria *fruto* que para suas categorias de nível básico, logo, *fruto* seria uma categoria mais abstrata; novamente em contraste com o nível básico, o nível superordenado não seria contável e, nesse sentido, esperar-se-ia que alguém diga que foi ao supermercado e comprou 5 goiabas/peras/laranjas, mas não que diga que comprou 5 frutos.

As categorias subordinadas, por sua vez, estariam um nível abaixo do nível básico. Sobre elas, Ferreira (2011) escreve:

No que se refere ao nível subordinado, as categorias diferem minimamente da categoria hiperonímica, situada imediatamente acima na hierarquia. Assim, os indivíduos tendem a listar praticamente os mesmos atributos para PRATO e PRATO DE SOPA (em geral, lista-se apenas uma propriedade a mais para esse último) (FERREIRA, 2011, p. 41).

No geral, acrescentar-se-ia, então, apenas mais num atributo definidor – embora possam apresentar mais de um - para as categorias de nível subordinado como *banana-prata* e *banana-nanica*, especificando-se uma nuance diferenciada de cor, tamanho ou sabor, por exemplo.

Algumas noções sobre as quais discorreremos nessa subseção, como as de atributos definidores e dos níveis básico e superordenado, são de particular relevância para esta pesquisa e serão retomadas nas nossas análises.

2.2.8 A mente corporificada

Como mencionado nas seções anteriores, a Linguística Cognitiva se preocupa com a questão da conexão entre a linguagem e a experiência humana do mundo. A linguagem não corresponderia a um sistema abstrato, mas seria permeada pela experiência perceptual do ser humano. Dessa forma, estudar a linguagem sob essa perspectiva implica em assumir que a mente humana é *corporificada*.

Para fins de contraste teórico, podemos nos reportar novamente ao filósofo grego Platão, cuja ontologia dualista:

[...] exclui a experiência humana vivenciada através dos sentidos como fundamento de objetividade categorial, uma vez que, de acordo com o pensamento elaborado por

Platão, as *Ideias*, transcendendo a experiência concreta e relativa dos sujeitos, não se localizam na mente humana na forma de conceitos ou representações, “ao contrário, existem em si, nem nos objetos (de que são modelos)” (PESSANHA, 1986, p. 59). Como matrizes perfeitas das quais tudo a nossa volta não passa de sombras, as *Ideias* só são acessadas por nós em raros e fortuitos momentos (DUQUE; COSTA, 2012, p. 23).

Dessa forma, para Platão, a experiência humana não é a base a partir da qual se constroem as categorias, pois elas existiriam a parte em mundo próprio. Consequentemente, nossa vivência do mundo não é compreendida como um elemento que converge para o processo de categorização. Apesar de Aristóteles romper com o plano das *Ideias* platoniano, a concepção aristotélica do fenômeno da categorização continua desencarnada.

A noção de mente corporificada ganha força com a Teoria dos Protótipos, descrita anteriormente. Nas palavras de Lakoff:

Questionar a visão clássica das categorias de forma fundamental é questionar [...] a visão de razão como manipulação-de-símbolos descorporificada e correspondentemente questionar a versão mais popular da metáfora da mente-como-computador. A Teoria dos Protótipos contemporânea faz exatamente isso – através de pesquisa empírica detalhada em Antropologia, Linguística e Psicologia.⁶ (LAKOFF, 1987. p. 05)

Dessa forma, a visão de mente descorporificada também é abalada junto com o modelo clássico de categorização, pois o próprio fenômeno da corporificação passa ser entendido como um importante elemento no processo de categorização. Nesse sentido, fica ainda mais clara a proposição de Rosch de que a categorização das cores remonta ao nosso aparato fisiológico.

Além disso, ao contrastarmos o modelo clássico de categorização com a concepção roschiana, inserida em contexto cognitivista, percebemos que o diferencial entre os dois construtos teóricos é uma mudança mais geral de paradigma, saindo de um plano abstrato para um plano investigativo empirista e experimental, respectivamente. É nesse cerne que consiste a mudança que permite compreender a categorização como corporificada.

De acordo com Lakoff, Rosch observou que a neurofisiologia humana, o movimento corporal humano, e capacidades específicas humanas de perceber, formar imagens mentais, de aprender e lembrar, de organizar as coisas aprendidas, e de se comunicar eficientemente têm um papel no processo de categorização (LAKOFF, 1987).

⁶ To question the classical view of categories in a fundamental way is [...] to question the view of reason as disembodied symbol-manipulation and correspondingly to question the most popular version of the mind-as-computer metaphor. The contemporary prototype theory does just that – through detailed empirical research in anthropology, linguistics and psychology. (LAKOFF, 1987. p. 05)

A categorização humana não se daria sem a corporificação, pois o mundo experimentado pelo ser humano precisa primeiro ser percebido de alguma forma para, então, ser categorizado. Dessa forma, a nossa percepção visual de uma entidade física do mundo nos dá informações importantes sobre cor, forma e proporção, por exemplo, que, junto com aspectos culturais, são importantes no processo de categorização.

Os fenômenos da categorização e da corporificação podem ser entendidos, dessa forma, como indissociáveis e complementares. Essa concepção será particularmente frutífera para esta pesquisa, pois tem muito a contribuir no que concerne a questões semânticas, estando estas, por sua vez, no cerne do fazer lexicográfico. Sobre isso, discorreremos melhor na subseção seguinte.

2.3 INTERFACE ENTRE LEXICOGRAFIA E LINGÜÍSTICA COGNITIVA

Como mencionado anteriormente, Geeraerts é um dos principais entusiastas da interface entre Lexicografia e Linguística Cognitiva. O autor defende que o dicionário tem forte caráter semântico e poderia receber grandes contribuições de teorias presentes no escopo da Linguística Cognitiva, como é o caso da categorização, apontada pelo próprio pesquisador (GEERAERTS, 2007).

Foi apresentado nas subseções relacionadas à Lexicografia que o dicionário apresenta os mais variados tipos de informações sobre a natureza das palavras. Sob o viés da cognição, mesmo informações de aspectos formais relacionadas à grafia e à divisão silábica, por exemplo, contribuem para o significado das palavras, pois o conhecimento linguístico é entendido como enciclopédico.

Ibarretxe-Antuñano (2010), importante defensora desse trabalho interdisciplinar na Lexicografia de língua espanhola, discorre sobre a questão do enciclopedismo ao escrever sobre as contribuições da Linguística Cognitiva, e afirma que:

[...] a elaboração da definição do dicionário é uma área conflituosa. Muitas vezes, as definições incluem marcações de uso (marcas semânticas, conotativas, usos típicos); outras vezes, mesclam dados relativos ao significado, ao sentido e à aceção, que, segundo alguns autores, não deveriam ser incluídas no dicionário [...]. A Linguística Cognitiva, ao tomar um ponto de vista enciclopedista do significado, justifica a inclusão destes elementos, aliás, não se compreenderia uma definição que não incluísse este tipo de dado, uma vez que, se considerariam imprecisas.⁷ (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2010. p. 199-200)

⁷ [...] la elaboración de la definición del diccionario es un área conflictiva. Muchas veces las definiciones incluyen rasgos de uso (marcas semánticas, connotativas, usos típicos); otras veces mezclan datos relativos al significado, al sentido y a la acepción, que según algunos autores no deberían incluir los diccionarios [...]. La

Para a pesquisadora, a noção enciclopedista da linguagem oferecida pela Linguística Cognitiva poderia ter impactos positivos sobre os dicionários. Essa combinação teórica poderia oferecer critérios para manutenção ou supressão de certas práticas lexicográficas correntes de acordo com a autora, além de ajudar a resolver certos conflitos concernentes à elaboração da definição lexicográfica, por exemplo.

Ao discorrer sobre o atualmente restrito alcance das teorias cognitivas sobre os dicionários, Molina afirma que a “Lexicografia não deveria ficar fora de uma sólida revolução dentro da teoria linguística pela qual provavelmente seus usuários seriam muito gratos⁸” (MOLINA, 2005. p. 98), sendo, portanto, mais uma voz em defesa dessa cooperação.

Outra contribuição bastante significativa vem de Carolin Ostermann, que publicou em 2015 o livro intitulado *Cognitive Lexicography: a new approach to lexicography making use of cognitive semantics*. Nele, a pesquisadora discorre sobre a combinação entre Lexicografia e semântica cognitiva, apresentando as contribuições dessa união. A sua proposta não trata apenas de juntar as duas teorias, mas de oferecer uma nova abordagem lexicográfica, a Lexicografia Cognitiva, fazendo uso da semântica cognitiva. Osterman defende que:

Uma análise dos conteúdos semânticos em termos cognitivos descreve mais adequadamente como os falantes processam a linguagem, uma vez que opera tanto com o nível semântico quanto com o referencial da descrição linguística, aceita diferenças no peso estrutural e imprecisão, e põe ênfase sobre estruturas semânticas multidimensionais (GEERAETS, 2007, p. 1161-1162) (OSTERMAN, 2015, p. 79-80).⁹

Dessa forma, a pesquisadora sustenta que semântica cognitiva tem uma abordagem do fenômeno do significado mais alinhada com a forma os falantes processam a linguagem. A autora defende, ainda, com base em Geerarts (2007), que a Linguística Cognitiva teria contribuições para a Lexicografia mais adequadas que teorias de orientação estruturalista, por exemplo (OSTERMANN, 2015).

Sobre o fenômeno da categorização em dicionários, Ostermann (2015) escreve:

lingüística cognitiva al tomar un punto de vista enciclopedista del significado justifica la inclusión de estos elementos, es más, no se comprendería una definición que no incluyera este tipo de datos, ya que, se considerarían imprecisas. (IBARRETXE-ANTUÑANO, 2010. p. 199-200)

⁸ Lexicography should not remain apart from a steady revolution within linguistic theory which dictionary users are likely to be thankful for (MOLINA, 2005. p. 98).

⁹ [...] an analysis of semantic content in cognitive terms more adequately describes how language users process language, since cognitive linguistics works on both a semantic and referential level of language description, accepts differences in structural weight and fuzziness, and puts an emphasis on multidimensional, clustered semantic structures (GEERAETS 2007: 1161- 1162) (OSTERMAN, 2015, p. 79-80).

[...] Princípios da Linguística Cognitiva podem ser detectados na Lexicografia tradicional, a maioria no que diz respeito à categorização. O lexicógrafo que escreve definições ou projeta entradas de dicionários percebe o mundo da mesma forma que o usuário que lê as entradas. Ele ou ela, portanto, frequentemente de forma inconsciente, aplica princípios cognitivos, por exemplo, na redação das definições e apresentação de materiais [...] (OSTERMANN, 2015. p. 77).¹⁰

Nessa perspectiva, em função da corporificação ser um fenômeno fundamental da mente humana e de a percepção do mundo ser compartilhada entre lexicógrafo e consulente, uma vez que possuem essencialmente os mesmos aparatos neurofisiológicos, é possível identificar no dicionário elementos que apontam para o fenômeno da categorização.

É particularmente interessante nesse caso chamar atenção para o fato de que a citação de Ostermann acima sinaliza a *percepção* como traço compartilhado entre o lexicógrafo e o usuário do dicionário. Tal noção remete, como discurremos nas subseções anteriores, ao fenômeno da corporificação da mente, reiterando mais uma vez o caráter indissociável entre categorização e corporificação.

Ao longo da nossa fundamentação teórica, esperamos ter conseguido apresentar um panorama dos dois campos de pesquisa que interfaceamos na presente pesquisa, a saber, a Lexicografia, disciplina da Linguística Aplicada, e a Linguística Cognitiva, disciplina da Linguística, bem como delinear a articulação teórica que nos propomos a realizar entre elas. Dessa forma, seguiremos para nossa subseção de metodologia, na qual apresentamos os passos que foram necessários para a viabilização desta empreitada.

¹⁰ [...] cognitive linguistic principles can be detected in traditional lexicography, mostly with respect to categorisation. The lexicographer who writes definitions or designs dictionary entries perceives the world in the same way as the user who reads the entries. He or she therefore often subconsciously applies cognitive principles, e.g. in the wording of definitions or presentation of material [...] (OSTERMANN, 2015. p. 77).

3 METODOLOGIA

Nesta seção, discorreremos sobre a caracterização da pesquisa, sobre os dicionários analisados, sobre escolha do *corpus* e sobre os procedimentos de análise.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

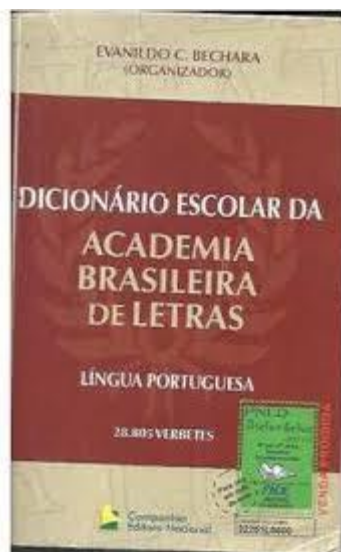
Esta é uma pesquisa de natureza descritiva, uma vez que nos propomos a investigar e descrever a forma como os fenômenos da categorização e da corporificação se apresentam e se articulam nas definições de frutos em diferentes dicionários escolares. Para tanto, observamos os elementos lexicais que apontam para a existência dos fenômenos em questão no dicionário. Além disso, esta pesquisa tem caráter qualitativo, no sentido de que a forma como os fenômenos se apresentam é mote para analisar as definições em cada dicionário.

3.2 SOBRE OS DICIONÁRIOS ANALISADOS

Elencamos para essa pesquisa os 5 dicionários da edição de 2012 do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD. Selecionamos essas obras por elas estarem diretamente relacionadas ao contexto do ensino de língua materna. Dessa forma, esperamos, com essa pesquisa, sinalizar possíveis contribuições para o ensino. Esses dicionários são classificados como tipo 3, e como tal, têm características respectivas.

O primeiro desses dicionários é o *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras* – doravante DEABL - (BECHARA, 2011). O próprio dicionário informa possuir 28.805 verbetes em sua macroestrutura, entretanto, não apresenta nenhuma ilustração. Apresentamos sua capa na figura a seguir:

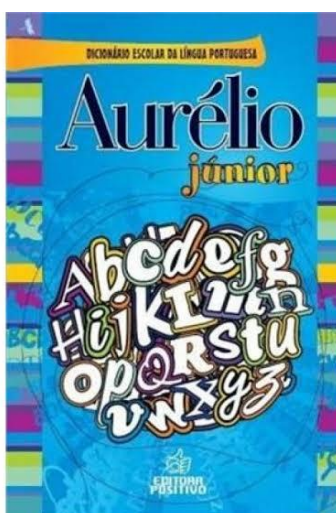
Figura 2 – Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras



Fonte: elaborado pelo autor.

Em seguida, temos o *Aurélio Júnior – dicionário escolar da língua portuguesa* – doravante AJ - (FERREIRA, 2011), que informa ter uma macroestrutura composta por 30.373 verbetes. Assim como o dicionário anterior, este também não apresenta ilustrações. Sua capa é mostrada na figura a seguir:

Figura 3 – Dicionário Aurélio Júnior

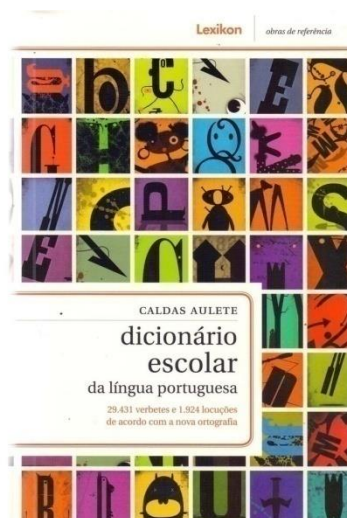


Fonte: elaborado pelo autor.

O terceiro dicionário tipo 3 do acervo é o *Caldas Aulete* – doravante CA - (GEIGER, 2011). De acordo com informações fornecidas pelo próprio dicionário, este conta

com uma nomenclatura composta por 29.431 verbetes. Diferentemente dos dois anteriores, este apresenta 180 ilustrações. A seguir, mostramos a sua capa.

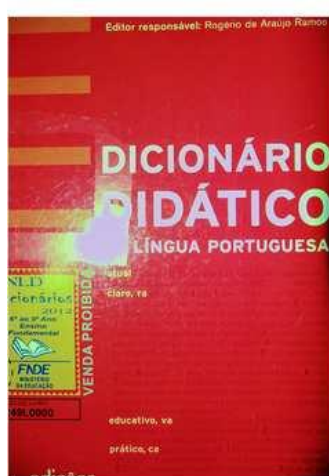
Figura 4 – Dicionário *Caldas Aulete*



Fonte: elaborado pelo autor.

O quarto dicionário a compor o acervo é o *Dicionário Didático da Língua Portuguesa* – doravante DDLP - (RAMOS, 2011). Este contém 26.117 verbetes em sua nomenclatura. Assim como o anterior, nesse, temos ilustrações. São apresentadas 43 ilustrações. Na figura a seguir, temos sua capa.

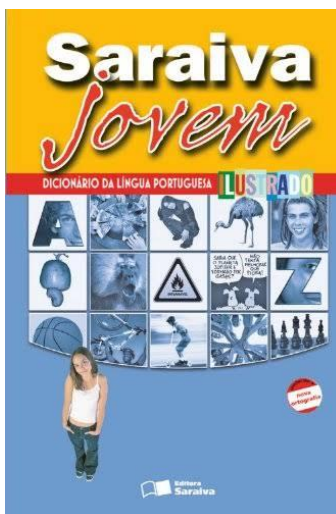
Figura 5 – Dicionário Didático de Língua Portuguesa



Fonte: elaborado pelo autor.

O último dicionário a compor o *corpus* é o *Saraiva Jovem – dicionário da língua portuguesa ilustrado* – doravante SJ - (SARAIVA; OLIVEIRA, 2010). As informações dadas no próprio dicionário indicam que ele apresenta 19.214 verbetes em sua nomenclatura. Em virtude tratar-se de um dicionário ilustrado, este traz muito mais imagens que todos os anteriores juntos: 500 imagens fotográficas. Além disso, também apresenta 50 tirinhas contextualizadoras. A seguir, a figura mostra a sua capa.

Figura 6 – Dicionário Saraiva Júnior



Fonte: elaborado pelo autor.

Uma vez situados quanto aos dicionários nos quais conduziremos esta pesquisa, podemos apresentar nosso recorte para a composição do *corpus*.

3.3 DA SELEÇÃO DOS VERBETES

Dada a importância da noção de corporificação para a nossa pesquisa, procuramos escolher uma categoria de verbete na qual pudéssemos obter mais dados indicativos da presença do fenômeno. Dessa forma, selecionamos a categoria *frutos*, por entender que a experiência humana com eles é altamente corporificada. Como nossas análises também são comparativas, selecionamos apenas verbetes de frutos igualmente presentes nos 5 dicionários utilizados nesta pesquisa. Dessa maneira, selecionamos *abacate*, mas não *abio*, pois este último fruto não está presente no Saraiva Júnior (SARAIVA; OLIVEIRA, 2010).

O critério de identificação dos frutos foi a presença do arquilexema *fruto* (ou de seu sinônimo *infrutecência*) nas acepções. Contudo, verbetes que não apresentam esses

arquilexemas, mas que trazem remissivas diretas ou indiretas a algum outro verbete que os apresente também foram incluídos, como *ananás* no Aurélio Jovem, que em acepção única apenas remete a *abacaxi*, que apresenta o supracitado arquilexema.

Recortando ainda mais o nosso *corpus*, realizamos a análise apenas do paradigma definicional dos verbetes selecionados, pois a nossa problemática nasceu com a constatação de definições lexicográficas vagas, como apontamos na nossa introdução. Nesse sentido, não analisamos acepções que tratavam de outros significados da palavra-entrada correspondente aos frutos selecionados.

Ressaltamos, ainda, que realizamos o levantamento apenas dos verbetes oriundos da letra A, por haver uma tendência nos dicionários cujas nomenclaturas são apresentadas em ordem alfabética de que a letra A seja a que possui o maior número de verbetes. Além disso, consideramos inexequível trabalhar com todos os verbetes de frutos nos 5 dicionários impressos no período de 24 meses de duração do curso de Mestrado que recebemos para esta pesquisa.

Pontuamos também que embora consideremos as imagens, quando presentes, como ricos elementos que compõem os verbetes, não foi nosso objetivo nesta pesquisa considerá-las em nossas análises. Isso se deve a dois fatores: a implicação da necessidade de agregarmos um instrumental teórico-metodológico que nos permitisse analisar tais imagens em consonância com os outros dois campos de pesquisa aqui interfaceados – A Lexicografia e a Linguística Cognitiva; e ao fato de que as imagens são adotadas apenas em 3 dos dicionários utilizados no *corpus*, o que diminui nossa margem de comparação.

Outro aspecto importante a ser salientado é que, devido às escolhas metodológicas pontuadas acima, todos os verbetes selecionados correspondem a substantivos. Consequentemente, o tipo de informação que os compõe e a forma como são distribuídas no interior dos verbetes apresentam traços característicos.

Portanto, foram selecionados 13 verbetes de frutos – *abacate*, *abacaxi*, *abóbora*, *abobrinha*, *abricó*, *açaí*, *ameixa*, *amora*, *araçá*, *avelã* e *azeitona* -, em cada um dos cinco dicionários, totalizando 65 verbetes, para análise de seus paradigmas definicionais.

3.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Uma vez estabelecidos os critérios de seleção do *corpus*, fizemos um levantamento inicial dos frutos no DEABL com dois propósitos específicos. O primeiro diz respeito à agilização da identificação dos frutos nos outros dicionários, que viriam a compor o

corpus. O trabalho de leitura dos verbetes da letra A no primeiro dicionário foi um processo lento, mas ao adotar o critério da onipresença de cada fruto nos 5 dicionários analisados, saber quais os frutos presentes em um nos permitiu um levantamento mais ágil nas obras seguintes. O levantamento inicial tornou possível, ainda, a construção de uma fundamentação teórica mais situada para análise do *corpus* que foi vislumbrado.

Posteriormente, foi realizado o levantamento completo no qual coletamos 13 verbetes do AJ, 13 verbetes do DEABL, 13 verbetes do CA, 13 verbetes do DDLP e 13 verbetes do SJ, totalizando 65 verbetes nos cinco dicionários do acervo adotado. Após essa fase, prosseguimos com a digitalização desses verbetes através da ferramenta aplicativo *CamScanner*, passo esse que proporcionou maior facilidade de acesso e manipulação do *corpus*, uma vez que os dicionários impressos são relativamente pesados.

Em seguida, seguimos com a identificação e etiquetagem dos elementos lexicais, presentes nas definições relacionadas a frutos, que compreendemos como indicativos dos fenômenos de categorização e de corporificação. A partir disso, tecemos nossas análises sobre como esses dois fenômenos se apresentam e se relacionam nas diferentes obras lexicográficas analisadas.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Agora que nossa metodologia foi apresentada, podemos discorrer sobre as análises das definições. Nesse tocante, procuramos textualizar nosso percurso analítico de forma a descrever a maneira como a relação entre os fenômenos da categorização e da corporificação se estabelecem nas definições dos frutos selecionados. Procuramos relacionar o que a Lexicografia preconiza para as definições de substantivos concretos (PONTES, 2009; WELKER, 2004) e o que a Linguística Cognitiva estabelece para categorização e corporificação (DUQUE; COSTA, 2012; FERRARI, 2011; LAKOFF, 1987).

Para tanto, foi necessário realizar a identificação e classificação¹¹ de itens lexicais presentes nas definições do nosso *corpus* e articulá-los em termos de atributos definidores, como estabelecidos por Ferrari (2011), de cada categoria relativa a frutos. Objetivamos demonstrar como os elementos identificados apontam para os fenômenos da categorização e da corporificação.

Procuramos, ainda, organizar a apresentação das análises de modo a facilitar a comparação entre os frutos e entre os diferentes dicionários tipo 3 do acervo do PLND 2012, a fim de descrever a sistematicidade com a qual os elementos identificados e classificados são apresentados.

Dessa forma, apresentamos quatro subseções: na primeira (1), discorreremos sobre o arquilexema nas definições, na segunda (2), identificamos e classificamos as características especificadoras/atributos definidores encontrados nas definições fruto por fruto, na terceira (3), delineamos nossa proposta de classificação para os elementos identificados na segunda subseção, e na última (4), apresentamos algumas tabelas para facilitar o contraste entre os dicionários analisados. Iniciamos a seguir.

4.1 O ARQUILEXEMA NAS DEFINIÇÕES

De todos os elementos identificados nas definições, nenhum deles apresentou tanta uniformidade de presença quanto o *arquilexema*. Por esse motivo, decidimos iniciar nossas análises tendo esse fenômeno como ponto de partida, tanto com o objetivo de deixar

¹¹ Para sistematizar os tipos de informações encontradas ao longo das definições analisadas, propomos uma tipologia de classificação das características especificadoras e a correlacionamos com os conceitos de atributos definidores e de corporificação.

nossas análises mais concisas e menos repetitivas quanto por entender seu papel diferenciado nas definições.

Ao iniciarmos a leitura das definições dos frutos selecionados, o primeiro elemento com o qual nos deparamos na maioria dos casos, quase sempre o primeiro item lexical da definição, é o *arquilexema*. Ele esteve presente em 63/65 definições. Apenas em dois verbetes coletados, relativos a *ananás*, as definições não apresentaram esse componente. Nesses casos, houve o que se chama de *definição por sinônimos* (WELKER, 2004). A palavra sinônima escolhida nos dois casos foi *abacaxi*, cuja definição, por sua vez, apresentou arquilexema em todos os dicionários do acervo.

Ao longo das 63 definições que apresentaram arquilexema, houve algumas variações, a saber, *fruto*, *fruta*, *infrutescência*, *tipo* e *variedade*. Cada um desses elementos teve diferentes taxas de ocorrência e pode ser interpretado de acordo com os níveis de categorização, tal como apresentados por Ferrari (2011).

Fruto (47 ocorrências), *fruta* (11 ocorrências) e *infrutescência* (2 ocorrências) podem ser entendidos como sinônimos, embora a última possa ser considerada como um termo mais científico, mais técnico. Ao observarmos esses itens lexicais levando em consideração os níveis de categorização (FERRARI, 2011), percebemos que as três variantes correspondem ao nível superordenado de categorização¹².

Quanto a *tipo* (1 ocorrência) e *variedade* (2 ocorrências), estes aparecem apenas nos verbetes relativos a *abobrinha*. Eles são usados nas construções “tipo de abóbora” (DEABL), “variedade de abóbora” (CA e DDLP). Dessa vez, o efeito que temos com o uso desses arquilexemas aponta para o nível subordinado, pois situam *abobrinha* em uma classe dentro da categoria de nível básico *abóbora*.

Dessa forma, quando comparamos as categorias *fruto*, *abóbora* e *abobrinha*, percebemos que elas são correspondentes aos níveis superordenado, básico e subordinado, respectivamente, ou seja, *abobrinha* é um tipo de *abóbora*, que por sua vez é um tipo de *fruto*. Dessa maneira, o arquilexema, no *corpus* analisado, situa a categoria a qual a palavra-entrada corresponde como sendo de nível básico ou de nível subordinado. Em todo o nosso *corpus*, apenas *abobrinha* pôde ser identificada como pertencente ao nível subordinado. Todas as outras palavras-entrada correspondem ao nível básico.

¹² Essa relação já havia sido apresentada por Almeida, Araújo, Fonseca e Pontes (2013) em comunicação oral na XVIII Semana Universitária da Universidade Estadual do Ceará.

Discorremos, então, sobre o primeiro elemento apontado por Pontes (2009) na composição das definições de substantivos concretos. Já as *características especificadoras*, que apresentam variação muito maior, serão analisadas fruto a fruto a seguir.

4.2 ABACATE

Como apresentamos os frutos em ordem alfabética, *abacate* será o primeiro sobre o qual discorreremos. Todos os verbetes coletados trouxeram apenas uma acepção. Na tabela abaixo, trazemos na íntegra os verbetes nos 5 dicionários.

Quadro 4 – Verbetes relativos a *abacate* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ a.ba.ca.te <i>subst. masc.</i> Fruto carnosos, comestível, de polpa verde-amarelada (ou verde-abacate), que tem dentro uma semente grande. (FERREIRA, 2011, p.33)	DEABL abacate (a.ba.ca.te) <i>s.m.</i> Fruta de forma semelhante a uma pera grande, de casca verde-escura, caroço grande e polpa cremosa verde-clara. (BECHARA, 2011, p. 83)
DDL abacate (a.ba.ca.te) <i>s.m.</i> Fruto do abacateiro, comestível, de casca verde, com polpa carnosa rica em óleo, e com um único caroço grande. (RAMOS, 2011, p. 15)	SJ abacate (a.ba.ca.te) <i>sm</i> Fruto de polpa macia e nutritiva amarelo-esverdeada que envolve um caroço grande e liso (O abacate é o fruto do abacateiro.). (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 01)
CA abacate (a.ba.ca.te) <i>sm.</i> Fruto comestível de polpa verde-amarelada, caroço arredondado e grande. [F.: Do náuatle <i>awa'katl</i>, posv. pelo espn. <i>aguacate</i>.] (GEIGER, 2011, p. 01)	

Fonte: elaborado pelo autor.

Diversas *características especificadoras* (PONTES, 2009) sobre a palavra-entrada *abacate* puderam ser identificadas nas diferentes definições. Elas podem ser entendidas em termos de *atributos definidores* (FERRARI, 2011) e apontam para a construção e organização da categoria. Muitos desses atributos apontam fortemente para corporificação. A seguir, os classificamos e discorremos sobre eles.

Função: Os dicionários AJ, CA e DDLP apresentaram em suas definições o item lexical “comestível” para se referir a *abacate*, o que indica que o fruto tem uma função na alimentação humana. Ressaltamos, ainda, que comer indica tanto uma avaliação quanto uma ação corpórea, esta envolvendo um padrão de ações

motoras e de experiencição perceptiva, pois quando comemos experimentamos a fruta através de diversos sentidos. O comentário “nutritiva”, que também podemos interpretar como correspondendo ao traço de funcionalidade na alimentação, aparece apenas no SJ. O DEABL não apresenta nenhum atributo nesse plano.

Textura: O SJ apresenta é o único a apresentar o atributo “liso” na definição de *abacate*. Faz isso para se referir ao caroço do fruto. O DEABL caracteriza a polpa como “cremosa”. Embora essas características também sejam identificáveis visualmente, elas remetem primariamente à percepção tátil, e, dessa forma, à corporificação.

Forma: Apenas a definição do DEABL traz informação sobre a forma do *abacate*, fazendo uma comparação com uma “pêra grande”. Nesse tocante, é difícil atribuir com segurança a motivação da comparação, mas pode remontar a dificuldade de definir a forma geométrica natural do fruto. Dessa forma, comparar com uma fruta popular pode ter sido a solução encontrada. O atributo “arredondado” é atribuído para o caroço do fruto no CA. Forma é um atributo identificável tátil ou visualmente e, dessa forma, temos mais um indicativo de corporificação.

Composição: Esse aspecto é, talvez, o mais multifacetado quanto aos elementos lexicais que o indicam: “casca” (DEABL, DDLP), “polpa” (todos); “carnoso” e “carnosa” são características apontadas para a polpa no AJ e DDLP, respectivamente; “semente” (AJ) ou “caroço” (demais dicionários). Esses atributos são identificáveis através de diferentes sentidos, o que aponta mais uma vez para a corporificação. Além disso, o DDLP informa que a polpa desse fruto é “rica em óleo”. Esse elemento aponta para um conhecimento de mundo mais profundo acerca da composição desse fruto, uma vez que tal informação remonta a um conhecimento científico. Sobre isso, Ibarretxe-Antuñano (2010) já adiantou as contribuições que a visão enciclopédica de significado da Linguística Cognitiva tem a oferecer ao estudo dos dicionários.

Cor: Todas as definições analisadas apresentaram comentário sobre a cor, sendo que dois deles se referiram à cor da casca (DEABL e DDLP) enquanto os outros (AJ, CA e SJ) descreveram a cor da polpa. Com exceção do DDLP, todos os outros dicionários trouxeram expressões compostas para cor em suas definições. Cor é um atributo identificável pelo sentido da visão, o que, novamente, indica corporificação.

Tamanho: Nesse tocante, temos algo curioso. A atribuição “grande” está presente nas cinco definições analisadas e em todas elas se refere ao caroço. Esse traço não se repetirá para a semente em nenhum dos outros 60 verbetes do *corpus* restante, o que indica que o tamanho do seu caroço se sobressai em comparação com outros frutos. Ressaltamos que tamanho é algo constatável através dos sentidos, seja tátil ou visualmente. Dessa forma, temos mais um reflexo da corporificação.

Como pudemos perceber, nas definições de *abacate*, diferentes aspectos foram encontrados nos 5 dicionários do acervo. Alguns elementos (cor, tamanho, composição) estiveram presentes em todas as definições, enquanto outros tiveram graus menores de recorrência, podendo este último fator apontar para fronteiras difusas na categoria – como previsto por Rosch (1975).

Ressaltamos que dos 6 tipos de atributos definidores identificados 5 (toque, forma, composição, cor e tamanho) remetem de forma bastante direta à corporificação, e mesmo o traço funcional *comestível* faz remissão ao processo corpóreo de comer. Todos esses atributos identificados e classificados parecem importantes para construir a categoria *abacate*. Temos, ainda, indícios que apontam para efeitos de prototipicidade na definição do fruto, pois este não é comestível em todas as fases do seu desenvolvimento.

4.3 ABACAXI

Seguindo com as análises, temos os verbetes para *abacaxi*, que trouxeram todos mais de uma acepção, sendo que alguns dicionários apresentaram uma definição para a árvore homônima e outra para o fruto. Contudo, os atributos definidores do fruto, por vezes, foram apresentados na definição da planta, enquanto na acepção do fruto constou apenas uma expressão remissiva **intraverbete**. Nesses casos, as informações presentes na definição remetida foram consideradas. A seguir, apresentamos na tabela os verbetes coletados na íntegra:

Quadro 05 – Verbetes relativos a *abacaxi* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ a.ba.ca.xi <i>subst. masc.</i> 1. Planta que dá uma fruta (infrutescência) grande, carmosa, comestível, amarelada, de casca escamosa, que tem no alto uma espécie de coroa de folhas duras; ananás. 2. Esse fruto; ananás. 3. <i>Popular</i> Coisa trabalhosa, complicada. ♦ Descascar um abacaxi. <i>Popular</i> Resolver situação complicada, difícil. (FERREIRA, 2011, p. 33)	DEABL abacaxi [ch] (a.ba.ca.xi) <i>s.m.</i> 1. Fruta grande de polpa amarela, doce e perfumada, de casca grossa e espinhosa, que concentra, na parte superior, folhas longas, dentadas e pontiagudas à maneira de penacho. 2. <i>fig.</i> Tarefa complicada e trabalhosa; problema. (BECHARA, 2011, p. 83)
DDL abacaxi (a.ba.ca.xi) <i>s.m.</i> 1 Planta com folhas duras, pontiagudas e de margem espinhosa, e cuja infrutescência, de formato oval, polpa amarelada, doce e carmosa, e com uma coroa de folhas na extremidade superior, é comestível. □ SIN. ananás. 2 Essa infrutescência. □ SIN. ananás. 3 <i>gíria</i> Problema: Vou ficar até mais tarde, tenho uns abacaxis pra resolver. □ ORIGEM É uma palavra de origem tupi. (RAMOS, 2011, p. 15)	SJ abacaxi (a.ba.ca.xi) <i>sm</i> 1. Planta nativa do Brasil e cultivada em climas quentes (O pé de abacaxi também pode ser chamado de abacaxizeiro.); 2. fruto de polpa amarela e doce, com casca grossa e coroa de espinhos (A palavra “abacaxi” vem do tupi iwaka’ti: iwa = fruta + ka’ti = que exala perfume.); 3. <i>pop</i> situação complicada ou aborrecida (Enfrentar uma prova sem ter estudado é um abacaxi.). (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 01)
CA abacaxi (a.ba.ca.xi) <i>sm. Bras.</i> 1 Fruta nativa do Brasil, de casca grossa e espinhenta. 2 <i>Pop.</i> Situação ou coisa problemática: resolver um abacaxi. [F.: Do tupi.] (GEIGER, 2011, p. 01)	

Fonte: elaborado pelo autor

Aqui, também encontramos diversos tipos atributos definidores para construção da categoria. A seguir, os identificamos e classificamos.

Função: O traço “comestível” é apontado apenas no AJ e no DDL para esse fruto. Ainda assim, permanece como indicativo do papel que a fruta desempenha na alimentação. Além disso, consideramos aqui a mesma relação com a corporificação apontada nas análises de *abacate*.

Textura: As folhas da coroa do abacaxi são descritas como “duras” no AJ. Esse traço é identificável tatilmente e, portanto, o consideramos como indicativo de corporificação. Os demais dicionários não apresentaram informações nesse sentido.

Forma: Implicitamente, os dicionários AJ, DDL e SJ comparam o feixe de folhas do fruto abacaxi com uma coroa. Já o DEABL define esse feixe de folhas

como “dentadas” e “pontiagudas” e finaliza comparando-as a um “penacho”. O DDLP define o formato da fruta como “oval”.

Composição: O item lexical “polpa” é apresentado no DEABL, DDLP e no SJ. O feixe de folhas presente na parte superior do fruto é referido como uma “coroa de folhas”, termo popular, no AJ e no DDLP. Já o SJ a apresenta como uma “coroa de espinhos”. O DEABL, por sua vez, faz a comparação com um “penacho”. A “casca” é apontada no AJ, DEABL, CA e no SJ. O atributo “carnosa” aparece no AJ para o fruto e especificamente para a polpa no DDLP.

Cor: A cor é atribuída ao fruto no AJ (amarelada) e especificamente à polpa no DEABL (amarela), DDLP (amarelada) e SJ (Amarela). Novamente, é um atributo ligado à visão, o que indica a corporificação. O CA não apresentou esse tipo de informação.

Tamanho: O atributo “grande” para definir o fruto é apresentado nos AJ e no DEABL. Já as folhas que compõem a parte superior do fruto são atribuídas como “longas” no DEABL. Essas características são constatáveis através do tato e da visão, o que liga esses atributos à corporificação. DDLP, CA e SJ não apresentaram esse tipo de informação.

Cheiro: O DEABL é o único a incluir atributo de cheiro ao acrescentar o item lexical “perfumada” na definição, o que nos traz uma atribuição que remete à corporificação.

Sabor: Os dicionários DEABL, DDLP e SJ incluem o atributo “doce” para descrever o fruto. Novamente, temos a inclusão de um dado sensorial para construir a categoria, o que indica a corporificação.

Origem geográfica: Apesar de o CA ser o dicionário que apresentou menos atributos definidores para abacaxi, ele é o único que inclui a origem geográfica do fruto através de “nativa do Brasil”. Esse é um dado compatível com a visão enciclopédica de significado da Linguística Cognitiva e contribui para compreensão do dicionário como foi sugerido por Ibarretxe-Antuñano (2010). Contudo, essa informação específica, em termos lexicográficos, não corresponde a um atributo definidor no mesmo sentido que os demais aqui listados, pois se configura muito mais como uma expressão contextualizadora que como uma característica da fruta.

Orientação: Nos dicionários AJ, DEABL e DDLP, temos as noções de orientação “no alto”, “na parte superior” e “na extremidade superior”, respectivamente, para

se referir à posição do feixe de folhas concêntricas que fazem parte do fruto. Esse elemento também aponta para os nossos sentidos e, consequentemente, para a corporificação. CA e SJ não apresentaram informação nesse tocante.

Espessura: O DEABL, o SJ e o CA descrevem a casaca do *abacaxi* como “grossa”. Essa informação pode ser percebida pelo tato ou pela visão e, dessa forma, a consideramos como indicativo de corporificação.

As análises das definições relativas a *abacaxi* revelam ainda mais tipos de atributos definidores apontados para a construção da categoria que no fruto anterior. Entretanto, dessa vez, apenas elementos relacionados à “composição” estiveram uniformemente presentes nos 5 verbetes analisados. E convém lembrar que essa classificação é representada por diferentes itens lexicais.

Em consonância com nossos pressupostos teóricos, foi possível perceber que diversos tipos de atributos definidores relacionados à corporificação são inclusos nas definições de *abacaxi* para construir a categoria. Tais elementos, como o *sabor* e o *cheiro* apontam, ainda, para efeitos de prototipicidade, pois o abacaxi só é doce e perfumado quando maduro. Ainda assim, um abacaxi verde ainda é um abacaxi.

4.4 ABÓBORA

Dando sequência às análises, temos o fruto *abóbora*. Novamente, temos mais de uma acepção em alguns verbetes. Tomaremos como base a definição que se refere ao significado do fruto. Contudo, algumas características do fruto são apresentadas em outras definições **intraverbe**. Desse modo, as consideraremos nas análises.

Quadro 6 – Verbetes relativos a *abóbora* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ a.bó.bo.ra <i>subst. fem.</i> O fruto, comestível, <i>csda</i> aboboreira; jerimum. (FERREIRA, 2011, p. 36)	DEABL abóbora (a.bó.bo.ra) <i>s.f.</i> 1. Fruto grande, arredondado, de polpa alaranjada e comestível; jerimum. • <i>s.m.</i> 2. A cor da abóbora. • <i>adj.</i> 3. Da cor da abóbora: blusas <i>abóbora</i>. (BECHARA, 2011, p. 87)
DDLp abóbora (a.bó.bo.ra) adj. 2g. 2n. / <i>s.m.</i> 1 De cor entre o laranja e o vermelho, como a deste fruto. s.f. 2 Fruto da aboboreira, comestível, geralmente grande e arredondado, levemente achatado, com casca dura, polpa <i>cs</i> <i>jerimum</i> <i>posv.</i> <i>sin.</i> <i>jerimum</i>. (RAMOS, 2011, p. 18)	SJ abóbora (a.bó.bo.ra) <i>sf</i> 1. Fruto comestível de polpa dura e alaranjada (A <i>abóbora</i> é o fruto da aboboreira.); <i>sm</i> 2. a cor da abóbora (É muito sutil a diferença entre o <i>abóbora</i>, o cenoura e o laranja na cartela de cores.); <i>adj</i> 2 <i>gên</i> 2 <i>núm</i> 3. que é dessa cor (Comprou um <i>sofá abóbora</i>). <i>Sin jerimum</i>. (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 04)
CA abóbora (a.bó.bo.ra) <i>sf.</i> 1 Fruto de polpa alaranjada e comestível; JERIMUM. <i>sm.</i> 2 A cor da abóbora. <i>a2g2n.</i> 3 Que é dessa cor (camisetas <i>abóbora</i>). [F.: De or. incerta; posv. do lat. hispânico <i>apopores</i>.] (GEIGER, 2011, p. 04)	

Fonte: elaborado pelo autor.

Nas definições acima, também encontramos características especificadoras/atributos definidores para a construção da categoria *abóbora*. Contudo, as definições são mais curtas e temos menos elementos que nos dois frutos anteriores. A seguir, sistematizamos as classificações:

Função: O atributo “comestível” é o único uniformemente presente em todas as definições analisadas. Consideramos essa característica como indicativo de corporificação.

Textura: O atributo definidor “duro” é atribuído para a casca no DDLp e para a polpa no SJ. O entendemos como indicativo de corporificação. AJ, BEABL e CA não apresentaram informação nesse sentido.

Forma: O item lexical “arredondado” é apresentado no DEABL e DDLp para se referir ao fruto, sendo que este último acrescenta, ainda, “levemente achatado” como atributo definidor para a categoria. AJ, CA e SJ não trouxeram informação nesse tocante.

Composição: O atributo “polpa” é apresentado nas definições do DEABL, CA, DDLp e SJ. A “polpa”, por sua vez, é caracterizada como “suculenta” e “carnosa” no DDLp. As sementes também são apontadas no DDLp para a composição do fruto, através do comentário “muitas sementes secas”. A “casca” também é apontado como componente no dicionário DDLp. Consideramos esse tipo de informação como indicativo de corporificação, pois os elementos

apontados na composição do fruto são perceptíveis através dos sentidos. O AJ não traz esse tipo de informação.

Cor: A polpa desse fruto é apresentada como “alaranjada” no DEABL, CA e SJ. Já no DDLP, temos algo interessante: o atributo cor não é apresentado na acepção do fruto, mas numa acepção específica para *cor abóbora*, que é, então, atribuída como uma propriedade do fruto. Consideramos *cor* como indicativo de corporificação.

Tamanho: Apenas os dicionários DEABL e DDLP apresentam informação sobre tamanho. O primeiro apenas diz tratar-se de um “fruto grande”. O segundo informa que esse fruto é “geralmente grande”. O uso do advérbio de modo *geralmente* sugere efeito de prototipicidade, pois o dicionarista baseia sua definição num protótipo de abóbora, mas implica que nem todos os membros da categoria possuem o atributo.

Proveniência: Os dicionários AJ e DDLP fazem remissão à planta da qual a *abóbora* vem, a “aboboreira”. Consideraremos esse tipo de informação também como indicativa de corporificação, uma vez que a noção de que uma fruta vem de uma dada árvore é uma informação oriunda da percepção, pois é possível ver uma ligação física entre árvores e frutos até que o fruto caia ou que seja colhido.

À medida que chegamos à análise desse nosso terceiro fruto, certos tipos de atributos, como cor e tamanho, começam a se delinear com mais recorrência, mesmo que nem sempre estejam uniformemente presentes nas definições de cada fruto em todos os dicionários do *corpus*.

Assim como nos frutos anteriores, os atributos definidores apresentados nas definições de *abóbora* colaboram para a construção da categoria ao mesmo passo em que indicam efeitos prototípicos na forma como o fruto foi apresentado no dicionário, pois a abóbora só é grande nas fases finais do seu desenvolvimento, já próxima do ponto de consumo.

4.5 ABOBRINHA

Para *abobrinha*, em todos os verbetes encontramos 2 acepções, mas em cada dicionário só uma delas foi relativa ao fruto. A tabela a seguir traz os verbetes coletados:

Quadro 7 – Verbetes relativos a *abobrinha* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ a.bo.bri.nha <i>subst. fem.</i> 1. Fruto verde da aboboreira. 2. <i>Brasileirismo</i> <i>Gíria</i> Bobagem, tolice: <i>Ela só fala abobrinha.</i> (FERREIRA, 2011, p. 37)	DEABL abobrinha (a.bo.bri.nha) <i>s.f.</i> 1. Tipo de abóbora de forma cilíndrica e polpa verde e macia. 2. <i>gír.</i> Afirmação tola; asneira, bobagem. (BECHARA, 2011, p. 87)
DDL abobrinha (a.bo.bri.nha) <i>s.f.</i> 1 Variedade de abóbora comestível, cilíndrica e alongada, com casca lisa verde-escura, polpa branca esverdeada ou amarela, e muitas sementes achatadas e de formato oval. 2 <i>gíria</i> Bobagem. (RAMOS, 2011, p. 18)	SJ abobrinha (a.bo.bri.nha) <i>sf</i> 1. Fruto de uma variedade de abóbora usado ainda verde na culinária; 2. <i>gír</i> conversa sem importância; bobagem (<i>Quando não se tem o que dizer, é melhor ficar quieto que falar abobrinha.</i>). abocanhar (a.bo.ca.nhar) <i>vtd</i> 1. Apanhar com a boca (<i>Abocanhou em pleno ar uma pipoca que o amigo atirou.</i>); 2. <i>fig</i> apoderar-se de algo de modo impróprio (<i>Na hora da divisão, abocanhou a maior parte do dinheiro.</i>). <i>V. coniu amar.</i>  Abobrinha (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 04)
CA abobrinha (a.bo.bri.nha) <i>sf</i> 1 Variedade de abóbora, verde, us. na culinária. 2 <i>Bras. Pop.</i> Dito sem importância (<i>falar abobrinha</i>); BOBAGEM; BESTEIRA. [F.: <i>abobora</i> + <i>-inha</i>.] (GEIGER, 2011, p. 04)	

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao longo das definições analisadas, diversas características especificadoras foram apresentadas. As classificaremos e discorreremos sobre elas a seguir.

Função: Apenas o DDLP apresenta a característica “comestível”. Tanto o SJ quanto o CA informam que a abobrinha é usada “na culinária”. O AJ e o DEABL não apresentam informação nesse sentido. Interpretamos esse tipo de informação como indicativa de corporificação.

Textura: O DEABL descreve a polpa como “macia”. Já o DDLP define a casca como “lisa”. Os demais dicionários não apresentaram informações nesse tocante.

Forma: O DEABL diz que a abobrinha tem “forma cilíndrica”. Já o DDLP a descreve como “cilíndrica e alongada”, e diz, ainda, que ela tem “sementes achatadas e de formato oval”. Os demais dicionários não apresentam informação nesse plano. Entendemos esses atributos como indicativos de corporificação.

Composição: O DEABL e o DDLP apresentam “polpa” como traço composicional. Esse segundo dicionário acrescenta, ainda, “casca” e “muitas sementes”. Como são constatáveis pela percepção visual ou tátil, consideramos esses atributos como indicativos de corporificação.

Cor: O DEABL descreve a polpa como “verde”. Já o DDLP caracteriza a casca como “verde-escura” e a polpa como “branca esverdeada ou amarela”. O CA define *abobrinha* como “verde”, mas consideramos esse caso como antônimo de

maduro. O AJ e o SJ usam o termo “verde” também para se referir ao fruto não maduro. Como anteriormente, consideraremos o uso da caracterização por cor como indicativo de corporificação.

Proveniência: O AJ caracteriza *abobrinha* como “fruto [...] da aboboreira”. O SJ descreve o fruto como “uma variedade de abóbora”. Pelo fato de a ligação entre o fruto e a árvore ser perceptível visual ou tatilmente, consideramos essa informação como indicativa de corporificação. DEABL, CA e DDLP não trazem esse tipo de informação.

Maturação: O AJ, o SJ e o CA informa que a *abobrinha* é uma *abóbora*, mas quando “verde”. Como a maturação de frutos é perceptível através dos sentidos, consideramos como mais um indicativo de corporificação.

Observamos diversas características que podem ser entendidas em termos de atributos definidores e que contribuem para a construção da categoria *abobrinha*. A variação de cor permitida para polpa da *abobrinha* no DDLP indica que membros da categoria se organizam por semelhanças de família, conforme a versão entendida da Teoria dos Protótipos apresentada por Duque e Costa (2012).

4.6 ABRICÓ

Quanto às entradas relativas a *abricó*, todos os verbetes coletados apresentaram apenas uma acepção. A tabela a seguir mostra os verbetes coletados:

Quadro 8 – Verbetes relativos a *abricó* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ a.bri.có <i>subst. masc. Brasileirismo</i> O fruto, comestível, do abricoteiro. (FERREIRA, 2011, p. 38)	DEABL abricó (a.bri.có) <i>s.m.</i> Fruta pequena, de cor amarela, com polpa farinácea e sementes pretas e lisas. (BECHARA, 2011, p. 89)
DDL abricó (a.bri.có) <i>s.m.</i> Fruto do abricoteiro, menor e mais ácido que um pêssego, redondo e com uma fenda, amarelo-alaranjado, com casca aveludada, polpa suculenta e carnoza, e caroço liso. □ SIN. damasco. (RAMOS, 2011, p. 19)	SJ abricó (a.bri.có) <i>sm</i> Fruto com baga amarelada, doce, com um leve gosto azedo (O <i>abricó</i> é o fruto do abricoteiro.). (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 06)
CA abricó (a.bri.có) <i>sm.</i> Fruto comestível, na forma de uma baga esférica, doce, amarelada, ligeiramente azeda. (GEIGER, 2011, p. 06)	

Fonte: elaborado pelo autor

Ao examinar essas definições, encontramos diversas características especificadoras/atributos definidores que contribuem para a construção da categoria. São eles:

Função: O atributo “comestível” é apresentado no AJ e no CA. O DEABL, o DDLP e o SJ não apresentam nenhuma informação nesse tocante. Consideramos esse tipo de informação indicativo de corporificação, assim como nos casos analisados anteriormente.

Textura: O DEABL aponta que as sementes do *abricó* são “lisas”. O DDLP diz que sua casca é aveludada e que seu caroço é “liso”. AJ, CA e SJ não apresentaram traço nesse sentido. Consideramos esses atributos de *textura* como indicativos de categorização.

Forma: O CA diz que o *abricó* tem “forma de uma baga esférica”. Já o DDLP informa que o fruto é “redondo e com uma fenda”. Os dicionários AJ, BEABL e SJ não apresentam informação forma. Como essas características são perceptível tátil ou visualmente, as consideramos como indicativas de categorização.

Composição: O DEABL atribui “poupa farinácea” e “sementes” como características composicionais do fruto. Já o DDLP atribui “casca”, “polpa suculenta e carnosa” e “caroço”. Por fim, o SJ atribui uma “baga”. O AJ e o CA não apresentaram informações nesse plano. Entendemos essas informações como indicativas de corporificação.

Cor: O DEABL caracteriza o *abricó* como uma “fruta [...] amarela”, enquanto o DDLP apresenta a variação “amarelo-alaranjado”. Ainda no DEABL, as sementes são caracterizadas como “pretas”. O CA e o SJ caracterizam especificamente a baga como “amarelada”. O AJ não apresenta informação sobre cor. Novamente, consideramos as cores inclusas nas definições como indicativas de corporificação.

Tamanho: O DEABL caracteriza o *abricó* como uma “fruta pequena”. Já o DDLP diz que o fruto é “menor [...] que um pêssego”, o que é interessante, pois nos lembra que o *tamanho* é uma noção essencialmente comparativa. Interpretamos esse tipo de informação, mais uma vez, como indicativa de corporificação. AJ, CA e SJ não apresentaram esse tipo de informação.

Sabor: O CA e o SJ apresentam os mesmos atributos: “doce” e “azedo”. Já o DDLP aponta que o fruto é “mais ácido que o pêssego”. Consideramos essas informações como indicativas de corporificação. AJ e CA não incluíram esse tipo de informação.

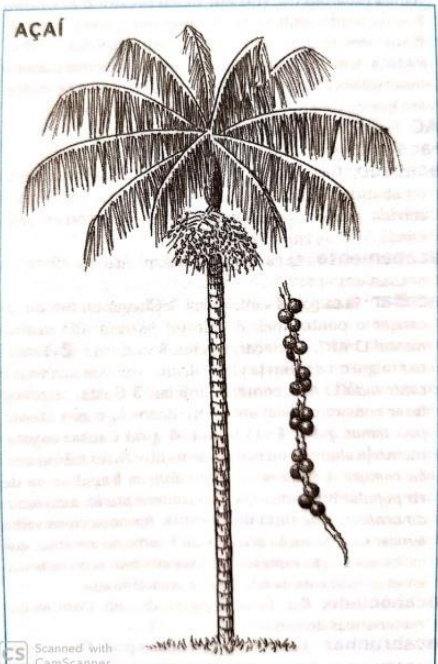
Proveniência: Os dicionários AJ e DDLP atribuem em suas definições a planta que dá origem ao fruto: o abricoteiro. Os demais dicionários não apresentam nenhuma informação nesse tocante. Interpretamos esse tipo de informação indicativa de corporificação, pela mesma razão que nas ocorrências anteriores.

Ao proceder com a identificação e classificação dos atributos definidores encontrados nas definições acima, percebemos que também temos diversos elementos ligados à corporificação para construir a categoria abricó. Novamente, há características que apontam para efeitos de prototipicidade, pois o *abricó* não é amarelo ou comestível em todas as fases do seu desenvolvimento.

4.7 AÇAÍ

Para a entrada “açaí”, tivemos mais de uma acepção em todos os dicionários do *corpus*. Em alguns casos, os atributos definidores do fruto foram informados em outra acepção – da árvore homônima, especificamente – no mesmo verbete. Levamos, dessa forma, tais informações em consideração. A seguir, temos uma tabela com os verbetes coletados.

Quadro 9 – Verbetes relativos a *açaí* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ açaí <i>subst. masc.</i> 1. Palmeira de frutos roxos quase negros; juçara. 2. O fruto do açaí (1) e seu suco, usado para doces e refresco. (FERREIRA, 2011, p. 36)	DEABL açaí (a.ça.i) <i>s.m.</i> 1. Pequena fruta roxa da Amazônia. 2. Bebida feita com a polpa dessa fruta. 3. (Bot.) Açaizeiro. (BECHARA, 2011, p. 92)
DDL açaí (a.ça.i) <i>s.m.</i> 1 Palmeira de tronco fino e comprido, com miolo branco e comestível, e cujo fruto é arredondado e de cor escura. SIN. açaizeiro. 2 Esse fruto. 3 Suco extraído desse fruto. ORIGEM É uma palavra de origem tupi.  AÇAÍ (RAMOS, 2011, p. 21)	SJ açaí (a.ça.i) <i>sm</i> 1. Bot. Palmeira que dá frutos roxo-escuros (O pé de açaí também é chamado de "açaizeiro"); 2. esse fruto; 3. o refresco feito com esse fruto. (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 08)
CA açaí (a.ça.i) <i>sm.</i> 1 Bot. Palmeira que dá frutos comestíveis de cor roxo-escuro; AÇAIZEIRO. 2 Esse fruto. 3 Refresco desse fruto. [F.: Do tupi.] (GEIGER, 2011, p. 08)	

Fonte: elaborado pelo autor.

A seguir, elencamos e classificamos atributos definidores que são apresentados ao longo das definições para *açaí* dos diferentes dicionários do acervo.

Função: Apenas no CA o atributo “comestível” foi ligado ao fruto *açaí* e consideramos essa informação como indicativa de corporificação.

Forma: O DDL caracteriza o fruto como “arredondado”. Os demais dicionários não apresentam informação nesse plano. Interpretamos esse tipo de informação como indicativa de categorização.

Cor: O AJ caracteriza esses frutos como “roxos quase negros”. Já o DEABL o classifica como “roxo”. CA e SJ o definem como roxo-escuro. O DDLP o caracteriza como “escuro”. Dessa forma, os 5 dicionários do *corpus* incluem algum atributo definidor relacionado à *cor*, elemento esse novamente ligado à corporificação.

Tamanho: Apenas o DEABL caracteriza o *açaí* como “pequena fruta”, dado que interpretamos mais uma vez, por ser um atributo percebido tátil ou visualmente, como indicativos de corporificação.

Proveniência: O AJ na acepção relacionada ao fruto faz referência à árvore homônima, descrevendo-o como “o fruto do *açaí*”, informação que entendemos novamente como indicativa de corporificação.

Origem geográfica: O DEABL diz que a fruta é oriunda da Amazônia. O CA, o DDLP e o SJ não apresentam informações nesse tocante. Entendemos esse tipo de informação como de cunho enciclopédico.

Também para esse fruto, características especificadora/atributos definidores relacionados à corporificação foram apontados para a construção da categoria ao longo das definições dos verbetes coletados. Novamente, temos indícios de que *açaí* foi definido com base em um protótipo, pois o fruto só é comestível quando maduro.

É interessante salientar a importância das remissivas para a construção da categoria. No CA, no DDLP e no SJ, os atributos definidores identificados não estavam presentes nas acepções correspondentes, mas na acepção da árvore homônima que dá origem ao fruto. A acepção correspondente ao fruto era incumbida apenas da remissiva à acepção anterior “esse fruto”. No AJ, temos o mesmo fenômeno, mas a remissiva é feita de forma diferenciada, “O fruto do *açaí* (1)”, na qual a numeração atua como elemento remissivo, direcionando o consulente para a primeira acepção. Dessa forma, nesses quatro dicionários, o consulente precisa ler duas acepções a fim de apreender as atribuições do fruto.

4.8 ACEROLA

No caso dos verbetes de *acerola*, apenas o DEABL apresentou acepção única. Os demais dicionários apresentaram duas acepções. A seguir, apresentamos uma tabela com os verbetes coletados.

Quadro 10 – Verbetes relativos a *acerola* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ a.ce.ro.la <i>subst. fem.</i> 1. Arbusto cujo fruto é rico em vitamina A, C, ferro e cálcio. 2. O fruto desse arbusto. (FERREIRA, 2011, p. 43)	DEABL acerola [ó] (a.ce.ro.la) s.f. Fruta pequena e vermelha, semelhante à cereja, muito rica em vitamina C. (BECHARA, 2011, p. 94)
DDL acerola (a.ce.ro.la) s.f. 1 Arbusto com folhas verde-escuras, flores rosadas, e cujo fruto é pequeno e avermelhado; 2 Esse fruto. (RAMOS, 2011, p. 24)	SJ acerola (a.ce.ro.la) <i>sf</i> 1. Arbusto que dá fruto comestível rico em vitamina C; 2. o fruto dessa planta, que tem polpa macia e suculenta; (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 10)
CA acerola (a.ce.ro.la) <i>sf.</i> 1 Bot. Arbusto que dá fruto rico em vitamina C. 2 Esse fruto. [F.: Do ár. <i>az-za'rura</i>.] (GEIGER, 2011, p. 10)	

Fonte: elaborado pelo autor

Para *acerola* também foi possível identificar diferentes características especificadoras/atributos definidores para construção da categoria. A seguir, os identificamos e classificamos:

Função: O SJ atribui “comestível” à categoria. Atribuímos a mesma relação de função e corporificação que nas definições anteriores. Os demais dicionários não apresentaram esse tipo de informação.

Composição: O AJ apresenta “rico em vitamina A, C, ferro e cálcio”, o que consiste em um traço de composição do fruto. Os dicionários DEABL, SJ e CA trazem a mesma expressão “rico em vitamina C”. Apenas o DDLP não apresentou informações nesse tocante. É interessante salientar que o tipo de traço composicional trazido nesses dicionários remete um conhecimento científico, algo que, mais uma vez, aponta para uma noção enciclopédica de significado, como defendido por Ibarretxe-Antuñano (2010).

Cor: O DEABL caracteriza a fruta como “vermelha” e o DDLP como “avermelhada”. Os demais dicionários não apresentam informação nesse tocante. Consideramos tais informações como relacionadas à corporificação.

Tamanho: O DEABL e o DDLP caracterizam a *acerola* como pequena, o que interpretamos como indicativo de corporificação. Os demais dicionários não apresentam informações nesse plano.

Proveniência: Os dicionários AJ e SJ definem *acerola* com base na remissão à planta que dá o fruto. É interessante salientar que, com exceção do DEABL, todos os outros dicionários caracterizam o fruto na definição da árvore homônima, o que põe a proveniência do fruto como um elemento na construção da categoria, ainda que implicitamente.

Foram constatados nos verbetes relativos à *acerola* diversos elementos para a construção da categorização, dentre os quais, atributos definidores que apontam para a corporificação. Assim como nos casos anteriores, é possível perceber que tais atributos apontam para efeitos de prototipicidade, como a cor vermelha atribuída ao fruto, que não é presente em todas as fases do seu desenvolvimento.

No DEABL, temos a comparação “semelhante à cereja”. Embora esse tipo de comparação costume ser positiva, uma vez que amplia as possibilidades de interpretação dos consulentes, consideramos um dado vago. Em outras definições anteriormente analisadas, a comparação com outra fruta deixa claro sob qual aspecto a comparação está sendo feita (forma ou sabor, por exemplo). Mas nesse caso não é possível recuperar, sem o risco de sermos muito subjetivos, o tipo de informação que norteia a comparação.

Assim como em casos anteriores, é preciso reconhecer a importância que as remissivas têm nos verbetes que apresentaram atributos definidores para o fruto na acepção relativa à planta. Embora essa prática por parte dos dicionaristas possa facilitar a construção de um conhecimento da interdependência entre a árvore e o seu fruto por parte dos consulentes, a sobreposição entre significados pode ter um efeito negativo. No AJ, temos a definição para a árvore “arbusto cujo fruto é rico em vitamina A, C, ferro e cálcio”, na qual as informações do fruto tomam completamente o espaço da definição da planta. Na definição do fruto, por sua vez, temos apenas a remissiva “o fruto desse arbusto”. Ou seja, o fruto é caracterizado na definição da árvore, mas a árvore não é caracterizada na definição do fruto. Há uma perda de informações que poderiam ser úteis aos consulentes.

4.9 AMEIXA

Quanto à *ameixa*, a tabela a seguir traz os verbetes coletados, e em seguida, temos as análises das definições.

Quadro 11 – Verbetes relativos a *ameixa* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ ameixa <i>subst. fem.</i> O fruto da ameixeira. (FERREIRA, 2011, p. 76)	DEABL ameixa [ch] (a.mei.xa) s.f. Fruta doce e suculenta, muito consumida seca. (BECHARA, 2011, p. 132)
DDL ameixa (a.mei.xa) s.f. Fruto comestível da ameixeira, com formato arredondado, de cor amarela, vermelha ou roxa, com casca lisa, polpa carnosa e doce, levemente ácida e com um único caroço. (RAMOS, 2011, p. 52)	SJ ameixa (a.mei.xa) <i>sf</i> 1. Fruto pequeno, doce e redondo, de casca vermelha e polpa alaranjada (As ameixas são colhidas nas ameixeiras.); 2. <i>gr reg</i> GO bala, projétil. (SARAIVA; OLIVEIRA, 2011, p. 47)
CA ameixa (a.mei.xa) <i>sf</i> 1 Fruto da ameixeira, doce e comestível. 2 <i>GO Gir.</i> Bala (projétil). [F.: De or. contrv.] (GEIGER, 2011, p. 44)	

Fonte: elaborado pelo autor.

Com base nesses dados, prosseguiremos com a identificação e classificação das informações encontradas.

Função: Apenas os dicionários CA e DDLP caracterizam *ameixa* como “comestível”, informação essa que novamente interpretamos como indicativo de uma função na alimentação, bem como de corporificação. O DEABL traz “muito consumida seca”, que consideramos no mesmo plano funcional de “comestível”, contudo, ainda mais específico quanto a padrão de interação humana com a fruta. AJ e CA não trouxeram informação nesse tocante.

Textura: O DDLP caracteriza como “lisa” a casca da ameixa, informação essa percebida primariamente pelo tato, e, dessa forma, consideramos como indicativa de corporificação. Os demais dicionários não incluíram informação nesse sentido.

Forma: O DDLP caracteriza *ameixa* como “fruto [...] com formato arredondado”, enquanto o SJ descreve o fruto como “redondo”. Novamente, esse é um traço identificado pelo tato e/ou pela visão, o que interpretamos mais uma vez como indicativo de corporificação. O AJ, DEABL e CA não apresentaram traços nesse sentido.

Composição: O DEABL caracteriza a fruta como “suculenta”. DDLP e SJ apresentam “casca” e “polpa” para a composição. O DDLP acrescenta, ainda “carnosa”. O SJ acrescenta, ainda, “caroço”. O DEABL diz que a ameixa é “muito consumida **seca** (grifo nosso)”, traço esse que caracteriza pela ausência de

líquidos, e, dessa forma, o enquadraremos como um elemento ligado à composição. Em razão de esses atributos serem constatados tátil ou visualmente, os interpretamos como indicativos de corporificação.

Cor: O DDLP diz que o fruto é “de cor amarela, vermelha ou roxa”. A apresentação de tantas possibilidades de cor é algo ímpar nas definições até então analisadas. Com base na versão estendida da Teoria dos Protótipos, conforme apresentada por Duque & Costa (2012), podemos interpretar que a aceitação da variação de cores nessa categoria indica a distribuição de características na categoria por semelhanças de família. O dicionário SJ apresenta apenas a cor “vermelha” para se referir à casca.

Tamanho: Apenas o SJ apresenta informação nesse plano, caracterizando o fruto como “pequeno”. Mais uma vez, interpretamos esse tipo de informação como indicativo do fenômeno da corporificação.

Sabor: Os dicionários DEABL, CA e SJ caracterizam *ameixa* como “doce”. Já o DDLP a descreve como “doce” e “levemente ácida”. Em função de essas características serem percebidas através do paladar, encaramos esses elementos como indicativos de corporificação.

Proveniência: Os dicionários AJ, CA e DDLP caracterizam *ameixa* como proveniente da “ameixeira”. No AJ, essa é a única característica apresentada para o fruto. Pela comparação com as informações apresentadas nos outros dicionários, é possível constatar que poucas informações foram apresentadas na definição de *ameixa* do AJ para a construção da categoria, ou seja, elementos que poderiam ser úteis ao consulente não foram inclusos.

Assim como nos casos anteriores, várias características foram apresentadas para a palavra entrada *ameixa*. Todas as características especificadoras inclusas na definição podem ser interpretadas como atributos definidores ligados à corporificação e contribuem para a estruturação da categoria. Tivemos novamente elementos que apontam para efeitos de prototipicidade, como *sabor*, pois a *ameixa* só é doce quando madura.

Apontamos ainda que quanto menos características uma definição traz, menos atributos definidores temos para a construção da categoria. Dessa forma, práticas como a do AJ, que definiu *ameixa* apenas com base na proveniência podem ser pouco contributivas para os seus consulentes.

4.10 AMORA

Nos verbetes coletados relativos à *amora*, apenas o DDLP apresentou mais de uma acepção, sendo uma para o fruto e outra para a árvore homônima. A seguir, o quadro apresenta os verbetes coletados.

Quadro 12 – Verbetes relativos a *amora* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ amora <i>subst. fem.</i> Fruto da amoreira. (FERREIRA, 2011, p. 78)	DEABL amora [ô] (a.mo.ra) s.f. Fruto comestível, pequeno, macio, constituído pela agregação de pequenos glóbulos, e de cor roxa ou negra. (BECHARA, 2011, p. 134)
DDL amora (a.mo.ra) s.f. 1 Árvore com folhas divididas em lobos, ásperas, muito verdes e de margem serrilhada, com flores brancas, pequenas e aglomeradas, e cujo fruto, branco ou vermelho-escuro, é comestível. □ SIN. amoreira. 2 Esse fruto. (RAMOS, 2011, p. 53)	SJ amora (a.mo.ra) sf Fruto pequeno e frágil, de sabor agridoce, cuja cor varia do vermelho ao roxo-escuro (“A garota, depois de comer muitas amoras, quis fazer batom do caldo delas”, De amora e amor, Elias José.).  (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 49)
CA amora (a.mo.ra) sf. Pequeno fruto quase negro, macio e de sabor agridoce, muito us. em geleias. [F.: Do lat. vulg. <i>mora</i>, com aglut. do art. def. <i>a</i>.] (GEIGER, 2011, p. 46)	

Fonte: elaborado pelo autor.

Para *amora*, também identificamos características que podem ser interpretadas como atributos definidores. A seguir, as identificamos e classificamos:

Função: O DEABL e o DDLP caracterizam o fruto como “comestível”. Novamente, interpretamos que esse elemento aponta tanto para uma função que o fruto desempenha na alimentação quanto remete à corporificação. O CA, por sua vez, apresenta “muito us. em geleias”, o que, ainda que reflita uma função na alimentação, remete a um outro tipo de interação humana com o fruto. Nesse caso,

mesmo considerando que o destino final é o consumo humano, entendemos que esse dado é primariamente enciclopédico, sendo mais um elemento que corrobora com a importância de reconhecer nos dicionários elementos enciclopédicos quanto à visão de significado, como defendido por Ibarretxe-Antuñano (2010).

Textura: Os dicionários DEABL e CA caracterizam o fruto como “macio”, mas diferentemente do que acontece nas definições dos outros frutos analisados – que apresentaram esse tipo de comentário para descrever uma “casca” ou “caroço”, por exemplo – não temos a atribuição dessa característica a uma parte específica da *amora* em nenhum dos dois dicionários. O SJ descreve o fruto, ainda, como “frágil”. É difícil afirmar categoricamente quais os motivos que levaram o dicionarista a elencar essas características, mas pode ter sido pelo fato da *amora* ser bastante sensível ao toque, de modo que não é preciso muita pressão para que a casca do fruto se rompa e derrame seu suco. Desse modo, resolvemos discorrer sobre esse fenômeno nessa classificação. Mais uma vez, interpretamos esse tipo de informação como indicativos de corporificação.

Forma: O DEABL caracteriza o fruto através do comentário “[...] constituído pela agregação de pequenos **glóbulos** (grifo nosso)”, na qual o item lexical em negrito contribui para descrever a forma do fruto. Mais uma vez, em função forma ser um aspecto percebido tátil ou visualmente, encaramos a presença desse elemento como indicativo de categorização. Os demais dicionários não apresentaram comentários

Composição: O comentário supracitado “[...] constituído pela agregação de pequenos glóbulos” também informa a composição. Esse elemento pode ser percebido tátil ou visualmente, e, portanto, são interpretados aqui como indicadores de corporificação.

Cor: O DEABL caracteriza *amora* como sendo “de cor roxa ou negra”. Já o CA, como “quase negro”. O DDLP, por sua vez, como “branco ou vermelho-escuro”. Por último, o SJ diz que a “cor varia do vermelho ao roxo-escuro”. O AJ não apresentou caracterização nesse plano. Aqui temos algo particularmente interessante: com exceção do CA, todos os dicionários que descrevem *amora* com relação à cor o fizeram admitindo variação de cor. Dessa forma, podemos entender que a categoria foi construída com base em diferentes membros: a *amora* preta (*Morus nigra*) varia entre o branco (início do desenvolvimento), o róseo (início do amadurecimento) e o preto (final do amadurecimento); e a *amora*-

branca (*Morus alba*) (branca em todas as fases). Dessa forma, a categoria parece se organizar nessas definições por semelhança de família, como previsto na versão estendida da Teoria dos Protótipos apresentada por Duque & Costa (2012).

Tamanho: O DEABL, o CA e o SJ caracterizam o fruto como “pequeno”. O DEABL apresenta especificamente o atributo “pequenos” para se referir aos glóbulos que compõem o fruto. Esses traços são percebidos pelo tato ou pela visão, e, portanto, os interpretamos aqui como indicativos de corporificação.

Sabor: O CA é o único dos dicionários a apresentar caracterização quanto ao sabor, descrevendo o fruto como sendo “de sabor agri-doce”. Aqui, também entendemos esse atributo definidor como um indicativo de corporificação.

Proveniência: O dicionário AJ caracteriza *amora* como o “fruto da amoreira”. Já o DDLP apresenta as características do fruto na acepção da árvore homônima, no mesmo verbete, mas não apresenta esse traço de proveniência com relação à árvore de forma direta em nenhum momento, portanto, não consideramos esse como uma característica apresentada.

Nas definições relativas à *amora*, diversas características apontadas puderam ser identificadas e classificadas como atributos definidores para a construção da categoria, bem como também identificamos elementos enciclopédicos que contribuem nesse mesmo sentido.

Assim como em casos anteriores, o AJ apresentou caracterização apenas com relação à proveniência. Contudo, não houve no mesmo verbete uma acepção relativa à árvore, na qual os atributos definidores do fruto pudessem ser encontrados. E mesmo que uma investigação mais profunda da rede medioestrutural – sistema de remissivas – desse dicionário revele que as características específicas estão no verbete relativo à árvore, ainda é problemático para consulente que não haja uma remissiva explícita.

A essa altura das nossas análises, as contribuições que o aporte teórico da Linguística Cognitiva traz para Lexicografia parecem cada vez mais contundentes e frutíferas.

4.11 ANANÁS

Seguimos, agora, analisando as definições relativas a *ananás*. A tabela a seguir apresenta os verbetes coletados.

Quadro 13 – Verbetes relativos a *ananás* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ a.na.nás <i>subst. masc.</i> Abacaxi (1 e 2). [Plural: <i>ananases</i>.] (FERREIRA, 2011, p. 80)	DEABL ananás (a.na.nás) <i>s.m.</i> Fruta de casca espinhosa e coroa de folhas longas, muito semelhante ao abacaxi. (BECHARA, 2011, p. 137)
DDL ananás (a.na.nás) (pl. <i>ananases</i>) <i>s.m.</i> 1 Planta com folhas duras, pontiagudas e de margem espinhosa, e cuja infrutescência, de formato oval, polpa amarelada, doce e carnosa, e com uma coroa de folhas na extremidade superior, é comestível. ☐ SIN. abacaxi. 2 Essa infrutescência. ☐ SIN. abacaxi. ☐ ORIGEM É uma palavra de origem tupi. (RAMOS, 2011, p. 55)	SJ ananás (a.na.nás) <i>sm</i> Abacaxi. Pl <i>ananases</i>. (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 52)
CA ananás (a.na.nás) <i>sm.</i> 1 Fruta nativa de casca grossa e espinhosa; ABACAXI. 2 Bot. Planta que dá essa fruta. [Pl.: <i>-nases</i>.] [F.: Do tupi <i>naná</i>.] (GEIGER, 2011, p. 48)	

Fonte: elaborado pelo autor.

Diversas características especificadoras relativas à palavra-entrada *ananás* foram identificadas. A seguir, as classificamos e discorremos sobre elas:

Função: Apenas o DDLP apresenta a característica especificadora “comestível”, entendida, aqui, como indicativa de corporificação.

Forma: O DEABL e o DDLP comparam o feixe de folhas do fruto a uma “coroa”. O DDLP diz ainda que o fruto tem “formato oval”. O DEABL comenta “muito semelhante ao abacaxi”, mas não fica claro se a comparação diz respeito à forma.

Composição: O DEABL e o CA apontam “casca” como componente do fruto. Também podemos considerar a “coroa de folhas” apontada no DEABL e no DDLP como um traço nesse plano. O DDLP inclui, ainda, “polpa” e “carnosa”.

Cor: Ao falar da polpa, o DDLP a descreve como “amarelada”, o que entendemos como indicador de corporificação. Os demais dicionários não apresentam características nesse sentido.

Proveniência: Aqui temos a única diferença entre a definição do CA para *abacaxi* e para *ananás*. Ele descreve a primeira como “fruta nativa do Brasil” e a segunda como “fruta nativa”. Apesar da redução que houve no segundo caso deixar a informação mais imprecisa, fica subentendido que o fruto é oriundo do Brasil.

É interessante salientar nos casos de dicionários que apresentaram definição analítica, apenas o DEABL apresentou uma definição diferenciada para *ananás*. O DDLP apresentou exatamente a mesma definição usada para *abacaxi*, enquanto o CA apresentou apenas uma redução da usada para *abacaxi*.

Os verbetes relativos a *ananás* foram os únicos que apresentaram variação quanto ao tipo de definição. Identificamos tanto a definição analítica (DEABL, CA e DDLP) quanto a por sinonímia (AJ e SJ). Sobre esse segundo tipo, Welker (2004) nos traz o pensamento de Imbs (1960), quando escreve que “a definição por sinônimos é o “método menos científico possível, resultando em psudodefinições que estabelecem um círculo vicioso” (p. 13)” (WELKER, 2004, p. 18). Dessa forma, essa prática é considerada problemática.

4.12 ARAÇÁ

Para *araçá*, apenas o DDLP apresentou mais de uma acepção. A seguir, a tabela traz o os verbetes coletados.

Quadro 14 – Verbetes relativos a *araçá* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ araçá subst. masc. <i>Brasileirismo</i> O fruto do araçazeiro. (FERREIRA, 2011, p. 96)	DEABL araçá (a.ra.çá) s.m. Fruta comestível semelhante à goiaba. (BECHARA, 2011, p. 155)
DDL araçá (a.ra.çá) s.m. 1 Planta de tronco com manchas e casca fina, com flores branco-esverdeadas, e cujo fruto, semelhante a uma goiaba, tem polpa doce e branca com muitas sementes. □ SIN. araçazeiro. 2 Esse fruto. ORIGEM É uma palavra de origem tupi. (RAMOS, 2011, p. 71)	SJ araçá (a.ra.çá) sm Fruto semelhante a uma goiaba pequena, com polpa clara ou amarela e sabor um pouco ácido (O araçá é fruto do araçazeiro.). (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 71)
CA araçá (a.ra.çá) sm. Fruto silvestre semelhante à goiaba em forma e sabor. [F.: Do tupi <i>ara'sa</i>.] (GEIGER, 2011, p. 65)	

Fonte: elaborado pelo autor.

Nas definições de *araçá*, também encontramos diversos elementos que contribuem para a caracterização e categorização do fruto, como classificamos e discorremos a seguir.

Função: Para *araçá*, o DEABL foi o único no qual identificamos caracterização com relação à função, sendo o fruto descrito como “comestível” nesse dicionário. Assim como nas análises anteriores, iremos considerar a mesma relação com a corporificação.

Forma: O CA apresenta o comentário “semelhante à goiaba em forma” para descrever *araçá*. O DEABL, o DDLP e o SJ também caracterizam o fruto como “semelhante” à “goiaba”, mas não deixam claro se essa comparação se refere à forma. Também não podemos nessa análise generalizar o uso da palavra “semelhante”, ou qualquer um de seus sinônimos, como sempre ligada à forma, pois esses termos já foram usados em verbetes de outros frutos para fazer comparações com relação a diferentes traços, como *sabor*, por exemplo. O AJ não apresentou informação sobre forma. Tomaremos *forma* aqui também como indicativo de corporificação.

Composição: O DDLP apresenta “polpa” e “muitas sementes” como elementos que fazem parte de *araçá*. O SJ apresenta apenas “polpa” como atributo composicional. Atribuiremos para composição a mesma relação com o fenômeno da corporificação que nos casos anteriores. Os demais dicionários não apresentaram características nesse plano nas definições analisadas.

Cor: A polpa do *araçá* é caracterizada como “branca” no DDLP. Já o SJ descreve a polpa como “clara ou amarela”. Nesse último, entendemos que a variação de cor admitida para na categoria é um reflexo da sua organização em semelhança de família, conforma a versão estendida da Teoria dos Protótipos (DUQUE & COSTA, 2012).

Tamanho: O SJ é o único dos 5 dicionários a apresentar caracterização de tamanho para descrever *araçá* ao dizer que o fruto é “semelhante a uma goiaba pequena”. Interpretaremos para tamanho a mesma relação com a corporificação que nos casos anteriores.

Sabor: O CA comenta “semelhante à goiaba em [...] sabor”, fazendo, assim, uma caracterização por comparação. O DDLP caracteriza a polpa do fruto como “doce”. Já o SJ afirma que o fruto tem “sabor um pouco ácido”. O AJ e o DEABL não apresentaram nas definições dos verbetes coletados informações sobre *sabor*. Uma vez que *sabor* é uma propriedade percebida pelo sentido do paladar, tomamos esse tipo de informação como indicativo de corporificação.

Proveniência: O AJ descreve *araçá* como “o fruto do araçazeiro”. O DDLP, por sua vez, apresenta as características do fruto na acepção relativa à árvore homônima, mas não relaciona explicitamente a proveniência do fruto à árvore, de modo que não consideremos essa relação como atributiva.

Pudemos identificar diversos elementos que contribuem para a construção da categoria *araçá*, dentre os quais características especificadoras/atributos definidores ligados ao fenômeno da corporificação.

Mais uma vez, o AJ definiu um fruto com base apenas na proveniência, ou seja, apenas informa que *araçá* é oriundo da uma dada árvore. Não houve na definição nenhuma remissiva explícita a outro verbete no qual o consulente pudesse encontrar informações relativas à infrutescência, algo que consideramos problemático mesmo que os atributos definidores do fruto sejam constatáveis no verbete de “araçazeiro”.

É válido acrescentar que a maioria dos dicionários (DEABL, CA, DDLP e SJ) fez, com propósitos particulares, a comparação do *araçá* com a goiaba, uma fruta popular, o que amplia o horizonte de compreensão para os consulentes. Vale ressaltar que a primeira das séries as quais esses dicionários se destinam é o 6º ano do Ensino Fundamental, com alunos ainda bastante jovens e ampliando o seu léxico e seu conhecimento de mundo. Dessa forma, a comparação com uma fruta popular pode ser útil aos potenciais consulentes.

4.13 AVELÃ

Prosseguiremos agora para as análises de *avelã*. Todos os verbetes relativos a esse fruto apresentaram apenas uma acepção. A seguir, a tabela apresenta os verbetes coletados.

Quadro 15 – Verbetes relativos a *avelã* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ avelã subst. fem. O fruto da aveleira. (FERREIRA, 2011, p. 121)	DEABL avelã (a.ve.lã) s.f. Fruto de forma quase esférica, de casca dura e semente comestível. (BECHARA, 2011, p. 183)
DDL avelã (a.ve.lã) s.f. 1 Árvore com muitos galhos, folhas largas, aveludadas e serrilhadas, e cujo fruto, pequeno e de formato quase esférico, com uma casca dura, fina e de cor marrom, é comestível. □ SIN. aveleira. 2 Esse fruto. (RAMOS, 2011, p. 95)	SJ avelã (a.ve.lã) sf Fruto seco, redondo e de sabor muito apreciado (A <i>avelã</i> é o fruto da aveleira. A pasta de <i>avelã</i> com chocolate é deliciosa.).  (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 98)
CA avelã (a.ve.lã) sf. Fruto da aveleira, de casca dura e semente comestível. [F.: Do lat. (nux) <i>abellana</i> ou <i>avellana</i>.] (GEIGER, 2011, p. 92)	

Fonte: elaborado pelo autor.

Variadas características puderam ser identificadas nas definições relativas à *avelã*. A seguir, as apresentamos e classificamos.

Função: Os dicionários DEABL e CA caracterizam a semente da *avelã* como “comestível”. Já o DDLP atribui ao fruto a mesma característica. O SJ descreve o sabor do fruto como “muito apreciado”, o infere uma avaliação positiva do fruto na alimentação. Consideramos aqui a mesma relação com a corporificação que nas definições anteriores. O AJ não apresentou informações nesse tocante.

Textura: Tanto o DEABL quanto o CA e o DDLP descrevem a casca da *avelã* como “dura”. Por ser esse tipo de atributo percebido de forma tátil, o consideraremos como indicativo de corporificação.

Forma: O DEABL caracteriza o fruto como sendo “de forma quase esférica”. De maneira muito similar, o DDLP o descreve como “de formato quase esférico”. O SJ, por sua vez, o define como “redondo”. Consideraremos para os itens lexicais

que indicam *forma* aqui a mesma relação de corporificação que nas definições dos frutos anteriores. AJ e CA não apresentaram informações quanto a esse aspecto.

Composição: O DEALB e o DDLP apresentaram “casca” e “semente” como traços composicionais. O CA apresentou apenas “casca”. Consideraremos aqui a mesma relação com a corporificação que nos casos anteriores. AJ e SJ não trouxeram informação nesse tocante.

Cor: Apenas o DDLP apresentou caracterização com relação à cor, descrevendo a casca do fruto como “marrom”. Mais uma vez, por cores serem percebidas pelo sentido da visão, consideraremos esse tipo de traço como relativo à corporificação.

Tamanho: DDLP caracteriza o fruto como “pequeno” e foi o único dicionário que apresentou atributo definidor relacionado ao tamanho para *avelã*. Novamente, como a relação de tamanho é constatada através dos sentidos, entendemos a apresentação desse tipo de informação como indicativo de corporificação.

Sabor: Apesar do comentário “de sabor muito apreciado”, presente no SJ, ser uma informação vaga, ainda conta como uma caracterização gustativa, e, desse modo, a consideramos como indicativa de corporificação. Os demais dicionários não caracterizaram quanto a esse tipo de informação.

Proveniência: O AJ e o CA caracterizam a *avelã* como “fruto da aveleira”. Consideramos esse tipo de informação como relacionada à corporificação, pelo mesmo motivo dos casos anteriores. DEABL, DDLP e SJ não apresentaram traço de *proveniência*.

Espessura: O DDLP descreve a casca da *avelã* como “fina”. Novamente, por ser uma informação perceptível através do tato ou da visão, consideramos como remetente à corporificação.

Como foi possível observar, diversos tipos de características apresentadas nas definições relativas à *avelã* podem ser entendidas como atributos definidores da categoria, dentre os quais elencamos vários que podemos compreender como indicadores do fenômeno da corporificação.

Mais uma vez, foi possível ainda identificar características, como “comestível”, que apontam para definições baseadas em protótipos, afinal, o fruto não é comestível em todas as fases do seu desenvolvimento. Pelo observado até agora, esse fenômeno parece ser o padrão em vários dicionários.

O dicionário AJ apresentou mais uma vez apenas a informação de *proveniência*, ao informar que o fruto é oriundo da azeleira, sem nenhuma remissiva explícita a outro verbete onde as características do fruto pudessem ser encontradas. Consideramos essa prática problemática pelos mesmos motivos apresentados anteriormente.

4.14 AZEITONA

Chegamos, então, aos nossos últimos verbetes, estes relativos a *azeitona*. Nesse caso, todos os verbetes apresentaram apenas uma acepção. A seguir, temos uma tabela como os verbetes coletados.

Quadro 16 – Verbetes relativos a *azeitona* nos dicionários tipo 3 do PNLD 2012

AJ a.zei.to.na <i>subst. fem.</i> Fruto, comestível, da oliveira; oliva. (FERREIRA, 2011, p. 124)	DEABL azeitona (a.zei.to.na) s.f. Fruta da oliveira; oliva. (BECHARA, 2011, p. 185)
DDL P azeitona <a.zei.to.na> (Pron. [azeitôna]) s.f. Fruto da oliveira, comestível, ovalado, de cor verde, com caroço grande, e do qual se extrai o azeite. □ SIN. (RAMOS, 2011, p. 98)	SJ azeitona (a.zei.to.na) <i>sf</i> Fruto pequeno, que se come verde ou maduro, mas sempre depois de salgado e curtido, e com o qual se faz azeite (A <i>azeitona</i> é o fruto da oliveira.). (SARAIA; OLIVEIRA, 2011, p. 100)
CA azeitona (a.zei.to.na) <i>sf</i>. Pequeno fruto da oliveira; OLIVA. [F.: Do ár. az-zaituna.] (GEIGER, 2011, p. 93)	

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao longo das definições dos 5 verbetes, pudemos observar variadas informações para caracterizar a categoria *azeitona*. Logo à frente, as classificamos e discorremos sobre elas:

Função: Os dicionários AJ e DDL P caracterizam o fruto como “comestível”. Este segundo dicionário acrescenta, ainda, que é desse fruto que “se extrai o azeite”. O SJ também informa que é desse fruto que “se faz azeite”. Ainda segundo o SJ, trata-se de um fruto que “se **come** verde ou maduro, mas sempre depois de

salgado e curtido (grifo nosso)”. CA e DEABL não apresentaram características nesse sentido.

Forma: O DDLP caracteriza o fruto como “ovalado”, o que interpretamos indicativo de corporificação, por ser um atributo perceptível tátil ou visualmente.

Composição: O DDLP apresenta o “caroço” como um traço composicional do fruto. Os demais dicionários não apresentam informações nesse tocante.

Cor: O DDLP define o fruto como sendo “de cor verde”. AJ, DEABL, CA e SJ não apresentam informação relativa à cor. Novamente, por cor ser um atributo percebido pelo sentido da visão, entendemos a apresentação de *cor* como indicativo de corporificação.

Tamanho: O CA e o SJ caracterizam o fruto como “pequeno”. Já o DDLP atribui “grande” ao caroço. Por serem informações constatáveis através do tato ou da visão, as consideramos como indicativas de corporificação.

Sabor: O SJ informa que o fruto é consumido “sempre depois de salgado”. Interpretamos essa informação indicativa de que categoria foi construída, nesse dicionário com base em um protótipo. Os demais dicionários não apresentaram informações nesse sentido.

Proveniência: Apenas o SJ não apresentou relação de proveniência à árvore. Consideramos esse tipo de informação como relativa à corporificação, pois a ligação entre a árvore e o fruto é percebida pela visão ou tato.

Maduração: O SJ diz que o fruto “se come verde ou maduro”, informação que, mais uma vez, consideramos como indicativa de corporificação, pois a maturação do fruto é percebida através de vários sentidos (visão, tato, paladar).

Várias características relacionadas à função, forma, composição, cor, tamanho, sabor, proveniência e maturação puderam ser identificadas ao longo das definições para *azeitona* nos 5 dicionários do *corpus*. Todas essas caracterizações podem ser entendidas em termos de atributos definidores para construção da categoria.

Foi possível identificar indicativos de efeitos de prototipicidade na definição do DDLP, pois ele indica que o fruto é de cor verde, mas *azeitona* também apresenta a cor roxa (quando madura). Talvez por a *azeitona* verde ser mais comercialmente difundida ela tenha sido a base da definição nesse dicionário. Também temos indícios que sugerem organização da categoria por semelhança de família na definição do SJ, pois ao tratar do consumo do fruto, indica que pode ser feito com o fruto verde ou maduro.

Nem todas as definições, entretanto, apresentaram indícios de base prototípica. Pois o DEABL apresentou apenas informação de proveniência, caracterizando o fruto como oriundo da oliveira. Tal definição foi bastante vaga principalmente se comparada com as definições DDLP, que apresentou função, forma, composição, cor e tamanho, e do SJ, que define quanto à função, cor, tamanho sabor, proveniência e maturação.

O AJ e o CA apresentaram apenas uma informação a mais que proveniência, função e tamanho, respectivamente. Dessa forma, podemos apontar que as definições nesses dicionários ainda são vagas. Isso é mais problemático ainda quando consideramos o público-alvo dos dicionários tipo 3. A primeira série a que se destina é o 6º ano do Ensino Fundamental, com alunos na faixa etária média de 11 anos. Se a função do dicionário é dar assistência no processo de aprendizagem de língua materna, apresentar mais informações em suas definições representa uma cobertura maior no seu eixo de contribuições lexicográficas.

4.15 SOBRE A CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA

Para dar conta de compreender a sistematicidade das informações apresentadas nas definições do *corpus*, precisamos apresentar uma proposta de classificação para as características especificadoras. Ao longo das análises, pudemos perceber o quanto a estrutura da definição analítica e a organização de categorias, em termos cognitivos, tem em comum. Dessa forma, essa classificação pode ser útil nos dois lados da interface. A seguir, apresentamos com mais clareza cada uma das 13 categorias de classificação propostas.

Função: Diz respeito a um papel desempenhado na vida humana, um padrão através do qual as pessoas interagem com o fruto. São exemplos extraídos do *corpus* as palavras e expressões: comestível, nutritivo, “usado em”.

Textura: Diz respeito primariamente à percepção tátil. São exemplos extraídos do *corpus*: duro, aveludado, macio, liso, cremoso, farináceo dentre outros.

Forma: Relacionado à configuração física, ao formato. São exemplos do *corpus*: arredondado, oval, ovalado, dentado, pontiagudo, espinhado, dentre outros.

Composição: Diz respeito aos elementos constituintes. No *corpus* analisado, são indicados por substantivos, adjetivos e expressões compostas. São exemplos extraídos do *corpus*: casca, polpa, semente, caroço, carnosos, seco, coroa de folhas, entre outros.

Cor: Diz respeito às informações cromáticas. São exemplos vindos do *corpus*: vermelho, amarelo, alaranjado, verde, esverdeado, claro, escuro e outros mais.

Tamanho: Noção essencialmente comparativa de proporção. São exemplos extraídos do *corpus*: pequeno, grande, alongado, longo.

Cheiro: Diz respeito a traços olfativos. É um exemplo vindo do *corpus*: perfumado.

Sabor: Diz respeito a informações gustativas. São exemplos do *corpus*: doce, azedo, ácido, dentre outros.

Proveniência: Diz respeito à origem biológica. As ocorrências foram todas em relação à árvore. São exemplos vindos do *corpus*: fruto desse arbusto, fruto dessa planta, fruto da aveleira, dentre outros.

Origem geográfica: Diz respeito à distribuição geográfica de origem. É exemplo do *corpus*: nativa do Brasil.

Orientação: Diz respeito à orientação cima/baixo. São apresentadas no *corpus* através de construções compostas: na parte superior, na extremidade superior.

Maturação: Diz respeito ao estágio de desenvolvimento. São exemplos do *corpus*: verde, maduro.

Espessura: Noção relacionada à distribuição do corpo no espaço: São exemplos do *corpus*: grosso, fino.

Essa classificação aqui proposta está bastante ligada à natureza do *corpus* analisado. Elas podem e devem sofrer alterações em função de pesquisas mais profundas e amplas ou da agregação de novos pressupostos teóricos. Além disso, pesquisas futuras podem revelar outras categorias serem inclusas.

4.16 ANÁLISE CONTRASTIVA ENTRE OS DICIONÁRIOS

A essa altura, já temos muito mais clareza quanto à relação entre o fenômeno da categorização e da corporificação nas definições relativas aos frutos da letra A nos 5 dicionários analisados do acervo do PNLD 2012, bem como conseguimos compreender melhor quais elementos presentes nessas definições apontam para essa relação. Contudo, ainda não são tão claros os padrões que cada dicionário segue para construir essas categorias corporificadas. Dessa forma, objetivamos nessa subseção analisar dicionário por dicionário e estabelecer esse contraste.

4.16.1 Aurélio Júnior

Começaremos nossas análises pelo AJ. A seguir, apresentamos as ocorrências de cada tipo informação por verbete do Aurélio Júnior, de acordo com a nossa proposta de classificação.

Quadro 17 – Distribuição de tipos características especificadoras por verbete do Aurélio Júnior.

	Funç.	Text.	Form.	Comp.	Cor	Tam.	Chei.	Sab.	Prov.	O.G.	Orien.	Mat.	Esp.	Total
Abacate	X	--	--	X	X	X	--	--	--	--	--	--	--	04
Abacaxi	X	X	X	X	X	X	--	--	--	--	X	--	--	07
Abóbora	X	--	--	--	--	--	--	--	X	--	--	--	--	02
Abobrinha	--	--	--	--	--	--	--	--	X	--	--	X	--	03
Abricó	X	--	--	--	--	--	--	--	X	--	--	--	--	02
Açaí	--	--	--	--	X	--	--	--	X	--	--	--	--	02
Acerola	--	--	--	X	--	--	--	--	X	--	--	--	--	02
Ameixa	--	--	--	--	--	--	--	--	X	--	--	--	--	01
Amora	--	--	--	--	--	--	--	--	X	--	--	--	--	01
Ananás	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	0
Araçá	--	--	--	--	--	--	--	--	X	--	--	--	--	01
Avelã	--	--	--	--	--	--	--	--	X	--	--	--	--	01
Azeitona	X	--	--	--	--	--	--	--	X	--	--	--	--	02
	05	01	01	03	03	02	0	0	10	0	01	01	0	27

Fonte: elaborado pelo autor.

Com base na tabela acima, podemos perceber que AJ apresenta poucas características especificadoras nas definições analisadas. Consequentemente, disponibiliza poucos atributos definidores para a construção das categorias relativas a frutos. O tipo de informação mais recorrente foi a de *proveniência* (presente em 10 definições), especificando as respectivas árvores das quais os frutos são oriundos. *Abacate* e *abacaxi* foram as palavras-entrada que mais tiveram características especificadoras atribuídas e, dessa forma, também apresentaram mais atributos definidores relacionados à corporificação para a construção das categorias de nível básico às quais correspondem.

Com exceção da proveniência, os outros tipos de informação parecem distribuídos de forma bastante aleatória, o que sugere que o AJ pode não ter critérios claros sobre quais informações incluir nessas definições. Dessa forma, as reflexões e críticas apresentadas por Bugueño Miranda (2013) sobre os dicionários não terem teorias científicas claras embasando-os parecem válidas para o dicionário em questão.

Dos 13 verbetes analisados, 10 apresentaram apenas duas características específicas ou menos. A falta de informações que possam ser interpretadas em termos de atributos definidores nas definições do AJ também torna difícil observar nesses casos fenômenos relativos a efeitos de prototipicidade e sobre a forma como se organizam as categorias, ou seja, o dicionário em questão fornece poucos subsídios ao consulente que desconheça qualquer um dos frutos que elencamos para o nosso *corpus*.

4.16.2 O Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras

Dando continuidade a esse eixo de análise, temos o DEABL. A seguir, apresentamos uma tabela onde sistematizamos os dados presentes nas definições de acordo com a nossa proposta de classificação.

Quadro 18 – Distribuição de tipos características especificadoras por verbete do Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras

	Funç.	Text.	Form.	Comp.	Cor	Tam.	Chei.	Sab.	Prov.	O.G.	Orien.	Mat.	Esp.	Total
Abacate	--	X	X	X	X	X	--	--	--	--	--	--	--	05
Abacaxi	--	--	X	X	X	X	X	X	--	--	X	--	X	08
Abóbora	X	--	X	X	X	X	--	--	--	--	--	--	--	05
Abobrinha	--	X	X	X	X	--	--	--	--	--	--	--	--	04
Abricó	--	X	--	X	X	X	--	--	--	--	--	--	--	04
Açaí	--	--	--	--	X	X	--	--	--	X	--	--	--	03
Acerola	--	--	--	X	X	X	--	--	--	--	--	--	--	03
Ameixa	X	--	--	X	--	--	--	X	--	--	--	--	--	03
Amora	X	X	X	X	X	X	--	--	--	--	--	--	--	06
Ananás	--	--	X	X	--	X	--	--	--	--	--	--	--	03
Araçá	X	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	01
Avelã	X	X	X	X	--	--	--	--	--	--	--	--	--	04
Azeitona	--	--	--	--	--	--	--	--	X	--	--	--	--	01
	05	05	07	10	08	08	01	02	01	01	01	0	01	50

Fonte: elaborado pelo autor.

A partir da tabela acima, percebemos que o DEABL apresenta muito mais características especificadoras que o AJ. Dessa forma, também apresenta mais atributos definidores e disponibiliza aos seus consulentes mais subsídios para a construção das categorias em questão. O tipo de informação mais recorrente foi o de *composição* (presente em 10 verbetes), mas elementos relacionados à *forma*, *cor* e *tamanho* foram recorrentes em mais da metade das definições.

Quanto à distribuição das informações por fruto, dos 13 verbetes coletados do DEABL, 11 receberam pelo menos 3 tipos de características especificadoras em suas definições. Entendemos isso como um dado positivo, pois a maioria dos tipos de características especificadoras com os quais nos deparamos nessa pesquisa pode ser compreendida em termos de atributos definidores e estão ligados à corporificação, o que contribui para que o consulente construa categorias com o auxílio do dicionário.

A maior riqueza de informações apresentadas também torna mais fácil observar efeitos de prototipicidade – diferentemente de no caso do AJ – pois isso nos dá mais material de análise para estabelecer contrastes com outros membros da categoria e constatar se uma dada característica especificadora/atributo definidor se distribui uniformemente, ou não, entre seus outros membros.

4.16.3. O Caldas Aulete

Nosso terceiro dicionário é o CA. A tabela a seguir sistematiza os tipos de informação apresentados ao longo das suas definições.

Quadro 19 – Distribuição de tipos características especificadoras por verbete do Caldas Aulete.

	Fun.	Tex.	For.	Com.	Cor.	Tam.	Chei.	Sab.	Prov.	O.G.	Orien.	Mat.	Esp.	Total
Abacate	X	--	X	X	X	X	--	--	--	--	--	--	--	05
Abacaxi	--	--	X	X	--	--	--	--	--	X	--	--	X	04
Abóbora	X	--	--	X	X	--	--	--	--	--	--	--	--	03
Abobrinha	X	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	X	--	02
Abricó	X	--	X	--	X	--	--	X	--	--	--	--	--	04
Açaí	X	--	--	--	X	--	--	--	--	--	--	--	--	02
Acerola	--	--	--	X	--	--	--	--	--	--	--	--	--	01
Ameixa	X	--	--	--	--	--	--	X	X	--	--	--	--	03
Amora	X	X	--	--	X	X	--	X	--	--	--	--	--	05
Ananás	--	--	X	X	--	--	--	--	--	X	--	--	X	04
Araçá	--	--	X	--	--	--	--	X	X	--	--	--	--	03
Avelã	X	X	--	X	--	--	--	--	X	--	--	--	--	04
Azeitona	--	--	--	--	--	X	--	--	X	--	--	--	--	02
	08	02	05	06	05	03	0	04	04	02	0	01	02	43

Fonte: elaborado pelo autor.

Com base na tabela acima, é possível perceber que o CA apresentou menor recorrência que o DEABL quanto aos tipos de informações disponibilizados das definições analisadas, mas ainda assim, consideramos presença mais significativa que no AJ. O tipo mais recorrente foi o *funcional* (presente em 8 definições).

Dos 13 verbetes coletados, 9 apresentaram pelo menos 3 tipos diferentes de características especificadoras, muitas delas correspondentes a atributos definidores indicativos de corporificação, que por sua vez, atuam como subsídios fornecidos pelo dicionário aos seus consulentes para a construção de categorias.

Novamente, assim como no DEABL, a diversidade características especificadoras apresentadas nas definições e, conseqüentemente, diversidade de atributos definidores possibilitam observar com mais facilidade efeitos de prototipicidade e a organização das categorias no *corpus* coletado desse dicionário.

Cabe acrescentar, entretanto, que os tipos de informação apresentados nesse dicionário parecem distribuídos de forma aleatória, o que, mais uma vez, lança questões, como as colocadas por Bugueño Miranda (2013) sobre a cientificidade dos dicionários, e sobre os dicionaristas terem critérios claros ao elencar as informações que compõem a estrutura das suas definições.

4.16.4 O Dicionário Didático de Língua Portuguesa

Nosso quarto dicionário é DDLP. Abaixo, temos uma tabela na qual sistematizamos a presença de diferentes tipos de informações encontrados em suas definições.

Quadro 20 – Distribuição de tipos características especificadoras por verbete do Dicionário Didático de Língua Portuguesa.

	Funç.	Text.	Form.	Comp.	Cor	Tam.	Chei.	Sab.	Prov.	O.G.	Orien.	Mat.	Esp.	Total
Abacate	X	--	--	X	X	X	--	--	X	--	--	--	--	05
Abacaxi	X	--	X	X	X	--	--	X	--	--	X	--	--	06
Abóbora	X	X	X	X	--	X	--	--	X	--	--	--	--	06
Abobrinha	X	X	X	X	X	--	--	--	--	--	--	--	--	05
Abricó	--	X	X	X	X	X	--	X	X	--	--	--	--	07
Açaí	X	--	X	--	X	--	--	--	--	--	--	--	--	03
Acerola	--	--	--	--	X	X	--	--	--	--	--	--	--	02
Ameixa	X	X	X	X	X	--	--	X	X	--	--	--	--	07
Amora	X	--	--	--	X	--	--	--	--	--	--	--	--	02
Ananás	X	--	X	X	X	--	--	X	--	--	X	--	--	06
Araçá	--	--	--	X	X	--	--	X	--	--	--	--	--	03
Avelã	X	X	X	X	X	X	--	--	--	--	--	--	X	06
Azeitona	X	--	X	X	X	X	--	--	X	--	--	--	--	06
	10	05	09	10	12	06	0	05	05	0	02	0	01	65

Fonte: elaborado pelo autor.

De todos os 5 dicionários analisados, o DDLP foi o que mais apresentou diversidade de características especificadoras em suas definições. Como a maioria dessas características pode ser entendida em termos de atributos definidores, este dicionário também apresentou subsídios para a construção de categorias relativas a frutos no *corpus* dessa pesquisa. Os tipos de informação mais recorrentes foram *função* (10 verbetes), *forma* (09 verbetes), *composição* (10 verbetes) e *cor* (12 verbetes). Dessa forma, entendemos que este dicionário, dentre os analisados, é o que mais disponibiliza informações em suas definições para os seus consulentes, alunos do 6º ao 9º do Ensino Fundamental.

Quanto à distribuição das informações por palavra-entrada, dos 13 verbetes coletados do DDLP, 11 apresentaram 3 tipos de informação ou mais em suas definições – 9 deles apresentaram pelo menos 5 tipos de características diferentes. Ou seja, os subsídios para a construção de categorias relativas a frutos são mais bem distribuídos no DDLP que nos outros dicionários.

No caso do DDLP, a diversidade de características especificadoras apresentadas ao longo das definições permite não apenas observar fenômenos relativos a efeitos de prototipicidade, mas vai além, ao admitir diferentes possibilidades de manifestação de um tipo de informação, como acontece com *cor* para o fruto *amora* (descrito como “branco ou vermelho-escuro”), o que aponta para uma organização da categoria em semelhanças de família, como previsto pela versão estendida da Teoria dos Protótipos tal como apresentada por Duque & Costa (2012).

Quando o dicionário define o fruto na acepção da árvore, ele tende a não apresentar proveniência, o que pode ser um recurso para tornar as definições mais curtas e o dicionário mais compacto, além de menos redundante.

4.16.5 O Saraiva Júnior

Por último, temos o dicionário SJ, para o qual apresentamos abaixo uma tabela onde sistematizamos a presença de tipos de informações presentes em suas definições.

Quadro 21 – Distribuição de tipos características especificadoras por verbete do *Saraiva Júnior*.

	Funç.	Text.	For.	Comp.	Cor	Tam.	Chei.	Sab.	Prov.	O.G.	Orient.	Mat.	Esp.	Total
Abacate	X	X	--	X	X	X	--	--	--	--	--	--	--	05
Abacaxi	--	--	X	X	X	--	--	X	--	--	--	--	X	05
Abóbora	X	X	--	X	X	--	--	--	--	--	--	--	--	04
Abobrinha	X	--	--	--	--	--	--	--	X	--	--	X	--	03
Abriçó	--	--	--	X	X	--	--	X	--	--	--	--	--	03
Açaí	--	--	--	--	X	--	--	--	--	--	--	--	--	01
Acerola	X	X	--	X	--	--	--	--	X	--	--	--	--	04
Ameixa	--	--	X	X	X	X	--	X	--	--	--	--	--	05
Amora	--	X	--	--	X	X	--	X	--	--	--	--	--	04
Ananás	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	0
Araçá	--	--	--	X	X	--	--	X	--	--	--	--	--	03
Avelã	X	--	X	X	--	--	--	X	--	--	--	--	--	04
Azeitona	X	--	--	--	--	X	--	X	--	--	--	X	--	04
	06	04	03	08	08	04	0	07	02	0	0	02	01	45

Fonte: elaborado pelo autor.

A partir da tabela acima, podemos observar que o SJ também apresentou certa variedade de tipos de características especificadoras. Dessas, as mais recorrentes foram as informações relativas à *composição* (em 8 definições), *cor* (em 8 definições) e *sabor* (em 7 definições). Novamente, esses tipos de informação podem ser compreendidos em termos de atributos definidores ligados à corporificação e contribuem para a construção de categorias relativas a frutos.

Quanto à distribuição dessas informações nos verbetes coletados, embora não seja o que mais apresentou tipos diferentes de informação por definição, foi, talvez, o que mais igualmente as dividiu: das 13 definições analisadas, 11 apresentaram pelo menos 3 tipos de informação e nenhuma teve mais que 5.

Também no SJ, os atributos definidores identificados abrem espaço para observar fenômenos relativos a efeitos de prototipicidade. Assim como no DDLP, a possibilidade de variação quanto a certos atributos, como a polpa do *araçá*, que pode ser “clara ou amarela” ou o fruto *azeitona*, que pode ser comido “verde ou maduro”, permitem entender a organização de certas categorias como estruturadas em semelhanças de família.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das análises das definições relativas a frutos que compuseram o nosso *corpus*, uma das conclusões a que chegamos é a de que quando o dicionário se propõe a elaborar uma definição ele está diante de um problema de categorização. Mesmo que o dicionário impresso, com suas limitações inerentes, não possa colocar o consulente diante de uma fruta de verdade, ele se empenha em disponibilizar, com mais ou menos êxito, guias lexicais que remetem aos traços que a mente humana observa ao realizar o processo de categorização na interação com o mundo. A provável razão disso já nos foi apresentada na nossa fundamentação teórica por Ostermann (2015) que aponta que o fenômeno da categorização se manifesta na Lexicografia tradicional em função de dicionarista e consulente compartilharem essencialmente a mesma percepção do mundo.

O nosso objetivo geral foi *compreender a forma como se dá a relação entre os fenômenos da categorização e da corporificação nas definições de frutos em dicionários tipo*

3. A partir disso, foi possível observar que:

- a) A construção das categorias de nível básico e de nível subordinado relativas a frutos, nas definições analíticas do *corpus* coletado, é dependente da apresentação de características especificadoras/atributos definidores;

Nosso primeiro objetivo específico foi *identificar elementos que apontem para os fenômenos da categorização e da corporificação nas definições de frutos em dicionários tipo*

3. Dessa forma, foi possível constatar que:

- b) As palavras-entrada de substantivos concretos relativos a frutos no nosso *corpus* foram correspondentes a categorias em termos cognitivos;
- c) O arquilexema situa a categoria a qual a palavra-entrada corresponde como sendo de nível básico ou subordinado;
- d) Diferentes tipos de características especificadoras são apresentados nas definições analíticas do *corpus*;
- e) Muitas vezes, as características especificadoras presentes na definição analítica correspondem a atributos definidores de uma categoria e são os guias que apontam para a organização da categoria;
- f) A maioria dos atributos definidores encontrados nas definições de verbetes relativos a frutos no *corpus* analisado remete à corporificação;
- g) A corporificação é importante para a construção de categorias de nível básico e subordinado relativos a frutos;

Nosso segundo objetivo específico foi (3) *descrever a sistematicidade com a qual os elementos indicadores dos fenômenos da categorização e da corporificação são apresentados nas definições de frutos em diferentes dicionários tipo 3*. Relativo a isso, destacamos que:

- h) Os 5 dicionários analisados apresentam diferentes distribuições quanto à inserção de características especificadoras/atributos definidores em suas definições;
- i) Em cada dicionário, há tipos distintos de atributos definidores que são mais recorrentes ao longo das definições;
- j) Há também tipos de atributos definidores que são distribuídos de forma irregular;
- k) Quanto mais atributos definidores um dicionário insere em uma definição, mais elementos ele disponibiliza para entender como a categoria correspondente à palavra-entrada se organiza;
- l) Os dicionários tendem a não apresentar um tipo de informação na definição relativa ao fruto se esta estiver subentendida em outra definição (ou em outro paradigma) no mesmo verbete;

Além dessas pontuações que se ligam mais diretamente aos nossos objetivos, outras questões se apresentaram à medida que nos debruçamos sobre os dados. É relevante recapitulá-los:

Efeitos de prototipicidade: Em várias das definições analisadas, constatamos a inclusão de características especificadoras/atributos definidores que apontam para efeitos de prototipicidade, como a inclusão de informações relacionadas à *cor* ou à *função*. Dessa forma, entendendo que os frutos passam por diferentes fases de desenvolvimento e estas são acompanhadas, muitas vezes, por mudanças na cor e na composição química dessas infrutescências, podemos concluir que, quando o dicionário diz que uma acerola é vermelha ou que um abacate é comestível, ele faz isso com base em um protótipo, pois apenas quando maduras as acerolas são vermelhas e os abacates são comestíveis. Contudo, tais efeitos de prototipicidade não são observáveis em todas as definições. Quando um dicionário apresenta exclusivamente informação *proveniência* para dizer que um fruto qualquer é oriundo de uma dada árvore, não é possível estabelecer contraste com outros membros para os quais essa informação não seja verdadeira.

Semelhanças de família: da mesma forma, as informações inclusas nas definições foram indícios que apontaram para organização das categorias por semelhança de família. Quando um dicionário informa, por exemplo, que a azeitona pode ser consumida verde ou madura ou diz que a amora pode ser branca ou vermelha-escura, ele admite que há características que são distribuídas de forma não uniforme entre os membros da categoria, ou seja, acontece de forma multirreferencial segundo o conceito de semelhança de família, como previsto pela versão estendida da Teoria dos Protótipos.

Medioestrutura: é importante, ainda, salientar a importância da medioestrutura, pois, em diversos casos, informação importante sobre os frutos só puderam ser recuperadas a partir das remissivas. Em alguns casos, todos os atributos definidores dos frutos disponibilizados no verbete puderam ser recuperados na acepção do fruto. Em outros, todos os atributos para o fruto foram recuperados na acepção da árvore. Houve casos, ainda, em que uma parte dos atributos definidores dos frutos pôde ser recuperada a partir da acepção do fruto e uma outra parte foi recuperada na acepção relativa à árvore. Em todos esses casos, as árvores e os frutos foram homônimos e suas definições foram apresentadas no mesmo verbete.

Problemas para o consulente: todas as definições analíticas do *corpus* apresentaram arquilexema, o que já disponibiliza uma informação potencialmente útil para os consulentes. Entretanto, entendemos que as definições que apresentam poucas características especificadoras/atributos definidores dispõem menos recursos aos seus consulentes, recursos estes que poderiam ser úteis em atividades características do contexto escolar dos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, como práticas produção e compreensão textual, e para o processo de aquisição lexical, por exemplo.

É relevante também destacar as contribuições dessa pesquisa. O primeiro ponto a salientar nesse plano é a interface teórica. Como vimos na nossa fundamentação teórica, já existem algumas vozes que defendem as contribuições da Linguística Cognitiva para a Lexicografia e esperamos que essa pesquisa some esforços nesse sentido. Contudo, defendemos uma relação contributiva dialética entre os dois campos de pesquisa, pois investigar como fenômenos essenciais da cognição se manifestam em diferentes textos, e o dicionário é um texto por excelência, também contribui para Linguística Cognitiva.

Também acreditamos que pesquisas na interface em questão contribuem para uma visão nova de dicionário tanto a nível teórico quanto a nível prático. Nesse sentido, os tipos de informação identificados e classificados a partir das definições analisadas, mais recorrentes em alguns dicionários e outros menos, tanto contribuem para a compreensão que temos das definições lexicográficas quanto podem ser usados como critérios nascidos de pesquisa para elaborar definições mais sistemáticas. Dessa forma, o hiato entre a Lexicografia Teórica e a Lexicografia Prática poderia ser, em algum grau, reduzido e o dicionário poderia vir a ser considerado como um produto mais científico. É *sine qua non* deixar claro que, no viés prático, não se trataria de engessar a estrutura definicional – mesmo porque a classificação proposta nesse trabalho pode e deve sofrer adequações apontadas por pesquisas futuras – mas de ter um norte mais claro a ser adequada a cada palavra-entrada a ser definida.

Entendemos também que as pesquisas em Lexicografia contribuem para desmistificar o dicionário como autoridade infalível e inquestionável sobre a língua. Dessa forma, o dicionário é um produto social, como assegura Biderman (2001), e acrescentamos que é ao mesmo tempo um produto da mente humana, e como tal apresenta reflexos dos seus processos cognitivos fundamentais. É, portanto, uma obra passível de estudos e críticas e sua organização textual e adequação às necessidades do seu público-alvo podem progredir.

É de suma importância salientar, também, que esta pesquisa possui suas limitações. Primeiramente, este não é um trabalho de campo. Dessa forma, nossos dados são oriundos das análises de trechos de estruturas de dicionários pela perspectiva de um pesquisador. Contudo, entender como os consulentes interagem com essas estruturas lexicográficas, que elementos eles observam, quais informação consideram relevantes e os ajudam em suas tarefas escolares, dentre outros fatores, são de grande relevância e deixam inquietações para pesquisas futuras. Outra limitação é que trabalhamos com uma porção restrita da megaestrutura dos dicionários, limitando-nos, pelas razões explicadas na metodologia, apenas à letra A. Nesse contexto, alguns fenômenos foram relativamente pontuais, como as definições que indicam organização de categorias por semelhança de família, mas não menos importantes. Dessa forma, é válido questionar que outros fenômenos ainda aguardam para ser descobertos nas páginas seguintes dos dicionários. Salientamos, ainda, que nossas investigações foram conduzidas apenas em dicionários tipo 3. Nesse sentido, os dados aqui obtidos abrem margem apenas para elucubrações sobre o que acontece nos outros tipos, bem como para análises contrastivas futuras. Ressaltamos, ainda, que trabalhamos apenas com substantivos concretos e de um campo semântico restrito, e, análises

futuras em outros campos semânticos e em outras classes de palavras podem revelar dados mais ou menos díspares.

É importante salientar que as pesquisas nessa interface entre Lexicografia e Linguística Cognitiva ainda estão tateando o que esse novo campo tem a apresentar/oferecer. Consideramos o *corpus* que foi delineado para essa pesquisa particularmente frutífero para observar os fenômenos a que nos propomos. Contudo, há um amplo horizonte de pesquisas pela frente.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. C. de; SOUSA, A. G. F. A prototipicidade em verbetes de dicionários escolares. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 39, n. 67, p. 110-117, jul./dez. 2014.
- ARAGÃO NETO, M. M. Categorização: dá para não fazê-la? **Fórum Lingüístico**, Florianópolis, v. 5, n. 2, p. 37-67, jul./dez. 2008.
- BARBOSA, M. A. Modelos em Lexicologia. **Língua e Literatura**, p. 261-279, 1995.
- BECHARA, E. (Org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras**. 3. ed. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. Dicionários na Contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). **Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p. 131-144, v. 1.
- BRASIL. **Com direito à palavra: Dicionários em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2012.
- BUGUEÑO MIRANDA, F. V. Balanços e Perspectivas da Lexicografia. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, n. 32, p. 15-37, 2013.
- CHAVES, C. R. D. **Le Robert micro: desvelando ideologia(s) em torno do gênero verbete**. 2011. 161f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.
- DUARTE, E. B. **Análise multimodal das definições imagéticas e de sua relação com o texto verbal na microestrutura do dicionário visual Merriam-Webster**. 2014. 136f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.
- DUQUE, P. H.; COSTA, M. A. **Linguística Cognitiva: em busca de uma arquitetura de linguagem compatível com modelos de armazenamento e categorização de experiências**. Natal: EDUFRN, 2012.
- FECHINE, L. A. R. **O metadiscorso multimodal de dois dicionários de aprendizagem monolíngues de língua inglesa**. 2013. 114f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2013.
- FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio**. Curitiba: Ed. Positivo, 2009.
- _____. **Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa**. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GEERAERTS, D. **Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GEIGER, P. (org.). **Caldas Aulete**: minidicionário contemporâneo da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I. Lexicografía y Lingüística Cognitiva. **Revista Española de Lingüística Aplicada**, Amsterdam, 2010.

LAKOFF, G. **Women, Fire and Dangerous Things**. What categories reveal about the mind. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LARA, L. F. O dicionário e suas Disciplinas. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.) **Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, v. 2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 133-152.

LORENTE, M. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. G. (Org.) **Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, v. 2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 19-30.

MOLINA, C. **Prototypicality Insights into the Lexicography of Colour Terms**. *Lexicographica*, 2005. p. 97-107.

MURIKAWA, C. A. A. Tradição Lexicográfica Portuguesa: Bluteau, Moraes e Vieira. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.) **Ciências do Léxico**: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, v. 1. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 153-159.

OSTERMANN, C. **Cognitive Lexicography**: a new approach to Lexicography making use of Cognitive Semantics. Berlin: De Gruyter, 2015.

PONTES, A. L. O dicionário na sala de aula: saberes e aplicações. In: _____.; COSTA, M. A. R. (Org.). **Ensino de língua materna na perspectiva do discurso**: uma contribuição para o professor, v 2. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008. p. 27-59.

_____. **Dicionário para uso escolar**: o que é como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

RAMOS, R. A. (Ed.). **Dicionário didático de língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: SM, 2011.

ROSCH, E. Cognitive representations of Semantic Categories. **Journal of Experimental Psychology**. v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975.

SANTOS, H. L. G. S. **Verbetes lexicográficos e processos**: uma abordagem metalexicográfica e sistêmico-funcional de dicionários escolares. 2016. 127f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2016.

SARAIVA, K. S. A.; OLIVEIRA, R. C. G. **Saraiva jovem**: dicionário da língua portuguesa ilustrado. São Paulo: Saraiva, 2010.

SOUSA, A. G. F. **Com a palavra o consulente: as relações entre imagem e texto em verbetes ilustrados**. 2014. 209f. Dissertação (mestrado acadêmico em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2014.

SILVA, A. S. Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, n. 1, p. 59-101, 1997.

WELKER, H. A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. 9. ed. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Triagem dos verbetes da letra A a partir de levantamento inicial das entradas no DEABL.

DEABL	AJ	CA	DDL	SJ	Verbetes selecionados
Abacate	Abacate	Abacate	Abacate	Abacate	Abacate
Abacaxi	Abacaxi*	Abacaxi	Abacaxi	Abacaxi	Abacaxi
Abio	Abio	Abio	Abio*	-----	
Abóbora	Abóbora	Abóbora	Abóbora	Abóbora	Abóbora
Abobrinha	Abobrinha	Abobrinha	Abobrinha*	Abobrinha	Abobrinha
Abricó	Abricó	Abricó	Abricó	Abricó	Abricó
Açaí	Açaí	Açaí	Açaí*	Açaí	Açaí
Acerola	Acerola*	Acerola	Acerola*	Acerola	Acerola
Alfarroba	-----	-----	-----	-----	
Ameixa	Ameixa	Ameixa	Ameixa	Ameixa	Ameixa
Amora	Amora	Amora	Amora*	Amora	Amora
Ananás	Ananás**	Ananás	Ananás*	Ananás**	Ananás
Araçá	Araçá	Araçá	Araçá*	Araçá	Araçá
Ata	Ata	-----	Ata	-----	
Avelã	Avelã	Avelã	Avelã	Avelã	Avelã
Azeitona	Azeitona	Azeitona	Azeitona	Azeitona	Azeitona